The image is a book cover for 'Amada' by Morgan Rice. It features a close-up, black and white photograph of a woman's face, focusing on her eyes and mouth. She has dark, smoky eye makeup and is looking directly at the viewer. Her mouth is slightly open, and a stream of red blood is dripping from the corner of her mouth. She is wearing a dark leather jacket. The background is dark and textured. The text is in a white, handwritten-style font.

livro 2 na série
Memórias de um Vampiro

amada

morgan rice

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

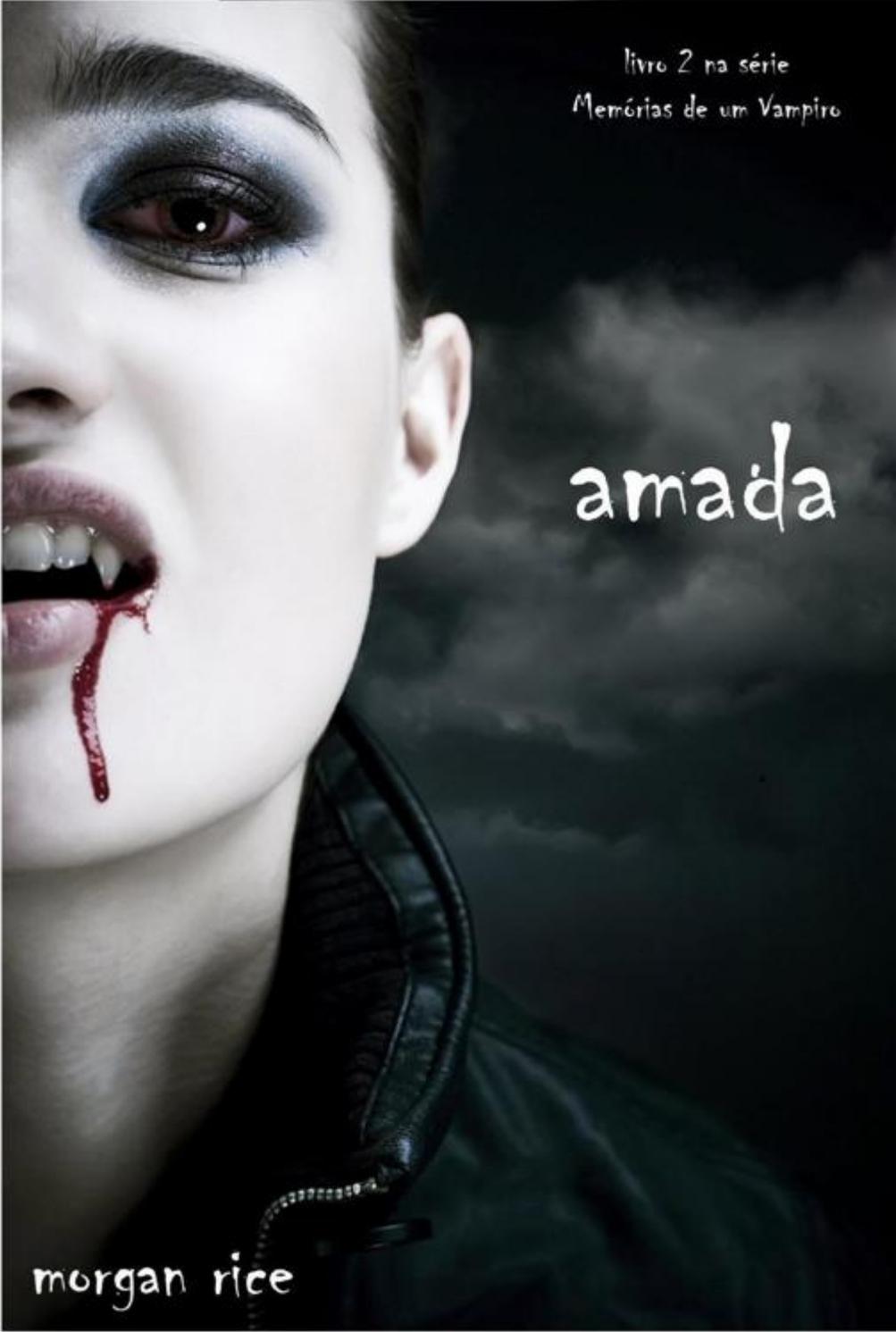
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



livro 2 na série
Memórias de um Vampiro

amada

morgan rice

AMADA

(livro 2 na série Memórias de um Vampiro) Morgan Rice Elogios selecionados para MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

"AMADA, o segundo livro da série Memórias de um Vampiro, é tão bom quanto o primeiro, TRANSFORMADA, e está cheio de ação, romance, aventura e suspense. Este livro é uma ótima adição à esta série e deixará você querendo mais de Morgan Rice. Se você amou o primeiro livro, agarre este e se apaixone novamente. Este livro pode ser lido como uma sequência, mas Rice o escreve de tal forma que você não precisa conhecer o primeiro livro para ler este ótimo volume."

--Vampirebooksite.com "A série MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO tem um ótimo enredo, e AMADA em particular é o tipo de livro que você não consegue largar à noite. O final criou um suspense tão espetacular que você irá querer comprar o próximo livro imediatamente, só para ver o que acontece. Como você pode ver, este livro foi um grande passo para a série e recebe um A sólido."

--The Dallas Examiner "Em AMADA, Morgan Rice demonstra novamente ser uma contadora de histórias extremamente talentosa... A melhor parte de AMADA é a história. Quando você tem conexões históricas reais em um livro, a tendência é você ficar ainda mais fascinado com o que acontece com os personagens."

--The Romance Reviews "TRANSFORMADA é um livro que pode competir com CREPÚSCULO e DIÁRIOS DO VAMPIRO, e fará com que você queira continuar lendo até a última página! Se você gosta de aventura, amor e vampiros, este é o livro para você!"

--Vampirebooksite.com Sobre Morgan Rice Morgan é a autora da série épica de fantasia best-seller, O ANEL DO FEITICEIRO, atualmente com dez livros. O primeiro livro da série, UMA MISSÃO DE HERÓIS, está disponível como um download GRATUITO no Amazon!

Morgan Rice é a autora do best-seller MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO, uma série infanto-juvenil com dez livros que foram

traduzidos em seis idiomas, e que começa com o livro TRANSFORMADA (Livro 1) um download GRATUITO no Amazon!

Morgan também é a autora dos best-sellers ARENA UM e ARENA DOIS, os primeiros dois livros da TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um suspense de ação pós-apocalíptico que se passa no futuro.

Morgan adora ler os seus comentários, por isso sintá-se livre para visitar www.morganricebooks.com e entrar em contato.

Livros de Morgan Rice O ANEL DO FEITICEIRO

UMA MISSÃO DE HERÓIS (Livro 1) UMA MARCHA DE REIS (Livro 2) UM BANQUETE DE DRAGÕES (Livro 3) UM CONFLITO DE HONRA (Livro 4) UMA PROMESSA DE GLÓRIA (Livro 5) UMA TAREFA DE VALOR (Livro 6) UM RITUAL DE ESPADAS (Livro 7) UMA DOAÇÃO DE ARMAS (Livro 8) UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro 9) UM MAR DE ESCUDOS (Livro 10) A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA ARENA UM: COMERCIANTES DE

ESCRAVOS (Livro 1) ARENA DOIS (Livro 2) MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro 1) AMADA (Livro 2) TRAÍDA (Livro 3) DESTINADA (Livro 4) DESEJADA (Livro 5) PROMETIDA (Livro 6) JURADA (Livro 7) ENCONTRADA (Livro 8) RESSUSCITADA (Livro 9) NECESSÁRIA (Livro 10) Clique aqui para baixar estes livros de Morgan Rice no Amazon agora!

ÍNDICE

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE

Copyright © 2011 de Morgan Rice Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido sob a Lei Americana de Direitos Autorais de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida em qualquer forma ou de qualquer maneira, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a permissão prévia da autora.

Este e-book está licenciado apenas para o seu entretenimento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado para outras pessoas. Se você desejar compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada recipiente. Se você estiver lendo este livro e não o adquiriu, ou se ele não foi adquirido apenas para o seu uso, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou são usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

FATO: Em Salem, Massachusetts, em 1692, doze garotas adolescentes conhecidas como "as afligidas," sofreram de uma

doença misteriosa que as levou à histeria e a gritar que bruxas locais as estavam atormentando. Isto levou aos julgamentos de bruxaria de Salem.

A doença misteriosa que atacou estas meninas nunca foi explicada até hoje.

“Viu, em sonho, minha estátua, esta noite, Como fonte que despejava sangue por cem bocas, Na qual as mãos banhavam, sorridentes e robustos romanos. Ela toma semelhante visão como advertência De perigo iminente e mau agouro...”

--William Shakespeare, Júlio César

UM

Hudson Valley, Nova York (Dias de hoje) Pela primeira vez em várias semanas, Caitlin Paine pôde relaxar. Sentando confortavelmente no chão do pequeno celeiro, ela se recostou em um bloco de feno, e expirou. Uma pequena fogueira queimava na lareira de pedra a cerca de três metros; ela havia acabado de adicionar um pedaço de madeira ao fogo, e se sentiu confortada pelo barulho da madeira estalando.

Março ainda não havia acabado, e aquela noite estava especialmente fria. A janela na parede distante oferecia uma visão do céu noturno, e ela pôde ver que a neve ainda estava caindo.

O celeiro não tinha aquecimento, mas ela sentou-se perto suficiente do fogo para tornar o frio suportável. Ela se sentiu muito confortável, e sentiu seus olhos pesarem. O cheiro do fogo dominava o celeiro, e ao se recostar um pouco mais, ela pôde sentir a tensão começar a abandonar seus ombros e pernas.

Claro, a verdadeira razão para a sua sensação de paz, ela sabia, não era o fogo ou o feno, ou até mesmo o abrigo do celeiro. Era ele. Caleb. Ela sentou e olhou para ele. Ele estava recostado na frente dela, a cerca de cinco metros de distância, perfeitamente quieto. Ele estava dormindo, e ela aproveitou a oportunidade para estudar o seu rosto, suas feições perfeitas, sua pele translúcida e pálida. Ela nunca havia visto feições tão perfeitamente esculpidas.

Era surreal, como observar uma escultura. Ela não conseguia entender como ele havia vivido por 3 mil anos. Ela, aos 18, já parecia mais velha do que ele. Mas aquilo ia além das feições dele. Ele tinha um certo ar, uma energia sutil que exalava. Uma grande sensação de paz.

Quando estava perto dele, ela sabia que tudo ficaria bem. Ela estava feliz por ele ainda estar ali, ainda com ela. E ela se permitiu esperar que eles ficassem juntos. Mas mesmo ao pensar nisso, ela repreendeu a si mesma, sabendo que estava se preparando para uma decepção.

Homens como ele, ela sabia, não ficavam por muito tempo. Eles não foram construídos desta forma.

Caleb dormia tão perfeitamente, respirando pouco, que era difícil para ela dizer se ele realmente estava dormindo. Ele disse que havia saído mais cedo para se alimentar. Ele retornou mais relaxado, com uma pilha de lenha, e havia descoberto uma forma de selar a porta do celeiro para bloquear a brisa da neve. Ele havia acendido a fogueira e, agora que estava dormindo, ela estava alimentando o fogo.

Ela pegou o copo e tomou mais um gole do vinho tinto, e sentiu o líquido quente relaxá-la lentamente. Ela havia encontrado a garrafa em um baú escondido, embaixo de uma pilha de feno; ela lembrou de quando seu irmão mais novo, Sam, a guardara ali, meses antes, por um capricho. Ela nunca havia bebido, mas não viu problema em tomar alguns goles, especialmente depois do que ela havia passado.

Ela segurou seu diário no colo, página aberta, uma caneta em uma mão e o copo em outra. Ela o estava segurando por 20 minutos. Ela não tinha ideia de onde começar. Ela nunca havia tido dificuldades para escrever antes, mas desta vez, era diferente. Os eventos dos últimos dias haviam sido dramáticos demais, difíceis demais para processar. Esta era a primeira vez que ela pôde sentar e relaxar. A primeira vez que ela se sentia remotamente segura.

Ela decidiu que era melhor começar do começo. O que havia acontecido. Por que ela estava ali. Quem ela era. Ela precisava processar aquilo. Ela nem sequer tinha certeza de que tinha essas respostas.

*

Até a semana passada, a vida era normal. Eu estava começando a gostar de Oakville. Então, mamãe chegou um dia e anunciou que nós estávamos nos mudando. De novo. A vida virou do avesso, como sempre acontecia com ela. Desta vez, era pior. Não era outro subúrbio. Era Nova York. A cidade. Escola pública e uma vida de concreto. E uma vizinhança perigosa.

Sam também estava furioso. Nós conversamos sobre não ir, sobre fugir. Mas a verdade era que nós não tínhamos para onde ir.

Então, fomos para Nova York. Nós prometemos secretamente que, se não gostássemos de lá, iríamos embora. Para qualquer lugar. Talvez até tentar encontrar o papai novamente, mesmo que ambos soubéssemos que aquilo não iria acontecer.

E então, tudo aconteceu. Tão rápido. Meu corpo. Se transformando. Mudando. Eu ainda não sei o que aconteceu, ou no que eu me transformei. Mas eu sei que não sou mais a mesma pessoa.

Eu lembro daquele noite fatídica, quando tudo começou. Carnegie Hall. Meu encontro com Jonah. E então... o intervalo. Eu, me... alimentando? Matando alguém? Ainda não consigo me lembrar. Eu só sei o que me disseram. Eu sei que fiz algo naquela noite, mas é tudo um borrão.

O que quer que eu tenha feito aquilo ainda parecia um poço em meu estômago.

Eu nunca desejaria machucar alguém. No dia seguinte, eu senti a mudança em mim. Eu estava definitivamente me tornando mais forte, mais rápida, mais sensível à luz. Eu senti cheiros também. Os animais estavam agindo de maneira estranha perto de mim, e eu me senti agindo de maneira estranha perto deles. E então, havia a mamãe. Me dizendo que não era minha mãe verdadeira, e sendo morta por aqueles vampiros, que estavam atrás de mim. Eu nunca desejaria vê-la ser machucada daquela forma. Eu ainda me sinto culpada por isso. Mas, com tudo o que está acontecendo, eu não posso pensar nisso. Eu preciso focar no que está na minha frente, no que eu posso controlar. Então, eu fui capturada. Aqueles terríveis vampiros. E

então, a minha fuga. Caleb. Sem ele, eu tenho certeza de que eles teria me matado. Ou algo pior.

O clã de Caleb. Seu povo. Tão diferentes. Porém, vampiros da mesma forma. Territoriais.

Ciumentos. Desconfiados. Eles me expulsaram, e não deram nenhuma escolha a ele. Mas ele escolheu. Apesar de tudo, ele me escolheu. Mais uma vez, ele me salvou. Ele arriscou tudo por mim. Eu o amo por isso. Mais do que ele jamais saberá. Eu preciso ajudá-lo em troca. Ele acha que eu sou a Escolhida, algum tipo de messias

vampiro ou algo assim. Ele está convencido de que eu o guiarei até algum tipo de espada perdida, que irá parar a guerra dos vampiros e salvar a todos.

Pessoalmente, eu não acredito nisso. Mas eu sei que isso é tudo o que ele tem, e significa o mundo para ele. E ele arriscou tudo por mim, e isso é o mínimo que eu posso fazer. Para mim, a questão não é a espada. Eu apenas não quero que ele se vá.

Então, eu farei o que for preciso. Eu sempre quis tentar encontrar o meu pai, de qualquer forma. Eu quero saber quem ele realmente é. Quem eu realmente sou. Se eu realmente sou meio vampira, ou meio humana, ou seja lá o que for. Eu preciso de respostas. Ao menos, eu preciso saber no que estou me tornando...

*

“Caitlin?”

Ela acordou atordoada. Ela olhou para cima e viu Caleb a observando, com as mãos gentilmente em seu ombro. Ele sorriu. “Eu acho que você caiu no sono,” ele disse. Ela olhou em sua volta, viu o diário aberto em seu colo e o fechou rapidamente. Ela sentiu suas bochechas corarem, esperando que ele não houvesse lido nada. Especialmente a parte sobre os seus sentimentos por ele.

Ela se sentou e esfregou os olhos. Ainda era noite, e o fogo ainda estava queimando, apesar de estar quase apagando. Ele também deve ter acabado de acordar. Ela se perguntou por quanto tempo ela havia dormido. “Desculpe,” ela disse. “É a primeira vez que eu dormi nos últimos dias.” Ele sorriu novamente e atravessou o celeiro na direção do fogo. Ele jogou mais lenha na fogueira e elas estalaram e sibilaram, enquanto o fogo aumentava. Ela sentiu o calor alcançar os seus pés.

Ele ficou parado ali, observando o fogo, e seu sorriso sumiu lentamente enquanto ele se perdia em seus pensamentos. Enquanto observava as chamas, o seu rosto se iluminou com um brilho quente, o tornando ainda mais atraente, se isso fosse possível. Seus grandes olhos castanhos se abriram, e enquanto ela o observava, eles mudaram de cor para um verde claro.

Caitlin se endireitou e viu que seu copo de vinho tinto ainda estava cheio. Ela tomou um gole, e ele a aqueceu. Ela não havia

comido em algum tempo, e o vinho subiu para a sua cabeça. Ela viu o outro copo de plástico ali e lembrou de suas boas maneiras. “Posso servir um pouco para você?” ela perguntou e adicionou nervosamente, “quer dizer, eu não sei se você bebe—” Ele riu. “Sim, os vampiros também bebem vinho,” ele disse com um sorriso, se aproximou e segurou o copo enquanto ela servia.

Ela estava surpresa. Não pelas palavras dele, mas pelo seu sorriso. Era suave, elegante, e parecia se misturar agradavelmente com o lugar. Como tudo nele, seu sorriso era misterioso.

Ela olhou em seus olhos quando ele levantou o copo até os lábios, esperando que ele também olhasse nos seus. Ele olhou. Então, ambos olharam para longe ao mesmo tempo. Ela sentiu seu coração bater mais forte.

Caleb voltou para o seu canto e sentou sobre o feno, se recostando e olhando para ela. Agora, ele parecia a estar estudando. Ela se sentiu constrangida. Ela passou a mão inconscientemente sobre suas roupas, e desejou que estivesse usando algo mais bonito. A sua mente voou enquanto ela tentava se lembrar do que estava usando. Em algum lugar no caminho, ela não conseguia se lembrar de onde, eles haviam parado brevemente em uma cidade, e ela havia ido até a única loja que eles tinham— uma loja do Exército da Salvação—e encontrado uma muda de roupas.

Ela olhou para baixo apavorada, e não reconheceu a si mesma. Ela estava usando calças jeans desbotadas e rasgadas, tênis grandes demais para ela, e um suéter por cima de uma camiseta.

Sobre o suéter, ela usava um casaco roxo desbotado, com um botão faltando, também grande demais para ela. Mas ele a aquecia. E naquele momento, era disso que ela precisava. Ela se sentiu embaraçada. Por que ele tinha que vê-la daquele jeito? Era típico da sorte dela que, na primeira vez que ela conhecia um rapaz de quem realmente gostava, ela não tinha sequer a chance de ficar bonita. Não havia banheiro neste celeiro e, mesmo que houvesse, ela não tinha nenhuma maquiagem para colocar. Ela olhou para longe novamente, se sentindo envergonhada. “Eu dormi por muito tempo?” ela perguntou. “Eu não tenho certeza, também acabei de

acordar," ele disse, se recostando e passando a mão pelo cabelo. "Eu me alimentei cedo esta noite. Isso me deixou cansado."

Ela olhou para ele. "Me explique isso," ela disse. Ele olhou para ela. "Se alimentar," ela adicionou. "Tipo, como funciona? Você... mata pessoas?"

"Não, nunca," ele disse. O celeiro ficou silencioso enquanto ele elaborava seus pensamentos.

"Como qualquer coisa na raça dos vampiros, é complicado," ele disse. "Depende do tipo de vampiro que você é, e o clã ao qual você pertence. No meu caso, eu só me alimento de animais. Cervos, na maioria das vezes. Existem muitos deles, e os humanos os caçam também—e nem sequer para comer."

A sua expressão se tornou sombria. "Mas outros clãs não são tão graciosos. Eles se alimentam de humanos. Normalmente, de indesejados."

"Indesejados?"

"Sem-teto, andarilhos, prostitutas... pessoas que não serão notadas. É assim que sempre foi.

Eles não querem chamar atenção para a raça. "É por isso que nós consideramos o meu clã, a minha raça de vampiros, como tendo o sangue puro, e outros tipos como impuros. Do que você se alimenta...a energia daquilo impregna você."

Caitlin ficou ali sentada, pensando.

"E eu?" Ela perguntou.

Ele olhou para ela.

"Por que eu quero me alimentar algumas vezes, mas não outras?"

Ele franziu a testa.

"Eu não tenho certeza. As coisas são diferentes para você. Você é mestiça. É algo muito raro..."

eu sei que você está se tornando adulta. Com outros, eles se transformam da noite para o dia.

Para você, é um processo. Pode levar algum tempo para que você se estabeleça, para que passe por todas as mudanças que passará."

Caitlin pensou e lembrou de suas dores de fome, como elas a haviam afligido de uma hora para a outra. Como elas a tornaram incapaz de pensar em qualquer coisa, a não ser se alimentar. Foi horrível. Ela temia que aquilo acontecesse novamente.

“Mas como eu vou saber quando aquilo acontecerá novamente?”

Ele olhou para ela. “Você não vai saber.”

“Mas eu jamais quero matar um humano,” ela disse. “Jamais.”

“Você não precisa. Você pode se alimentar de animais.”

“Mas e se isto acontecer quando eu estiver presa em algum lugar?”

“Você terá que aprender a controlar a fome. Precisa de prática. E força de vontade. Não é fácil.

Mas é possível. Você pode controlá-la. É algo pelo qual todo vampiro passa.”

Caitlin pensou sobre como seria capturar e se alimentar de um animal vivo. Ela sabia que já era mais rápida do que jamais havia sido, mas não sabia se era tão rápida. E ela não saberia o que fazer se realmente conseguisse capturar um cervo. Ela olhou para ele.

“Você me ensina?” ela perguntou, esperançosa.

Ele a olhou nos olhos, e ela pôde sentir seu coração batendo.

“Alimentar-se é algo sagrado em nossa raça. Sempre é feito sozinho,” ele disse, suavemente e quase se desculpando. “Exceto...” Ele parou.

“Exceto?” ela perguntou.

“Em cerimônias matrimoniais. Para unir marido e mulher.”

Ele desviou o olhar, e ela pôde vê-lo se agitar. Ela sentiu o sangue subir para o seu rosto, e de repente, o celeiro ficou muito quente. Ela decidiu deixar o assunto de lado. Ela não tinha nenhuma dor de fome no momento, e iria cruzar aquela ponte quando chegasse até ela. Ela esperou que ele estivesse ao seu lado quando este momento chegasse. Além disso, bem no fundo, ela não se importava muito com a alimentação, ou vampiros, ou espadas, ou qualquer coisa do tipo. O que ela realmente queria era saber mais sobre ele. Ou, na verdade, o que ele sentia por ela. Havia tantas perguntas que ela queria fazer a ele. Por que você arriscou tudo por mim? Foi apenas para encontrar a espada? Ou foi algo mais? Depois

que encontrar a espada, você ainda ficará comigo? Mesmo que o romance com humanos seja proibido, você infringiria esta regra por mim?

Mas ela estava com medo. Então, em vez disso, ela disse simplesmente: “Eu espero que nós encontremos a sua espada.”

Terrível, ela pensou. Isso é o melhor que você pode fazer? Você nunca vai ter a coragem de dizer o que está pensando? Mas a energia dele era intensa demais, e quando ela estava perto dele, era difícil pensar claramente.

“Eu também,” ele respondeu. “Ela não é uma arma qualquer. Foi desejada pela nossa raça por séculos. Dizem que ela é o melhor exemplo de espada turca já criada, feita de um metal que pode matar todos os vampiros. Com ela, nós seríamos invencíveis. Sem ela...”

Ele parou, aparentemente com medo de verbalizar as consequências.

Caitlin desejou que Sam estivesse ali, desejou que ele pudesse ajudá-los a encontrar o seu pai.

Ela examinou o celeiro novamente. Ela não viu nenhum sinal recente dele. Ela desejou, novamente, que não tivesse perdido seu celular no caminho. Ele teria tornado a vida muito mais fácil.

“Sam sempre ficava aqui,” ela disse. “Eu estava certa de que ele estaria aqui. Mas eu sei que ele voltou para esta cidade—eu tenho certeza. Ele não iria para nenhum outro lugar. Amanhã, nós iremos até a escola e eu vou conversar com meus amigos. Eu vou descobrir.”

Caleb consentiu com a cabeça. “Você acha que ele sabe onde o seu pai está?” ele perguntou.

“Eu...não sei,” ela respondeu. “Mas eu sei que ele sabe muito mais sobre ele do que eu. Ele vem tentando encontrá-lo a muito tempo. Se alguém sabe de alguma coisa, ele sabe.”

Caitlin lembrou de todos os momentos com Sam, de sua busca constante, mostrando novas pistas a ela, sempre acabando decepcionado. Todas as noites, ele ia para o seu quarto e sentava na beira da cama. O seu desejo de encontrar seu pai era esmagador, como algo vivo dentro dele. Ela também sentia o desejo, mas não

com a mesma intensidade que ele. De certa forma, a decepção dele era mais difícil de assistir. Caitlin pensou na infância complicada deles, em tudo que eles haviam perdido, e se sentiu dominada pela emoção de repente. Uma lágrima se formou no canto de seu olho e, envergonhada, ela a limpou rapidamente, esperando que Caleb não tivesse visto. Mas ele havia visto. Ele olhou para cima e a observou, intensamente.

Ele se levantou lentamente e sentou ao lado dela. Ele estava tão próximo que ela pôde sentir a sua energia. Era intensa. O coração dela começou a bater forte.

Ele passou um dedo gentilmente pelo cabelo dela, retirando-o do seu rosto. Então, ele pousou o dedo no canto do seu olho, descendo a sua bochecha. Ela manteve o rosto abaixado, olhando para o chão, com medo de encontrar os olhos dele. Ela podia senti-lo examinando-a.

“Não se preocupe,” ele disse, sua voz suave e forte a deixando completamente tranquila. “Nós encontraremos seu pai. E o faremos juntos.”

Mas não era com isto que ela estava preocupada. Ela estava preocupada com ele. Caleb.

Preocupada com o momento em que ele a deixaria. Se ela o encarasse, ela se perguntou se ele a beijaria. Ela queria muito sentir o toque dos seus lábios. Mas estava com medo de levantar a cabeça. Parecia que horas haviam se passado até que ela finalmente teve a coragem de levantá-la.

Mas ele já havia desviado o olhar. Ele estava recostado gentilmente sobre o feno, olhos fechados, dormindo, um sorriso gentil em seu rosto, iluminado pela luz do fogo. Ela deslizou para perto dele e se recostou, descansando a cabeça a alguns centímetros do ombro dele. Eles estavam quase se tocando. E aquilo era quase o suficiente para ela.

DOIS

Caitlin abriu a porta do celeiro e apertou os olhos para ver um mundo coberto de neve. A luz branca do sol refletia em tudo. Ela levou as mãos aos olhos, sentindo uma dor que nunca havia sentido: seus olhos a estavam matando. Caleb saiu e ficou ao lado dela, cobrindo seus braços e pescoço com um material fino e claro. Parecia filme plástico, mas parecia se dissolver na pele dele quando ele o usou. Ela nem sequer o enxergava.

“O que é isso?”

“Cobertura para a pele,” ele disse, olhando para baixo enquanto cobria cuidadosamente os seus braços e ombros. “É o que nos permite sair durante o dia. Sem ela, a nossa pele queimaria.” Ele olhou para ela. “Você não precisa dela—ainda.”

“Como você sabe?” ela perguntou.

“Confie em mim,” ele disse, sorrindo. “Você saberia.”

Ele colocou a mão no bolso e pegou um pequeno frasco de colírio, se inclinou para trás e pingou várias gotas em cada olho. Ele virou e olhou para ela.

Deve ter parecido óbvio que os olhos dela estavam doendo, porque ele colocou gentilmente a mão na testa dela. “Incline-se para trás,” ele disse. Ela se inclinou. “Abra os olhos,” ele disse.

Quando ela o fez, ele pingou uma gota em cada olho.

Aquilo ardeu muito, e ela fechou os olhos e baixou a cabeça. “Ai,” ela disse, esfregando os olhos. “Se você está bravo comigo, é só dizer.”

Ele sorriu. “Desculpe. Ele arde no começo, mas você vai se acostumar. A sua sensibilidade irá sumir em alguns segundos.”

Ela piscou e esfregou os olhos. Finalmente, ela olhou para cima e seus olhos não doíam mais.

Ele estava certo: toda a dor havia ido embora. “A maioria de nós ainda não sai durante o dia se não precisar sair. Todos nós ficamos mais fracos durante o dia. Mas algumas vezes, nós precisamos sair.”

Ele olhou para ela.

“Essa escola que ele frequenta,” ele disse. “É muito longe?”

“Apenas uma curta caminhada,” ela disse, pegando o braço dele e o guiando pelo quintal coberto de neve. “Oakville High. Era a minha escola também, até algumas semanas atrás. Um dos meus amigos deve saber onde ele está.”

*

Oakville High continuava a mesma escola que Caitlin lembrava. Era surreal estar de volta ali.

Olhando para a escola, ela sentiu como se tivesse apenas tirado curtas férias, e agora estava de volta à sua vida normal. Ela até se permitiu acreditar, por um breve segundo, que os eventos das últimas semanas haviam sido apenas um sonho louco. Ela se permitiu fantasiar que tudo estava completamente normal novamente, como sempre havia sido. Aquilo a fez se sentir bem. Mas quando ela viu Caleb parado ao lado dela, ela soube que nada estava normal.

Se havia algo mais surreal do que voltar lá, era voltar com Caleb ao seu lado. Ela estaria entrando em sua velha escola com aquele homem lindo ao seu lado, com bem mais de 1,80 m, ombros largos, todo de preto, com a gola alta de seu sobretudo preto de couro em torno do seu pescoço, abaixo do seu cabelo quase longo. Ele parecia ter acabado de sair de uma capa daquelas revistas populares para adolescentes.

Caitlin imaginou qual seria a reação das outras garotas quando a vissem com ele. Ela sorriu com a ideia. Ela nunca havia sido especialmente popular, e certamente nenhum rapaz havia prestado muita atenção nela. Ela não era impopular—ela tinha alguns bons amigos—mas ela também não estava no centro da panelinha mais popular. Ela imaginava estar em algum lugar no meio. Mesmo assim, ela lembrou de ter se sentido desprezada por algumas das garotas mais populares, que pareciam andar sempre juntas, caminhando pelos corredores com seus narizes empinados, ignorando qualquer um a quem não consideravam ser perfeitas como elas.

Agora, talvez, elas notassem.

Caitlin e Caleb subiram a escadaria e passaram pelas amplas portas duplas da escola. Caitlin olhou para o grande relógio: 8h30.

Perfeito. A primeira aula deveria estar acabando, e os corredores estariam se enchendo a qualquer segundo. Isso os tornaria menos visíveis. Ela não precisaria se preocupar com segurança, ou com um passe de corredor. Na hora certa, o sino tocou, e dentro de segundos, os corredores começaram a se encher. O lado bom de Oakville era o quão diferente ela era daquela horrível escola pública de Nova York. Aqui, até quando os corredores se enchiam, ainda havia bastante espaço para manobrar. Grandes janelas de vidro cobriam todas as paredes, deixando entrar a luz do sol e o céu, e era possível ver árvores onde quer que você fosse. Era quase o suficiente para fazê-la sentir falta de lá. Quase.

Ela estava cansada da escola. Tecnicamente, faltavam apenas alguns meses para a sua formatura, mas ela sentia que havia aprendido mais naquelas poucas semanas do que jamais aprenderia sentada em uma sala de aula por mais alguns meses e recebendo um diploma oficial. Ela adorava aprender, mas estaria perfeitamente feliz em nunca voltar para a escola.

Enquanto caminhavam pelo corredor, Caitlin procurou por rostos familiares. Eles estavam passando por calouros e alunos do segundo ano, e ela não encontrou ninguém da sua turma de veteranos. Mas, enquanto eles passavam pelos outros garotos, ela ficou surpresa em ver a reação no rosto de todas as garotas: todas elas literalmente encaravam Caleb. Nenhuma única garota tentou esconder isso, ou era capaz de não olhar. Era incrível. Era como se ela estivesse caminhando pelo corredor com Justin Bieber. Caitlin se virou e viu que todas as garotas haviam parado, ainda encarando. Várias estavam sussurrando umas para as outras. Ela olhou para Caleb, e se perguntou se ele havia notado. Se ele notou, não estava dando nenhum sinal disso, e ele certamente não parecia se importar.

“Caitlin?” uma voz chocada disse.

Caitlin se virou e viu Luisa ali parada, uma das garotas de quem ela era amiga antes de se mudar.

“Meu Deus!” Luisa disse entusiasmada, esticando seus braços para um abraço. Antes que Caitlin pudesse reagir, Luisa a estava abraçando. Caitlin a abraçou de volta. Foi bom ver um rosto familiar.

“O que aconteceu com você?” Luisa perguntou, falando com rapidez e entusiasmo, como sempre fazia, seu leve sotaque hispânico aparecendo, já que ela havia se mudado de Porto Rico apenas alguns anos antes.

“Eu estou muito confusa! Eu achei que você tinha se mudado! ? Eu lhe enviei mensagens, mas você nunca respondeu –”

“Eu sinto muito,” Caitlin disse. “Eu perdi meu telefone, e não tenho estado perto de nenhum computador, e–”

Luisa não estava ouvindo. Ela havia acabado de notar Caleb, e estava o observando, hipnotizada. O seu queixo literalmente caiu.

“Quem é o seu amigo?” ela finalmente perguntou, quase em um sussurro. Caitlin sorriu: ela nunca havia visto a sua amiga tão nervosa.

“Luisa, este é Caleb,” Caitlin disse.

“É um prazer,” Caleb disse, sorrindo e estendendo a sua mão.

Luisa apenas continuou a encará-lo. Ela levantou a mão lentamente, atordoada, obviamente chocada demais para falar. Ela olhou para Caitlin, sem entender como ela havia conseguido um homem assim. Ela olhou para Caleb de forma diferente, como se nem sequer soubesse quem ela era.

“Hum...” Luisa começou, com olhos arregalados, “...hum...tipo... onde...tipo...como vocês dois se conheceram?”

Por um segundo, Caitlin brincou com a ideia de como responder. Ela se imaginou contando tudo à Luisa, e sorriu ao pensar nisso. Não iria funcionar.

“Nós nos conhecemos...depois de um show,” Caitlin disse.

Pelo menos, aquilo era parcialmente verdade.

“Meu Deus, que show? Na cidade? O Black Eyed Peas! ?” ela perguntou apressadamente, “Eu estou morrendo de inveja! Estou louca para vê-los! ”

Caitlin sorriu ao imaginar Caleb em um show de rock. Por alguma razão, ela não conseguia imaginá-lo lá.

“Hum...não exatamente,” Caitlin disse. “Luisa, ouça, me desculpe por cortar você, mas eu não tenho muito tempo. Eu preciso saber onde Sam está. Você o viu?”

“Claro. Todos o viram. Ele voltou semana passada. Ele estava meio estranho. Eu perguntei onde você estava e qual era a dele, mas ele não me disse. Ele deve estar ficando naquele celeiro vazio que ele adora.”

“Não está,” Caitlin respondeu. “Nós estávamos lá.”

“Sério? Desculpe. Eu não sei. Ele é do segundo ano, não é? Nós não nos cruzamos muito. Você tentou enviar uma mensagem para ele? Ele está sempre no Facebook.”

“Eu não estou com o meu telefone—” Caitlin começou.

“Use o meu,” Luisa interrompeu, e antes que Caitlin pudesse terminar, ela enfiou seu celular na mão dela.

“O Facebook já está aberto. É só entrar e enviar uma mensagem para ele.”

Claro, Caitlin pensou. Por que eu não pensei nisso?

Caitlin entrou em sua conta, digitou o nome de Sam na caixa de pesquisa, abriu o seu perfil e clicou em mensagem. Ela hesitou, se perguntando o que escrever. Então, ela digitou: “Sam.

Sou eu. Eu estou no celeiro. Venha me ver. O mais rápido possível.”

Ela clicou em enviar e devolveu o telefone para Luisa. Caitlin ouviu uma comoção e se virou.

Um grupo das garotas veteranas mais populares estava vindo na direção deles. Elas estavam cochichando. E todas olhavam diretamente para Caleb. Pela primeira vez, Caitlin sentiu uma nova emoção crescer dentro dela. Ciúme. Ela podia ver nos olhos daquelas garotas, que nunca haviam prestado atenção nela, que elas adorariam roubar Caleb dela em um segundo. Estas garotas podiam ter qualquer garoto na escola, todos que elas quisessem. Não importava se ele tinha uma namorada ou não. Você apenas podia esperar que elas não olhassem para o seu namorado. E agora, todas estavam olhando para Caleb. Caitlin esperou, rezou, que Caleb fosse imune aos poderes delas. Que ele ainda gostasse dela. Mas, pensando nisso, ela não podia entender porque ele gostaria. Ela era tão comum. Por que ele ficaria com ela quando garotas como estas morreriam para tê-lo?

Caitlin rezou silenciosamente pedindo que as garotas continuassem caminhando. Apenas desta vez. Mas, claro, elas não o fizeram. O coração dela batia forte enquanto o grupo se virou e caminhou na direção deles.

“Olá, Caitlin,” uma das garotas disse à ela, com uma falsa gentileza na voz. Tiffany . Alta, cabelos longos e loiros, olhos azuis e magra como um palito. Vestida da cabeça aos pés com roupas de grife. “Quem é o seu amigo?”

Caitlin não sabia o que dizer. Tiffany , e suas amigas, nunca haviam dado nenhuma atenção à Caitlin. Elas nunca haviam sequer olhado para ela. Ela estava chocada em ver que elas sabiam que ela existia, e sabiam o seu nome. E agora, elas estavam iniciando uma conversa. Claro que Caitlin sabia que aquilo não tinha nada à ver com ela. Elas queriam Caleb. O suficiente para que se humilhassem ao ponto de falar com ela. Isto não era um bom sinal. Caleb deve ter sentido o desconforto de Caitlin, pois se aproximou dela e colocou um braço em seu ombro.

Caitlin nunca havia ficado tão agradecida por um gesto em sua vida. Com a sua nova confiança, Caitlin encontrou a força para falar. “Caleb,” ela respondeu.

“Então, o que vocês estão fazendo aqui?” outra garota perguntou. Bunny . Ela era uma réplica de Tiffany , porém morena. “Eu achei que você tinha, tipo, se mudado ou algo assim.”

“Bem, eu voltei,” Caitlin respondeu.

“Então, você é novo aqui também?” Tiffany perguntou à Caleb. “Você é veterano?”

Caleb sorriu. “Eu sou novo aqui, sim,” ele respondeu enigmaticamente.

Os olhos de Tiffany se iluminaram, interpretando aquilo como se significasse que ele era novo na escola. “Ótimo,” ela disse. “Vai ter uma festa hoje à noite, se você quiser aparecer. É na minha casa. É apenas para amigos próximos, mas nós adoraríamos se você fosse. E...

hum...você também, eu acho,” Tiffany disse, olhando para Caitlin. Caitlin sentiu a raiva crescendo dentro dela.

“Eu aprecio o convite, moças,” Caleb disse, “mas sinto muito em dizer que Caitlin e eu já temos um compromisso importante esta noite.”

Caitlin sentiu seu coração se encher.

Vitória.

Ao ver suas expressões desmoronarem como uma fileira de dominós, ela nunca se sentiu tão vingada. As garotas levantaram seus narizes e foram embora furtivamente. Caitlin, Caleb e Luisa ficaram parados ali, sozinhos. Caitlin expirou.

“Meu Deus! ” Luisa disse. “Aqueles garotas nunca deram a mínima para ninguém antes. Muito menos fizeram um convite.”

“Eu sei,” Caitlin disse, se recuperando.

“Caitlin! ” Luisa disse de repente, esticando o braço e segurando o dela, “Eu acabei de me lembrar. Susan. Ela disse algo sobre Sam. Semana passada. Disse que ele estava com os Coleman. Eu sinto muito, acabei de me lembrar. Talvez isto ajude.”

Os Coleman. Claro. Era lá que ele estaria. “Além disso,” Luisa continuou, com pressa, “nós todos vamos nos encontrar no Franks hoje à noite. Você tem que vir! Nós sentimos tanto a sua falta. E claro, traga Caleb. Vai ser uma festa legal. Metade da turma vai ir. Você tem que estar lá.”

“Bem... eu não sei –”

O sino tocou.

“Eu tenho que ir! Eu estou tão feliz por você estar de volta. Te adoro. Me ligue. Tchau! ” Luisa disse, acenando para Caleb, e se virou e andou apressada pelo corredor. Caitlin permitiu imaginar a si mesma voltando à sua vida normal. Passando tempo com todos os seus amigos, indo à festas, voltando para uma escola normal, prestes a se formar. Ela gostou daquele sentimento. Por um momento, ela realmente tentou expulsar todos os eventos da semana passada da sua mente. Ela imaginou que nada de ruim havia acontecido. Mas então, ela olhou para o lado e viu Caleb, e a realidade a inundou novamente. A sua vida havia mudado. Para sempre. E nunca voltaria a ser o que era. Ela precisava aceitar isto. Sem falar no fato de que ela havia matado alguém, e que a polícia estava procurando por ela. Ou que seria apenas uma questão de

tempo até que eles a encontrassem, em algum lugar. Ou o fato de que uma raça de vampiros inteira estava querendo matá-la. Ou que essa espada que ela estava procurando podia salvar a vida de muitas pessoas.

A vida definitivamente não é mais o que era, e nunca mais seria. Ela precisava aceitar a sua realidade atual. Caitlin colocou a mão no braço de Caleb e o guiou para as portas frontais. Os Coleman. Ela sabia onde eles viviam, e que aquilo fazia sentido, Sam ficar um tempo com eles.

Se ele não estava na escola, provavelmente estava lá agora mesmo. Era para lá que eles tinham que ir. Enquanto caminhavam para fora da escola e sentiram o ar fresco, ela se surpreendeu em se sentir tão bem por estar saindo daquela escola novamente—e desta vez, para sempre.

*

Caitlin e Caleb cruzaram a propriedade dos Coleman, a neve na grama sendo esmagada sob os seus pés. A casa não era grande coisa – um rancho modesto construído ao lado de uma estrada federal. Mas atrás dele, no fim do terreno, havia um celeiro. Caitlin viu todas as pick-ups velhas estacionadas de qualquer jeito no gramado, e pôde ver as pegadas no gelo e na neve, e sabia que havia um grande tráfego se direcionando para aquele celeiro.

Era isto que os garotos faziam em Oakville – se encontravam nos celeiros uns dos outros.

Oakville era tão rural quanto suburbana, e aquilo os dava uma chance de ficar em uma estrutura longe o suficiente das casas de seus pais para que eles não soubessem ou não se importassem com o que seus filhos estavam fazendo. Era bem melhor do que ficar no porão.

Os pais não conseguiam ouvir nada. E você tinha a sua própria entrada. E saída. Caitlin respirou fundo ao caminhar na direção do celeiro e puxar a pesada porta de madeira. A primeira coisa que ela percebeu foi o cheiro.

Maconha. Nuvens dela pairavam no ar. Maconha misturada com o cheiro de cerveja choca.

Muita cerveja. Então, o que ela percebeu—mais do que qualquer outra coisa—foi o cheiro de um animal. Ela nunca havia tido sentidos tão aguçados antes. O choque da presença desse animal correu pelos seus sentidos, como se ela tivesse acabado de cheirar amônia. Ela olhou para a direita e focou o olhar. Ali, no canto, estava um grande Rottweiler. Ele se sentou lentamente, olhou para ela e rosou. Ele deu um grunhido baixo e gutural. Era Butch. Ela se lembrava dele agora. O terrível Rottweiler dos Coleman. Como se os Coleman precisassem de um animal perverso para adicionar à imagem de caos deles.

Os Coleman sempre foram más notícias. Três irmãos—17, 15, e 13—e em algum momento do passado, Sam havia se tornado amigo do irmão do meio, Gabe. Um era pior do que o outro.

Seu pai havia ido embora a muito tempo, ninguém sabia para onde, e a mãe nunca estava em casa. Eles basicamente se criaram sozinhos. Apesar das suas idades, eles estavam sempre bêbados ou drogados, e passavam mais tempo fora da escola do que dentro dela.

Caitlin ficou triste em saber que Sam estava com eles. Aquilo não poderia resultar em nada bom. Música tocava no fundo. Pink Floyd. Wish You Were Here. Faz sentido, Caitlin pensou.

Estava escuro ali, especialmente vindo de um dia ensolarado, e os olhos dela precisaram de vários segundos para se ajustar. Ele estava ali. Sam. Sentando no meio daquele sofá velho, cercado por uma dúzia de meninos. Gabe estava de um lado e Brock do outro.

Sam estava inclinado sobre um bong de maconha. Ele havia acabado de inalar, soltou o bong e se recostou no sofá, sugando o ar e o segurando por tempo demais. Ele finalmente o soltou.

Gabe tocou nele, e Sam olhou para cima. Em um transe, ele olhou para Caitlin. Seus olhos estavam vermelhos.

Caitlin sentiu uma dor atravessar o seu estômago. Ela estava mais do que decepcionada. Ela sentiu que tudo aquilo era culpa dela. Ela se lembrou da última vez que eles se viram, em Nova York, da sua briga. As palavras duras dela. “Então vá!” ela havia gritado. Por que ela tinha que ter sido tão dura? Por que ela não teve a chance de retirar o que havia dito? Agora, era tarde demais. Se ela

tivesse escolhido palavras diferentes, talvez as coisas fossem diferentes agora.

Ela também sentiu uma onda de raiva. Raiva dos Coleman, raiva de todos os meninos naquele celeiro que ficavam sentados naqueles sofás e cadeiras velhas, em pilhas de feno, todos sentados, bebendo, fumando, não fazendo nada de suas vidas. Eles estavam livres para não fazer nada com suas vidas. Mas não estavam livres para envolver Sam naquilo tudo. Ele era melhor do que eles. Ele apenas nunca havia tido nenhuma orientação. Nunca teve uma figura paterna, nenhum carinho da mãe. Ele era um ótimo garoto, e ela sabia que ele poderia ser o melhor da sua classe agora mesmo, se tivesse tido apenas um lar estável. Mas, em algum momento, era tarde demais. Ela parou de se importar.

Ela deu vários passos na direção dele. "Sam?" ela perguntou.

Ele apenas olhou para ela, sem dizer uma palavra. Era difícil de ver o que estava naquele olhar.

Eram as drogas? Ele estava fingindo não se importar? Ou ele realmente não se importava? O

seu olhar de apatia a magoou mais do que qualquer coisa. Ela havia imaginado que ele ficaria feliz em vê-la, se levantaria e lhe daria um abraço. Não isto. Ele não parecia se importar. Era como se ela fosse uma estranha. Ele estava apenas agindo daquela forma na frente dos seus amigos? Ou ela realmente havia estragado as coisas para sempre desta vez? Vários segundos se passaram, e finalmente, ele olhou para longe, passando o bong para um de seus amigos. Ele continuou olhando para os seus amigos, e a ignorando.

"Sam! " ela disse, muito mais alto, seu rosto corando de raiva. "Eu estou falando com você! "

Ela ouviu os risinhos dos seus amigos perdedores, e sentiu a raiva crescendo em ondas pelo seu corpo. Ela estava começando a sentir algo mais. Um instinto animal. A raiva dentro dela estava crescendo à um ponto em que estava quase além do seu controle, e ela temeu que pudesse cruzar a linha a qualquer momento. Aquilo não era mais humano. Estava se tornando animal. Aqueles meninos eram grandes, mas o poder que crescia em suas veias a certificou de que ela poderia lidar com todos eles em um instante. Ela estava

tendo dificuldade em controlar a sua raiva, e ela esperava que fosse forte o suficiente para isto.

Ao mesmo tempo, o Rottweiler começou a rosnar mais alto, caminhando lentamente na direção dela. Era como se ele sentisse que algo estava chegando. Ela sentiu uma mão gentil em seu ombro. Caleb. Ele ainda estava lá. Ele deve ter sentido a sua raiva crescendo, o instinto animal entre eles. Ele estava tentando acalmá-la, dizer para ela se controlar, não se deixar levar pela emoção. A presença dele a tranquilizou. Mas não era fácil. Sam finalmente se virou e olhou para ela. Havia uma rebeldia em seus olhos. Ele ainda estava bravo. Isso era óbvio.

“O que você quer?” ele resmungou.

“Por que você não está na escola?” foi a primeira coisa que ela se ouviu dizer. Ela não sabia exatamente por que havia dito aquilo, especialmente com todas as outras coisas que ela queria perguntar a ele. Mas o instinto materno nela falou mais alto. E foi aquilo que saiu. Mais risinhos. A raiva dela aumentou.

“Por que você se importa?” ele disse. “Você me disse para ir embora.”

“Eu sinto muito,” ela disse. “Eu não quis dizer aquilo.”

Ela ficou feliz de ter a chance de dizer isso. Mas ele não pareceu muito comovido. Ele apenas a encarou.

“Sam, eu preciso falar com você. Em particular,” ela disse.

Ela queria tirá-lo daquele ambiente, levá-lo para fora, sozinho, onde eles realmente pudessem conversar. Ela não só queria saber sobre o pai deles; ela também queria conversar com ele, como eles costumavam fazer. E queria contar a ele sobre a sua mãe. Gentilmente. Mas isso não iria acontecer. Ela podia ver isso agora. As coisas estavam piorando. Ela sentiu que a energia naquele celeiro lotado era negra demais. Violenta demais. Ela podia sentir a si mesma perdendo o controle. Apesar da mão de Caleb, ela simplesmente não conseguia parar o que a estava dominando.

“Eu estou bem aqui,” Sam disse.

Ela pôde ouvir mais risadas entre os amigos dele.

“Por que você não relaxa?” um dos garotos disse à ela. “Você está tão tensa. Venha sentar. Dê uma tragada.”

Ele alcançou o bong para ela. Ela se virou e olhou para ele.

“Por que você não enfia esse bong naquele lugar?” ela ouviu a si mesma dizer, por trás de dentes cerrados. Um coro de vaias veio do grupo de garotos. “Oh, DROGA!” um deles gritou.

O garoto que havia oferecido o bong a ela, um garoto grande e musculoso que, ela sabia, havia sido expulso do time de futebol, ficou um vermelho vivo.

“O que você disse, vadia?” ele disse, se levantando.

Ela olhou para ele. Ele era muito mais alto do que ela lembrava, pelo menos dois metros de altura. Ela pôde sentir Caleb apertar mais o seu ombro. Ela não sabia se ele havia feito aquilo para tentar acalmá-la, ou por que ele mesmo estava ficando tenso. A tensão no lugar subiu dramaticamente.

O Rottweiler se aproximou. Ele estava a apenas 30 centímetros de distância. E rosnava demais.

“Jimbo, relaxe,” Sam falou para o garoto grande.

Ali estava o Sam protetor. Fosse como fosse, ele a protegeria. “Ela é uma chata, mas não quis dizer aquilo. Ela ainda é minha irmã. Acalme-se.”

“Eu quis dizer aquilo,” Caitlin gritou, mais irritada do que nunca. “Vocês acham que são legais?”

Drogando o meu irmão? Vocês são um bando de perdedores. Vocês não estão indo a lugar algum. Se vocês querem estragar as suas vidas, vão em frente, mas não envolvam o Sam!”

Jimbo parecia ainda mais irritado, se fosse possível. Ele deu alguns passos ameaçadores na direção dela.

“Olha só quem é. A senhorita professora. A senhorita mamãe. Aqui para nos dizer o que fazer!” Um coro de risadas.

“Por que você e o seu namorado gay não vem aqui e me obrigam?” Jimbo chegou mais perto, esticou sua enorme pata e empurrou o ombro de Caitlin. Grande erro. A raiva explodiu dentro de Caitlin, além de qualquer coisa que ela pudesse controlar. No segundo em que o dedo de Jimbo a tocou, ela esticou o braço com a velocidade de um raio, e o torceu. Houve um barulho alto quando o pulso dele quebrou. Ela puxou o seu pulso até as suas costas e o jogou com o rosto no chão. Em menos de um segundo, ele estava

no chão, indefeso. Ela se aproximou e colocou o pé na nuca dele, o prendendo no chão. Jimbo gritou de dor.

“Jesus Cristo, meu pulso, meu pulso! Vadia desgraçada! Ela quebrou o meu pulso! ”

Sam se levantou, assim como todos os outros, olhando, em choque. Ele parecia realmente chocado. Como a sua irmãzinha podia ter derrubado um garoto tão grande, e tão rápido, ele não tinha ideia.

“Peça desculpas,” Caitlin rosnou para Jimbo. Ela estava chocada com o som da sua própria voz.

Ela soava gutural. Como um animal.

“Desculpe. Desculpe, desculpe! ” Jim gritou, gemendo.

Caitlin queria deixá-lo ir embora, acabar com tudo aquilo, mas uma parte dela não conseguia fazê-lo. A raiva a havia dominado muito repentinamente e com muita força. Ela simplesmente não conseguia parar. A raiva ainda continuava a crescer. Ela queria matar aquele garoto.

Estava além da razão, mas ela realmente queria.

“Caitlin! ?” Sam gritou. Ela pôde ouvir o medo na voz dele. “Por favor! ”

Mas Caitlin não podia parar. Ela realmente iria matar aquele garoto. Naquele momento, ela ouviu um rosnado, e pelo canto do olho, ela viu o cão. Ele pulou, em pleno ar, com os dentes apontados para a garganta dela. Caitlin reagiu instantaneamente. Ela soltou Jimbo e, em um único movimento, pegou o cão no ar. Ela ficou embaixo dele, segurou o seu estômago e o jogou. Ele voou pelo ar, três metros, seis, com tamanha força que ele cruzou a sala e atravessou a parede do celeiro. A parede quebrou com um barulho de estilhaços, enquanto o cachorro latiu e saiu pelo outro lado.

Todos na sala olharam para Caitlin. Eles não conseguiam processar o que haviam acabado de ver. Aquilo havia sido claramente um ato de força e velocidade sobre-humana, e não havia nenhuma explicação possível para aquilo. Todos ficaram parados lá, bocas abertas, olhando.

Caitlin se sentiu dominada pela emoção. Raiva. Tristeza. Ela não sabia o que sentia, e ela não confiava mais em si mesma. Ela não

conseguia falar. Ela precisava sair dali. Ela sabia que Sam não viria. Ele era uma pessoa diferente agora. E ela também era.

TRÊS

Caitlin e Caleb caminharam lentamente pela beira do rio. Este lado do Hudson havia sido negligenciado, cheio de fábricas abandonadas e depósitos de combustível fora de uso. O lugar era desolado, mas pacífico. Quando olhou em sua volta, Caitlin viu enormes pedaços de gelo flutuando pelo rio, se separando lentamente naquele dia de março. O barulho delicado e sutil do gelo rachando enchia o ar. Eles pareciam de outro mundo, refletindo a luz da forma mais estranha, enquanto uma lenta névoa subia. Ela sentiu a vontade de caminhar até um daqueles blocos de gelo, sentar nele e deixá-lo levá-la para onde ele fosse. Eles caminharam em silêncio, cada um no seu próprio mundo. Caitlin se sentiu envergonhada por ter exibido tanta raiva na frente de Caleb. Envergonhada por ter sido tão violenta, por não conseguir controlar o que estava acontecendo com ela.

Ela também estava envergonhada por seu irmão, pela forma que ele agiu, por andar com aqueles perdedores. Ela nunca o havia visto agir daquela forma antes. Ela estava envergonhada por ter feito Caleb passar por aquilo. Com certeza, não foi a melhor maneira dele conhecer a família dela. Ele deve pensar o pior dela. Aquilo, mais do que qualquer coisa, realmente a magoava. E o pior de tudo, ela estava com medo de onde eles iriam em seguida.

Sam havia sido a sua melhor esperança de encontrar o seu pai. Ela não tinha nenhuma outra ideia. Se ela tivesse, já o teria encontrado, muitos anos atrás. Ela não sabia o que dizer a Caleb.

Ele iria embora agora? Claro que iria. Ela não era útil para ele, e ele precisava encontrar a espada. Por que ele ficaria com ela? Enquanto caminhavam em silêncio, ela sentiu um nervosismo crescer, ao imaginar que Caleb estava apenas esperando pelo momento certo para escolher suas palavras com cuidado, para dizer a ela que ele precisava ir. Como todos na sua vida.

“Eu realmente sinto muito,” ela disse finalmente, suavemente, “pela maneira que eu agi antes.

Sinto muito por ter perdido o controle.”

“Não sinta. Você não fez nada de errado. Você está aprendendo. E você é muito poderosa.”

“Eu também sinto muito pela maneira que meu irmão agiu.”

Ele sorriu. “Se existe uma coisa que eu aprendi durante os séculos, é que você não pode controlar a sua família.”

Eles continuaram caminhando em silêncio. Ele olhou para o rio.

“Então?” ela perguntou, finalmente. “E agora?”

Ele parou e olhou para ela.

“Você vai embora?” ela perguntou, hesitante.

Ele parecia estar imerso em seus pensamentos.

“Você consegue pensar em qualquer outro lugar onde o seu pai possa estar? Alguma outra pessoa o conhecia? Qualquer coisa?”

Ela já havia tentado. Não havia nada. Absolutamente nada. Ela balançou a cabeça.

“Deve haver alguma coisa,” ele disse com empatia. “Pense bem. As suas memórias. Você não tem nenhuma memória?”

Caitlin pensou bem. Ela fechou os olhos e realmente desejou lembrar. Ela havia feito a mesma pergunta a si mesma, muitas vezes. Ela havia visto o pai, muitas vezes, em sonhos, e não sabia mais o que era sonho e o que era realidade. Ela podia recitar sonho após sonho nos quais ela o havia visto, sempre o mesmo sonho, ela correndo por um campo, ele parado à distância, então, ele se afastando conforme ela chegava mais perto. Mas aquele não era ele. Eram apenas sonhos. Havia flashbacks, memórias de quando ela era uma criança, indo com ele para algum lugar. No verão, ela imaginava. Ela lembrava do oceano. E de que estava calor, muito calor. Mas mesmo assim, ela não tinha certeza de que aquilo era real. O limite parecia cada vez mais embaçado. E ela não conseguia lembrar exatamente onde aquela praia era.

“Eu sinto muito,” ela disse. “Eu queria ter alguma coisa. Se não por você, por mim. Eu não tenho nada. Não tenho a mínima ideia de onde ele está. E eu não tenho a mínima ideia de como encontrá-lo.”

Caleb se virou e olhou para o rio. Ele suspirou profundamente. Ele observou o gelo, e seus olhos mudaram de cor novamente, desta vez para um cinza marinho. Caitlin sentiu que o momento estava

chegando. A qualquer momento, ele iria se virar para ela e dar a notícia. Ele estava indo embora. Ela não era mais útil para ele. Ela quase quis inventar alguma coisa, mentir sobre seu pai, sobre alguma pista, apenas para que ele ficasse com ela. Mas ela sabia que não faria isto.

Ela sentiu vontade de chorar.

“Eu não entendo,” Caleb disse suavemente, ainda olhando para o rio. “Eu tinha certeza de que você era a escolhida.”

Ele ficou em silêncio. Parecia que horas haviam passado, enquanto ela esperava.

“E há mais uma coisa que eu não entendo,” ele disse, finalmente, virando e olhando para ela.

Os seus grandes olhos eram hipnotizantes.

“Eu sinto algo quando estou com você. Obscuro. Com os outros, eu sempre consigo ver as vidas que compartilhamos, todas as vezes que nossos caminhos se cruzaram, em qualquer encarnação. Mas com você... tudo está obscuro. Eu não vejo nada. Isso nunca aconteceu comigo antes. É como se... eu estivesse sendo impedido de ver algo.”

“Talvez nós não tenhamos compartilhado nada,” Caitlin respondeu.

Ele balançou a cabeça.

“Eu veria isso. Com você, eu não consigo ver nada. Nem o nosso futuro juntos. E isto nunca aconteceu comigo. Nunca—em 3 mil anos. Eu me sinto como se... lembrasse de você, de alguma forma. Eu sinto como se estivesse prestes a ver tudo. Está na ponta da minha mente.

Mas nada chega. E isto está me enlouquecendo.”

“Então,” ela disse, “talvez não aja nada. Talvez seja apenas o aqui e o agora. Talvez, nunca tenha havido algo mais, e talvez nunca haja.”

Imediatamente, ela se arrependeu de suas palavras. Lá foi ela novamente, abrindo a boca, dizendo coisas estúpidas que ela não tinha a intenção de dizer. Por que ela havia dito aquilo?

Era o total oposto do que ela estava pensando, sentindo. Ela queria dizer: Sim. Eu sinto o mesmo. Eu sinto como se tivesse

estado com você desde sempre. E que estarei com você para sempre. Mas em vez disso, tudo saiu errado. Era porque ela estava nervosa. E agora, ela não podia retirar o que havia dito.

Mas Caleb não se deu por vencido. Em vez disso, ele se aproximou, levantou uma mão e a colocou lentamente no rosto dela, puxando seu cabelo para trás. Ele olhou profundamente nos olhos dela, e ela viu seus olhos mudarem novamente, desta vez, do cinza para o azul. Eles a encaravam fixamente. A conexão era irresistível. O coração dela batia e ela sentiu um incrível calor subir por todo o seu corpo. Ela se sentiu como se estivesse se perdendo. Ele estava tentando se lembrar? Ele estava prestes a dizer adeus? Ou ele estava prestes a beijá-la?

QUATRO

Se havia alguma coisa que Kyle odiava mais do que humanos, eram políticos. Ele não aguentava a sua postura, sua hipocrisia, seu complexo de superioridade. Ele não aguentava a sua arrogância. E baseada em nada. A maioria deles havia vivido menos de 100 anos. Ele havia vivido mais de cinco mil. Quando eles falavam sobre a sua “experiência passada”, ele ficava fisicamente doente.

Era o destino de Kyle que ele precisasse conviver com eles, passar por eles todas as noites, quando ele levantava de seu sono e subia para a superfície através da prefeitura. O Clã Blacktide havia criado seu habitat nas profundezas da prefeitura de Nova York à séculos atrás, e o clã sempre havia tido uma parceria próxima com os políticos. Na verdade, a maioria dos supostos políticos que ocupavam a sala eram membros secretos do seu clã, executando os seus desejos pela cidade e pelo estado. Era um mal necessário, essa mescla, fazer negócios com humanos.

Mas haviam humanos suficientes entre aqueles políticos para arrepiar a pele dele. Ele detestava ter que permitir a presença deles no prédio. Ele ficava especialmente incomodado quando eles se aproximavam demais dele. Enquanto caminhava, ele inclinou o

ombro na direção de um deles, o empurrando com força. “Ei!” o homem gritou, mas Kyle continuou caminhando, cerrando o maxilar e indo na direção das portas duplas no fim do corredor.

Kyle mataria todos eles se pudesse. Mas ele não tinha permissão. Seu clã ainda tinha que responder ao Conselho Supremo, e por alguma razão, eles ainda estavam evitando o confronto. Esperando pela hora certa para acabar com a raça humana para sempre. Kyle estava esperando por milhares de anos, e ele não sabia o quanto mais ele poderia esperar.

Haviam alguns belos momentos na história em que eles haviam chegado perto, quando haviam recebido autorização. Em 1350, na Europa, quando todos haviam finalmente chegado à um consenso, e haviam espalhado a Peste Negra juntos. Aquele foi um grande momento.

Kyle sorriu ao lembrar daquilo.

Haviam outros bons momentos também—como a Idade Média, quando eles tiveram permissão de guerrear por toda a Europa, matar e estuprar milhões. Kyle deu um sorriso largo.

Aqueles haviam sido os melhores séculos da sua vida. Mas nas últimas centenas de anos, o Conselho Supremo havia se tornado tão fraco, tão patético. Como se tivessem medo dos humanos. A Segunda Guerra Mundial havia sido boa, mas tão limitada e breve. Ele queria mais.

Desde então, nenhuma grande peste ou guerra de verdade haviam acontecido. Era quase como se a raça dos vampiros estivesse paralisada, com medo do número e dos poderes crescentes dos humanos. Agora, finalmente, eles estavam mudando de ideia. Enquanto Kyle saía pela porta da frente, descia a escada e saía da prefeitura, ele tinha uma certa animação no passo. Ele acelerou o passo, ansioso pela sua ida até o Porto da Rua Sul. Havia uma grande encomenda esperando por ele. Dezenas de milhares de caixas com Peste Bubônica perfeitamente intacta e geneticamente modificada. Eles a estavam armazenando na Europa por centenas de anos, perfeitamente preservada desde o último surto. E agora, eles a haviam modificado para ser completamente resistente à antibióticos. E tudo ficaria à cargo de Kyle.

Para fazer como ele quisesse. Para começar uma nova guerra no continente americano. No seu território. Ele seria lembrado por séculos. Pensar naquilo fez Kyle dar uma gargalhada, apesar de que, com as suas expressões faciais, a sua risada parecia mais com um rosnado. Ele teria que prestar contas à Rexius, o líder do seu clã, claro, mas isso era apenas um detalhe técnico.

Na verdade, ele seria o líder. Os milhares de vampiros no seu clã —e em todos os clãs vizinhos—responderiam à ele. Ele seria mais poderoso do que já havia sido. Ky le já sabia como ele espalharia a peste: ele espalharia um carregamento na Penn Station, um na Grand Central, e um na Times Square. Tudo perfeitamente sincronizado, tudo na hora do rush.

Aquilo realmente faria as coisas acontecerem. Dentro de alguns dias, ele acreditava, metade de Manhattan estaria infectada, e dentro de outra semana, todos estariam. Esta peste se espalhava rapidamente, e da forma que eles a haviam fabricado, ela seria transmissível pelo ar. Os patéticos humanos iriam isolar a cidade, claro. Fechar pontes e túneis. Parar o tráfego aéreo e de embarcações. E aquilo era exatamente o que ele queria. Eles estariam trancando a si mesmos no terror que seguiria. Presos, morrendo da peste, Kyle e seus milhares de criados iriam criar uma guerra vampírica como nada que a raça humana havia visto. Dentro de dias, eles matariam todos os nova-iorquinos.

E então, a cidade seria deles. Não apenas o subterrâneo, mas a superfície também. Seria o começo, o canto da sereia pra cada clã em cada cidade, em cada país, para que fizessem o mesmo. Dentro de algumas semanas, os Estados Unidos seria deles, se não o mundo inteiro. E

Kyle seria aquele que havia começado tudo. Ele seria lembrado. Aquele que havia colocado a raça dos vampiros na superfície para sempre. Claro que eles sempre poderiam encontrar uma forma de usar os humanos restantes. Eles poderiam escravizar aqueles que sobrevivessem, armazená-los em grandes fazendas de criação. Kyle adoraria isso. Ele faria questão de deixá-los roliços e gordos, e então, sempre que a raça dele estivesse com fome, eles teriam uma

grande variedade para escolher. Todos perfeitamente maduros. Sim, os humanos fariam bons escravos.

E refeições deliciosas, se criados adequadamente. Kyle salivou ao pensar naquilo. Bons momentos estavam à sua frente. E nada ficaria no seu caminho. Nada, além daquele maldito clã White, enraizado embaixo dos Claustros. Sim, eles seriam uma pedra no seu caminho. Mas não uma pedra muito grande. Assim que ele encontrasse aquela garota horrível, Caitlin, e aquele traidor renegado, Caleb, eles o levariam até a espada. E então, o clã White ficaria indefeso. Nada sobraria para ficar no caminho dele. Kyle se encheu de ódio ao pensar naquela garotinha estúpida, escapando das suas garras. Ela havia o feito de idiota. Ele virou na Wall Street, e um transeunte, um homem grande, teve o azar de passar por ele. Quando os seus caminhos se cruzaram, Kyle o empurrou com o ombro o mais forte que pôde. O homem caiu para trás por vários metros, batendo em uma parede.

O homem, vestido em um bom terno, gritou, “Ei cara, qual é o seu problema! ?”

Mas Kyle o encarou com um sorriso irônico, e a expressão do homem mudou. Com 1,98 m, ombros enormes e características impressionantes, Kyle não era um homem que pudesse ser desafiado. O homem, apesar do seu tamanho, se virou rapidamente e continuou caminhando.

Ele sabia o que era melhor para ele. Empurrar o homem o fez se sentir um pouco melhor, mas a raiva de Kyle ainda era grande. Ele pegaria aquela garota. E a mataria lentamente. Mas agora não era a hora. Ele precisava limpar a mente. Ele tinha coisas mais importantes para fazer. O

carregamento. O cais. Sim, ele respirou fundo e, lentamente, sorriu novamente. O

carregamento estava a apenas algumas quadras de distância. Este seria o seu Natal.

CINCO

Sam acordou com uma enorme dor de cabeça. Ele abriu um olho e percebeu que havia desmaiado no chão do celeiro, no feno. Estava frio. Nenhum dos amigos dele haviam se preocupado em atizar o fogo na noite anterior. Todos estavam chapados demais. E o pior, a sala ainda estava girando. Sam levantou a cabeça, puxando um pedaço de feno da sua boca, e sentiu uma dor terrível em suas têmporas. Ele havia dormido em uma posição estranha, e o seu pescoço doía quando ele virava a cabeça. Ele esfregou os olhos, tentando tirar as teias de aranha deles, mas elas não estavam saindo facilmente. Ele realmente havia exagerado na noite anterior. Ele lembrou do bong. Depois da cerveja, do whisky, e de mais cerveja. Do vômito. E

depois de mais maconha, para suavizar todo o resto. E então, de desmaiar, em algum momento da noite. Quando ou onde, ele não conseguia lembrar.

Ele estava com fome, mas enjoado ao mesmo tempo. Ele sentiu como se pudesse comer uma pilha de panquecas e uma dúzia de ovos, mas também sentiu que iria vomitar no momento que comesse. Na verdade, ele sentia vontade de vomitar de novo naquele momento. Ele tentou lembrar de todos os detalhes do dia anterior. Ele lembrou de Caitlin. Aquilo, ele não conseguiria esquecer. Ela aparecendo ali. Ela derrubando Jimbo daquele jeito. O cachorro. Que diabos? Tudo aquilo havia acontecido mesmo? Ele olhou ao redor e viu o buraco na lateral da parede, por onde o cachorro havia passado. Ele sentiu o ar frio entrando, e soube que aquilo havia realmente acontecido. Ele não sabia o que pensar. E quem era aquele cara que estava com ela? O cara parecia um zagueiro da NFL, mas pálido demais. Ele parecia ter acabado de sair do Matrix. Sam não conseguia nem imaginar quantos anos ele tinha. O estranho era que, Sam sentiu que o conhecia de algum lugar. Sam olhou ao redor e viu todos os seus amigos, desmaiados em várias posições, a maioria deles roncando. Ele pegou seu relógio do chão e viu que era 11h. Eles ainda dormiriam por algum tempo. Sam cruzou o celeiro e pegou uma garrafa de água. Ele ia tomá-la, quando olhou para baixo e viu que a garrafa estava cheia de tocos de cigarro. Enojado, ele a colocou no chão e procurou por outra garrafa. Do canto do seu olho,

ele viu um jarro meio cheio de água no chão. Ele o pegou e bebeu, e não parou até que houvesse bebido quase metade do jarro.

Ele se sentiu melhor. A sua garganta estava tão seca. Ele respirou fundo e colocou uma mão em uma têmpora. A sala ainda estava girando. Tudo fedia ali. Ele tinha que sair. Sam cruzou a sala e abriu a porta do celeiro. O ar frio da manhã o fez se sentir bem. Felizmente, o dia estava nublado. Ainda estava claro demais, e ele apertou os olhos para enxergar. Mas não tão claro quanto poderia estar. E a neve estava caindo novamente. Ótimo. Mais neve. Sam costumava adorar a neve. Especialmente dias de neve, quando ele podia faltar a escola. Ele lembrou de ir com Caitlin até o topo da montanha e descer de trenó por horas. Mas agora, ele faltava a escola o tempo todo, então a neve não fazia diferença; Agora, ela era uma enorme chatice.

Sam colocou a mão no bolso e retirou um pacote amassado de cigarros. Ele colocou um na boca e o acendeu.

Ele sabia que não devia estar fumando. Mas todos os seus amigos fumavam, e eles ficavam lhe oferecendo cigarros. Finalmente, ele disse, por que não? Então, ele havia começado a fumar algumas semanas antes. Agora, ele estava começando a gostar. Ele estava tossindo bem mais, e o seu peito já doía, mas ele pensou, e daí? Ele sabia que os cigarros o matariam. Mas ele realmente não via a si mesmo vivendo por muito tempo, de qualquer forma. Ele nunca acreditou nisso. Em algum lugar, nas profundezas da sua mente, ele nunca havia acreditado que chegaria aos 20 anos. Agora que a sua mente estava começando a ficar clara, ele pensou novamente no dia anterior. Caitlin. Ele se sentiu mal com aquilo. Muito mal. Ele a amava.

Realmente a amava. Ela havia vindo até ali para vê-lo. Por que ela lhe perguntou sobre o pai deles? Ele havia imaginado aquilo? Ele também não conseguia acreditar que ela estava ali. Ele se perguntou se a mãe deles havia enlouquecido com a partida dela. Ela deve ter enlouquecido. Ele podia apostar que ela estava enlouquecendo naquele momento.

Provavelmente tentando encontrar os dois. Mas pensando bem. Talvez ela não estivesse.

Quem se importa? Ela havia os feito se mudar pela última vez. Mas Caitlin. Ela era diferente.

Ele não deveria tê-la tratado daquele jeito. Ele deveria ter sido mais gentil. Ele apenas estava chapado demais naquele momento. Mesmo assim, ele se sentiu mal. Ele imaginou que havia uma parte dele que queria que as coisas voltassem ao normal, o que quer que isso fosse. E ela havia sido a coisa mais próxima que ele tinha do normal.

Por que ela havia voltado? Ela estava se mudando de volta para Oakville? Isso seria incrível.

Talvez eles pudessem encontrar um apartamento juntos. Sim, quanto mais Sam pensava naquilo, mais ele gostava da ideia. Ele queria falar com ela. Sam tirou o celular do bolso e viu uma luz vermelha piscando. Ele tocou no ícone e viu que tinha uma nova mensagem no Facebook. De Caitlin. Ela estava no velho celeiro. Perfeito. É para lá que ele iria.

*

Sam estacionou, e caminhou pela propriedade, até o velho celeiro. O "velho celeiro" era tudo o que eles precisavam dizer. Eles sabiam o que aquilo significava. Era um lugar para onde eles sempre iam quando moravam em Oakville. Ele ficava nos fundos de uma propriedade com uma casa vazia que estava à venda a anos. A casa ficava lá, vazia, custando demais. Ninguém nem sequer veio vê-la, pelo o que eles sabiam. E nos fundos da propriedade, bem no fundo, havia este celeiro superlegal, parado ali, totalmente vazio. Sam o havia descoberto um dia, e o havia mostrado para Caitlin. Nenhum deles viu algum problema em passar tempo dentro dele.

Os dois odiavam o seu pequeno trailer, odiavam ficar trancados nele com a mãe. Uma noite, eles ficaram no celeiro até tarde, conversando, assando marshmallows na sua lareira legal, e ambos caíram no sono. Depois daquele dia, eles ficavam lá de vez em quando, especialmente quando as coisas ficavam complicadas demais em casa. Pelo menos eles o estavam usando.

Depois de alguns meses, eles começaram a sentir como se o celeiro fosse a sua casa.

Sam cruzou a propriedade, quase pulando, esperando ver Caitlin. A sua mente estava clara agora, especialmente depois daquele café grande do Dunkin' Donuts que ele bebeu no carro antes de chegar. Ele sabia que, aos 15 anos, ele não deveria estar dirigindo. Mas ele ainda tinha dois anos até conseguir a sua carteira de motorista, e não queria esperar. Ele ainda não havia sido parado. E ele sabia dirigir. Então, por que esperar? Seus amigos o deixavam usar a pick-up deles, e isso já era bom o suficiente para ele. Quando Sam se aproximou do celeiro, ele se perguntou de repente se aquele cara grande estaria com ela. Havia algo naquele cara... ele não conseguia identificar o que era. Ele não conseguia entender o que ele estava fazendo com Caitlin. Eles estavam namorando? Caitlin sempre havia contado tudo a ele. Como ele nunca havia ouvido falar dele antes? E por que Caitlin estava perguntando sobre o pai do nada? Sam estava irritado consigo mesmo, porque ele realmente tinha notícias que ele queria contar a ela. Sobre aquele dia. Ele finalmente havia recebido uma resposta para uma das suas solicitações no Facebook. Era o seu pai. Era realmente ele. Ele disse que sentia falta deles e queria vê-los. Finalmente. Depois de todos aqueles anos. Sam já havia respondido. Eles estavam começando a conversar novamente. E o seu pai queria vê-lo. Queria ver os dois. Por que Sam não tinha contado à ela? Bem, pelo menos, ele podia contar agora.

Enquanto Sam caminhava, neve embaixo das botas, neve caindo ao seu redor com uma velocidade crescente, ele começou a se sentir feliz novamente. Com Caitlin por perto, as coisas poderiam até voltar ao normal. Talvez, ela havia aparecido na hora certa, quando ele estava tão mal, para ajudá-lo a sair daquela situação. Ela sempre acabava fazendo isso. Talvez, esta fosse a sua chance.

Ao colocar a mão no bolso para pegar outro cigarro, ele parou. Talvez, ele pudesse mudar as coisas. Sam amassou os cigarros e os jogou na grama. Ele não precisava deles. Ele era mais forte do que isso. Ele abriu a porta do celeiro, pronto para surpreender Caitlin e lhe dar um grande abraço. Ele a diria que sentia muito também e as coisas ficariam bem novamente. Mas o celeiro estava vazio.

"Olá?" Sam chamou, sabendo, mesmo ao fazê-lo, que ninguém estava lá.

Ele notou as fracas chamas na lareira, o fogo deve ter sido apagado à algumas horas atrás. Mas não haviam sinais de pertences, de qualquer coisa que mostrasse que eles ainda estavam ali.

Ela tinha ido embora. Provavelmente, com aquele cara. Por que ela não podia ter esperado por ele? Dado uma chance a ele? Apenas algumas horas? Sam sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco fortíssimo no estômago. Sua própria irmã. Até ela não se importava mais. Ele precisou sentar. Ele sentou em uma pilha de feno, e descansou a cabeça nas mãos. Ele pôde sentir a sua dor de cabeça voltando. Ela realmente havia ido embora. Será que ela tinha ido para sempre? Bem no fundo, ele sentiu que a resposta era sim.

Sam finalmente respirou fundo. Certo. Ele se sentiu endurecer. Ele estava sozinho. Ele sabia como lidar com aquilo. Ele não precisava de ninguém mesmo.

“Ei, você.”

Era uma linda e suave voz feminina. Sam olhou para cima, esperando por um segundo que fosse Caitlin. Mas ele já sabia, desde o segundo que ouviu a voz, que não era ela. Aquela era a voz mais bonita que ele já havia ouvido. Uma garota estava parada na entrada do celeiro, recostada casualmente contra a parede. Uau. Ela era linda. Tinha cabelos longos, ondulados e vermelhos, olhos verdes brilhantes. Um corpo perfeito. E ela parecia ter a sua idade, talvez alguns anos a mais. Uau. Ela era incrível. Sam se levantou.

Ele mal podia acreditar, mas da forma que ela estava olhando para ele, parecia que ela estava paquerando, que ela estava interessada nele. Ele nunca havia visto uma garota olhar para ele daquela forma. Ele não podia acreditar na sua sorte.

“Meu nome é Samantha,” ela disse docemente, se aproximando e estendendo a mão.

Sam se aproximou e colocou sua mão na dela. A sua pele era tão macia. Ele estava sonhando?

O que aquela garota estaria fazendo ali, no meio do nada? Como ela havia chegado ali? Ele não ouviu um carro parar, ou até mesmo alguém caminhar na direção do celeiro. E ele havia acabado de chegar ali. Ele não conseguia entender.

“Meu nome é Sam,” ele disse.

Ela deu um sorriso largo, revelando dentes perfeitos e brancos. O seu sorriso era incrível. Sam sentiu seus joelhos enfraquecerem, quando ela olhou diretamente para ele.

“Sam, Samantha,” ela disse. “Eu gosto de como soa.”

Ele olhou para ela, sem saber o que dizer.

“Eu vi você aqui e imaginei que estivesse com frio,” ela disse.

“Você quer entrar?”

Sam pensou muito, mas não conseguiu entender o que ela queria dizer.

“Entrar?”

“Na casa,” ela disse, sorrindo ainda mais, como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

“Você sabe, com paredes e janelas?”

Sam tentou entender o que ela estava dizendo. Estava convidando para entrar na casa? A que estava à venda? Por que ela o convidaria para entrar?

“Eu acabei de comprá-la,” ela disse, como se respondesse aos seus pensamentos. “Eu ainda não tive a chance de tirar a placa de Vende-se,” ela adicionou.

Sam estava chocado. “Você comprou aquela casa?”

Ela encolheu os ombros. “Eu tinha que morar em algum lugar. Estou estudando na Oakville High. Tenho que terminar o meu último ano.”

Uau. Então, isso explicava tudo. Então, ela estava na Oakville. E era uma veterana. Talvez, ele também voltasse para a escola. Claro. Se ela estava lá, por que não?

“Sim, claro, pode ser,” ele disse, o mais casualmente possível.

“Por que não? Eu adoraria dar uma olhada.”

Eles se viraram e caminharam juntos, na direção da casa. Enquanto andavam, Sam passou pelo pacote de cigarros amassado, esticou a mão e o pegou. Com Caitlin longe, quem se importava?

“Então, você é, tipo, nova aqui?” Sam perguntou.

Ele sabia que era uma pergunta idiota. Ela já havia dito a ele que era nova. Mas ele não sabia mais o que dizer. Ele nunca havia sido bom de conversa.

Ela apenas sorriu. "Algo assim."

"Por que aqui?" ele adicionou. "Quero dizer, sem ofensa, mas esta cidade é uma droga."

"Longa história," ela disse misteriosamente.

Ele percebeu algo.

"Então, tipo, espere um minuto, você disse que comprou a casa? Você? Você não quer dizer os seus pais?"

"Não, eu quis dizer eu. Eu mesma," ela respondeu. "Eu a comprei."

Ele ainda não conseguia entender. Ele não queria parecer um idiota, mas ele tinha que entender aquilo.

"Então, tipo, a casa é só para você? Os seus pais —"

"Meus pais estão mortos," ela disse. "Eu a comprei. Para mim. Eu tenho 18 anos. Sou uma adulta. Posso fazer o que eu quiser."

"Uau," Sam disse, genuinamente impressionado. "Isso é tão legal. Uma casa inteira para você."

Uau. Quero dizer, eu sinto muito pelos seus pais, mas eu... eu não conheço ninguém assim, que tenha uma casa na nossa idade."

Ela olhou para ele e sorriu. "Existem muitas surpresas que você vai descobrir sobre mim."

Ela abriu a porta e observou enquanto ele entrou na casa entusiasticamente. Ele era tão facilmente manipulado. Ela umedeceu os lábios, sentindo a fome crescendo em seus dentes da frente. Aquilo seria muito mais fácil do que ela imaginava.

SEIS

Caleb e Caitlin ficaram parados ao lado do rio, olhando nos olhos um do outro. Ela tremeu, preocupada com a possibilidade de que ele estivesse prestes a dizer adeus. Mas algo chamou a atenção dele, e a sua linha de visão mudou repentinamente. Ele olhou para o pescoço dela, e pareceu paralisado. Ele esticou o braço, e ela sentiu seus dedos tocarem a garganta dela. Ela sentiu o metal. Sua gargantilha. Ela havia esquecido que estava usando-a. Ele levantou a gargantilha e a examinou.

“O que é isso?” ele perguntou suavemente.

Ela colocou a sua mão sobre a dele. Era a sua cruz, sua pequena cruz de prata.

“É apenas uma cruz velha,” ela respondeu.

Mas antes que ela tivesse terminado de dizer aquelas palavras, ela percebeu: a cruz era velha.

Tinha estado na sua família por gerações. Ela não lembrava quem tinha lhe dado a gargantilha, ou quando, mas ela sabia que era antiga. E que havia vindo da família de seu pai. Sim. Aquilo significava algo. Talvez até fosse uma pista. Ele a observava atentamente, examinando-a.

“Esta não é uma cruz normal,” ele disse. “As suas pontas são curvas. Eu não vejo uma dessas à mil anos. É a cruz de São Pedro,” ele observou, fascinado. “Como você conseguiu isto?”

“Eu...sempre a tive,” ela disse sem fôlego, seu entusiasmo crescendo.

“Esta é a marca de um clã antigo. De Jerusalém. Um clã secreto, de grande poder. Haviam rumores de que ele nem existisse. Como você tem isto?”

Ela sentiu seu coração batendo forte. “Eu... não sei. Me disseram que ela pertencia ao meu pai.

Eu... nunca havia pensado sobre isso.”

Ele virou a cruz gentilmente, olhando a parte de trás. Seus olhos se abriram.

“Ela tem uma inscrição.”

Ela acenou com a cabeça, lembrando de repente. Sim. Havia uma inscrição. O que era?

“Algo em grego, eu acho,” ela disse.

“Latim,” ele corrigiu. “Spina rosam et congregari Salem,” ele disse, e olhou para ela, como se esperasse que ela houvesse entendido. Ela não tinha ideia. Nunca havia tido.

“Aqui diz: A rosa e o espinho se encontram em Salem.”

Ele olhou para ela, e ela retornou o olhar. Sua mente voou, se perguntando o que aquilo significava. Seus olhos brilhavam com um novo propósito.

“Isto pertencia ao seu pai. Deve ter pertencido. Aquela inscrição é um antigo enigma vampírico. Ele está lhe dizendo como encontrá-lo. Ele está nos dizendo para onde ir.”

Ela olhou para ele. “Salem?”

Ele assentiu seriamente. Ele colocou uma mão em seu ombro. “Eu me importo muito com você. Eu não quero vê-la machucada. Esta guerra é minha. Eu não quero que você seja envolvida. As coisas vão ficar perigosas, e você não é totalmente vampira. Você pode se machucar. Você não precisa vir comigo, especialmente agora que eu sei para onde ir. Você já me ajudou mais do que eu posso agradecer.”

Caitlin sentiu seu coração afundar em seu peito. Ele não a queria por perto? Ou ele estava tentando protegê-la? Ela sentiu que a segunda opção era mais provável.

“Eu sei que tenho uma escolha,” ela disse. “Eu escolho ficar com você.”

Ele a encarou por um longo tempo, e finalmente assentiu. “OK,” ele disse.

“Além disso,” ela adicionou, sorrindo, “Eu não posso deixar você conhecer a minha família sozinho.”

SETE

Kyle caminhava entusiasmadamente pelas ruas de paralelepípedos do porto da Rua Sul, dobrando a velocidade. Ele havia imaginado aquele momento por anos. Ele dobrou a esquina, e já podia começar a vê-lo. O navio. O navio dele. Disfarçado como um navio histórico em exibição de um país europeu, ele ficaria ancorado no porto por uma semana. Como estes humanos eram estúpidos. Eles acreditavam em quase qualquer coisa. Confiavam demais para pensar em verificar o casco daquela peça histórica. Para descobrir que ela podia significar a morte deles. Seu cavalo de Tróia.

Adicionando estupidez à estupidez, turistas tolos se reuniam em torno do navio, encantados em ver aquela peça histórica tão próxima deles. Se eles soubessem. Kyle passou pela multidão aos empurrões, e foi na direção de um beco. Quatro homens fortes estavam de guarda, mas quando eles olharam para frente e o viram se aproximando, todos acenaram em reconhecimento e rapidamente abriram caminho. Todos eram membros da raça dele. Todos vestidos de preto, e tão altos quanto ele. Kyle podia sentir a raiva vinda deles também, e ela o relaxou. Ele sempre se sentia melhor entre seus iguais.

Eles se separaram respeitavelmente, e assim que Kyle passou entre eles, eles fecharam o beco novamente. Kyle se aproximou da parte de trás do navio, escondida do público. Vários outros da sua raça estavam próximos do navio, e quando o viram se aproximando, começaram a trabalhar imediatamente. Eles baixaram uma enorme rampa ao lado do casco, e começaram baixar um grande pacote, dentro de uma caixa de madeira. Dez homens desciam a imensa caixa pela rampa, até a rua de paralelepípedos. Kyle caminhou até ela. "Meu mestre," um vampiro baixo e careca disse a Kyle, correndo até ele e curvando-se.

Este homem estava suando muito, e parecia muito nervoso. Seus olhos estavam se movendo loucamente. Ele devia estar preocupado

com a polícia. E parecia que ele estava esperando há muito tempo. Ótimo. Kyle gostava de fazer as pessoas esperarem.

“Está tudo aqui,” o homem continuou, com pressa. “Nós checamos várias vezes. Está tudo em perfeito estado, meu mestre.”

“Eu quero ver,” Kyle disse.

O homem estalou os dedos e quatro homens correram até ele. Eles levantaram pés de cabra e removeram uma das tábuas de madeira. Eles retiraram camada após camada de plástico grosso. Finalmente, Kyle se aproximou e esticou o braço. Ele sentiu um frasco frio de vidro, e o retirou da caixa. Ele o levantou, examinando-o sob a luz de um poste de rua. Exatamente como ele se lembrava. Micróbios da peste bubônica se agitavam em sua mão, perfeitamente intactos. Ele sorriu lentamente. Agora, a sua guerra podia começar.

*

Kyle não perdeu nenhum tempo. Dentro de algumas horas, ele estava na Penn Station, pronto para trabalhar. Enquanto ele caminhava pela estação, contra o fluxo da multidão, seu temperamento aflorou. Ele caminhou na direção de hordas de pessoas, na hora do rush, todos correndo para chegar em casa e encontrar suas pequenas famílias e casas e maridos e esposas patéticos. Ele sentiu o seu ódio se fortalecer. Se havia algo que ele detestava mais do que um humano, eram multidões deles, correndo em todas as direções como se as suas vidas fossem até um pouco importantes, como se os seus míseros 100 anos na terra tivessem alguma consequência. Kyle havia vivido mais e sobrevivido à todos eles, geração após geração, por milhares de anos. Até os humanos mais significativos, como César e Stalin e—seu favorito, Hitler—havam sido praticamente esquecidos depois de algumas centenas de anos da sua morte. Eles eram algo em sua época, mas nada logo depois. Seus movimentos frenéticos, sua presunção, o irritavam profundamente. Ele queria matar todos eles. E ele o f aria.

Mas não naquele momento. Kyle tinha um trabalho importante a fazer. Realmente importante. Ele estava cercado por um pequeno grupo de oito vampiros fortes, e todos eles cruzavam a multidão o mais rápido possível. Cada um carregava uma mochila. E cada

mochila estava cheia com 300 frascos da peste. Eles se dividiriam em quatro equipes, e cada equipe, como os quatro cavaleiros do apocalipse, iriam espalhar a sua morte na estação. Uma equipe iria cobrir a própria estação Penn, uma ficaria no caminho para a Grand Central, uma ficaria nas linhas de metrô A, C, ou E e uma ficaria na linha 1 ou 9 do trem. Kyle reservou o melhor local para si mesmo: Amtrak. Ele sorriu ao pensar que a sua porção da peste se espalharia mais longe do que qualquer uma das outras. E talvez, ele pudesse alcançar outras cidades também.

Kyle tinha outros vampiros criados trabalhando duro, em estações do metrô por toda a cidade, na Grand Central, e na Times Square. Kyle acenou com a cabeça, e as equipes se separaram imediatamente. Ele caminhou sozinho para a entrada da Oitava Avenida. Ele desceu pela escada rolante, caminhou até o fim da plataforma e continuou caminhando, para longe dos olhares. Ele pulou rapidamente nos trilhos. Quando ele desceu, os ratos abriram caminho. Eles podiam sentir a sua presença. Que irônico, Kyle pensou. Foram os ratos que haviam espalhado a peste da primeira vez. Agora, eles fugiam dela.

Kyle andou na direção da escuridão, para dentro do túnel, se mantendo ao lado dos trilhos. Ele continuou caminhando, e finalmente chegou à junção onde todos os trilhos se encontravam.

Ele abriu sua mochila e retirou um frasco, e o segurou sob a luz de emergência. Ele mal podia conter o seu entusiasmo. Ele colocou a mochila no chão, colocou ambas as mãos dentro dela e começou a trabalhar. Depois de tantos séculos de espera, agora era apenas uma questão de horas.

OITO

Sam não conseguia acreditar na sua sorte. Ele estava conhecendo a casa incrível de uma garota linda—nada menos do que uma veterana—que parecia estar interessada nele. Ela era gostosa.

E muito legal. E ela tinha uma casa inteira só para ela. Era como se um anjo de Deus tivesse descido e a deixado no colo dele. Ele ainda não conseguia acreditar. Aquilo era exatamente o que ele precisava, e na hora exata. Ele tinha medo de que a sua sorte mudasse a qualquer momento, e ela pedisse que ele fosse embora. Mas ela não parecia ter nenhuma pressa de mandá-lo embora. Na verdade, ela parecia querer companhia. E ela nem tinha se importado em vê-lo no seu celeiro. Na verdade, ela parecia ter gostado de encontrá-lo ali.

Ele não podia acreditar. Ele nunca havia tido tanta sorte antes. Enquanto ele andava pela casa, percebeu que ela estava basicamente vazia. Nenhuma comida na geladeira, e pouca mobília.

Havia apenas uma cadeira aqui e ali, e um pequeno sofá. Aquilo o fez se sentir bem, por que ele podia ajudá-la. Se ela quisesse. Ele podia ajudá-la a ajeitar o lugar, mover coisas, comprar comida, retirar neve, o que ela precisasse. Mesmo que ela apenas o deixasse ficar no celeiro, seria legal. E se ela o quisesse na casa, bem, isso seria incrível. E o mais importante, ele realmente gostava dela. Ele estava solitário. Ele percebia agora. Ele realmente gostava de estar perto dela.

“E esta é a sala de estar,” ela disse, ao levá-lo até a última sala. Não havia quase nada lá, nenhum quadro na parede, nenhum tapete no chão —apenas um pequeno sofá de dois lugares no centro.

“Desculpe por tudo ainda estar tão vazio,” ela disse. “Eu acabei de chegar aqui. Eu não quis trazer nada das minhas coisas velhas. Eu achei melhor ter um novo começo.”

Sam ficou parado ali, assentindo. Ele estava louco para fazer um monte de perguntas à ela.

Como: de onde você é? Como os seus pais morreram? Por que você veio para cá? Mas ele também não queria se intrometer demais. Então ele ficou ali parado, balançando a cabeça como um idiota.

Ele também estava um pouco nervoso. Ele estava realmente atraído por ela, mais que já havia estado por qualquer garota antes, e ele não sabia o que dizer—e não confiava em si mesmo para dizer alguma coisa. Ele pensou que, se dissesse alguma coisa, ela sairia errada.

“Quer sentar?” ela perguntou, ao sentar no sofá.

E como. Ele tentou ocultar o seu entusiasmo. Ele tentou caminhar o mais casualmente possível, e sentou ao lado dela. Era um sofá pequeno, e a sua perna encostou na dela quando ele sentou. Ele conseguia sentir o cheiro do seu perfume, e sentiu seu sangue ferver. Estava ficando difícil pensar claramente. Ela colocou uma perna embaixo da outra, e se virou para ele.

Ela ficou sentada ali, sorrindo, olhando nos olhos dele, e ele se perguntou pela milionésima vez se aquilo era apenas um sonho, se um dos amigos dele estava lhe pregando uma peça.

“Então,” ela disse. “Me conte sobre você.”

“Tipo o quê?” ele perguntou.

“Você é daqui?”

Sam pensou em como responder aquela pergunta. Não era fácil.

“Não, na verdade não. Mas eu acho que posso dizer que sou daqui, já que morei aqui mais tempo do que qualquer outro lugar. Nós nos mudamos muito. A minha família. Bem, eu, minha irmã e minha mãe.”

“E o seu pai?” ela perguntou imediatamente.

Sam encolheu os ombros.

“Ele nunca estava por perto. Elas me disseram que ele se mudou quando eu era pequeno. Eu não me lembro.”

“Você não tentou encontrá-lo?”

Sam olhou nos olhos dela e se perguntou se ela conseguia ler a sua mente.

“É engraçado que você pergunte,” ele disse, “porque eu estou tentando encontrá-lo. E sempre quis saber. Mas eu nunca descobri

nada. Até semana passada.”

Os olhos dela se abriram com surpresa. Sam estava surpreso em ver quão entusiasmada ela parecia. Ele não conseguia entender porquê. Por que ela se importaria?

“Mesmo?” ela perguntou. “Onde ele está?”

“Bem, eu não sei exatamente, mas nós temos conversado no Facebook. Ele diz que quer me ver.”

“Então? Por que você não vai vê-lo?”

“Eu quero vê-lo. É que tudo aconteceu muito rápido. Eu acho que apenas preciso de um plano.”

“O que você está esperando?” ela perguntou, sorrindo.

Sam pensou. Ela estava certa. O que ele estava esperando?

“Por que você não escreve para ele? Planeja vê-lo? Você sabe, se você não planejar, as coisas não acontecem nunca. Se eu fosse você, eu lhe enviaria uma mensagem agora mesmo,” ela disse.

Sam olhou nos olhos dela, e quando o fez, ele sentiu seus pensamentos mudarem. Tudo que ela disse fazia tanto sentido. Era estranho: ele quase sentiu como se, cada vez que ela dizia algo, o pensamento se tornava dele. Ela estava certa. Ele não deveria esperar.

Ele colocou a mão no bolso, pegou o seu telefone e entrou no Facebook. Ao fazê-lo, ela se aproximou dele, inclinou seu ombro sobre o dele e olhou para o seu telefone com ele. Seu coração começou a bater. Ele adorou sentir o ombro dela tocando o dele. Ele era tão macio, e se encaixava perfeitamente. Ele podia sentir o cheiro do cabelo dela, e era irresistível. Ele estava ficando bastante distraído. Ele havia esquecido, por um segundo, da razão pela qual ele havia pego o telefone. Então, ele viu a luz de uma nova mensagem, e a abriu. Ali ela estava.

Outra mensagem dele. Ela dizia: Sam, eu adoraria ver você. Nós precisamos nos encontrar. Eu sei que você está ocupado com a escola e tudo mais, mas como está a sua agenda? É difícil para mim viajar, por causa da minha perna, mas eu estava pensando se você gostaria de vir aqui e me visitar? Eu moro em Connecticut.

Samantha sorriu. “Pronto,” ela disse.

“O que eu devo dizer?” Sam perguntou.

“Diga sim. Amanhã é sábado. É o fim de semana. Não poderia haver melhor hora.”

Ela estava certa. Sábado era o melhor dia. Uau. Esta garota não era apenas linda, ela era realmente inteligente.

Sam respondeu a mensagem: OK. Parece bom. Que tal este fim de semana? Qual é o seu endereço? Ele hesitou por um segundo. Então, clicou em enviar. Ele já se sentia melhor.

“Eu estou tão feliz por você,” Samantha disse, sorrindo. “Uau, é tão legal eu ter conhecido você em um momento tão emocionante.”

De repente, Sam sentiu os dedos macios dela acariciarem o seu rosto, e passarem pelo seu cabelo lentamente. A sensação era intensa. Incrível. O coração dele estava explodindo, e ele mal conseguia pensar. Ele se virou e olhou para ela, e viu que ela estava virada para ele, acariciando seu rosto, seu pescoço e seu cabelo com ambas as mãos. Ele não conseguia desviar os olhos dos grandes olhos verdes dela. Ele mal conseguia respirar.

“Eu gosto mesmo de você,” ela disse.

Sam abriu sua boca para falar, mas ela estava seca demais. Ele teve que tentar mais algumas vezes. “Eu também gosto mesmo de você.” Ele sabia que deveria se inclinar para um beijo, mas estava nervoso demais. Ele ficou aliviado quando ela se inclinou e plantou seus lábios nos dele. Era incrível. O sangue correu para o seu cérebro, e ele rezou para que aquilo nunca terminasse.

NOVE

Enquanto Caitlin voava com Caleb, os braços em torno dele, amando a sensação do seu corpo, ela pensou em como era sortuda. No dia anterior, ela se preocupava com a possibilidade de Caleb dizer adeus. E agora, pelo menos uma vez, a sua sorte havia mudado. Graças a Deus por aquela gargantilha, ela pensou.

Era o fim da tarde quando eles chegaram em Salem. Eles pousaram discretamente em um campo vazio nos limites da cidade, para que ninguém notasse. Eles caminharam algumas quadras, e chegaram na rua principal de Salem. Caitlin estava surpresa. Ela havia esperado por algo mais. Ela havia ouvido histórias sobre Salem a sua vida inteira, principalmente nos livros da escola, sempre conectadas com as bruxas. Mas vê-la como um lugar real, vivo, como uma cidade comum, era bastante estranho. Ela a havia imaginado como um lugar histórico perfeitamente preservado em sua mente, quase como um set. Ver pessoas normais, modernas e comuns vivendo suas vidas, dirigindo, correndo para todo o lugar, a pegou de surpresa.

Salem parecia com qualquer outra pequena cidade suburbana da Nova Inglaterra. Havia algumas poucas lojas grandes, as farmácias típicas, tudo moderno, e quase nenhum sinal de que aquela cidade tinha tanta história. A cidade também era bem maior do que ela havia imaginado. Ela não tinha a mínima ideia de onde começar a procurar por seu pai.

Caleb devia estar pensando na mesma coisa ao mesmo tempo, pois olhou para ela com uma expressão: e agora?

"Bem," ela começou, "Eu acho que nós não esperávamos que ele estivesse parado na rua principal esperando para nos dar um grande abraço."

Caleb sorriu.

"Não, eu também não achei que seria tão fácil."

"Então? E agora?" ela perguntou.

Caleb olhou para ela. "Eu não sei," ele disse finalmente.

Caitlin ficou parada ali, pensando. Várias pessoas passaram por eles na rua, e alguns olharam estranho para Caitlin e Caleb. Ela olhou para eles no reflexo da janela de uma loja, e percebeu que eles eram um casal impressionante. Eles eram qualquer coisa, menos comuns. Ele era tão alto, e se vestia elegantemente, todo de preto. Ele parecia uma estrela de cinema, parado no meio da rua. Ao lado dele, ela se sentiu mais comum do que nunca.

“Talvez, nós devêssemos começar com o óbvio?” ela perguntou. “Meu sobrenome. Paine. Se o meu pai ainda mora aqui, talvez ele esteja na lista telefônica.”

Caleb sorriu. “Você acha que o número dele seria público?”

“Eu duvido disso. Mas, às vezes, as respostas mais óbvias são as melhores. Afinal, não faz mal tentar. Você tem alguma outra ideia?”

Caleb ficou parado ali, a encarando. Finalmente, ele balançou a cabeça.

“Vamos lá,” ela disse.

Pela milionésima vez, ela desejou ter seu telefone. Em vez disso, ela olhou em volta e encontrou uma LAN house do outro lado da rua.

*

Caitlin havia digitado cada variação do nome “Paine” que podia pensar, e não houveram resultados. Ela ficou irritada. Eles haviam procurado em todas as listagens residenciais e comerciais possíveis em Salem. Eles haviam tentado Paine e Pay ne e Pain e Paiy ne. Nada.

Nenhuma única pessoa. Caleb estava certo: aquela era uma ideia boba. Se o pai dela morasse aqui, o seu número de telefone não seria público. E ela sentia que, com todas as pistas misteriosas até agora, ele não facilitaria as coisas para eles de qualquer jeito.

Suspirando, ela se virou para Caleb. “Você estava certo. Uma perda de tempo.”

“A rosa e o espinho se encontram em Salem,” Caleb disse lentamente, repetindo a frase várias vezes.

Ela podia vê-lo pensando. Ela havia repetido a frase na sua mente também, e foi bom ouvi-la em voz alta. Ela tentou decifrá-la várias vezes, mas ainda não havia conseguido entendê-la.

Uma rosa? Um espinho?

“Talvez, haja um jardim de rosas em algum lugar?” ela disse, pensando em voz alta. “E talvez, haja algum tipo de pista embaixo dele?” ela disse.

“Ou talvez, esse seja o nome de algum lugar?” ela adicionou. “Talvez, haja um bar ou uma taberna antiga, chamada A Rosa e o Espinho?” Caitlin se virou para o computador novamente, e tentou várias variações da pesquisa. Ela tentou apenas rosa. Depois, apenas espinho. Depois rosa e espinho. Estabelecimentos comerciais. Parques. Jardins. Nenhum resultado. Irritada, ela finalmente esticou o braço e desligou o computador.

Ambos ficaram sentados em silêncio por vários minutos, pensando.

“Talvez, nós estejamos pensando nisso da forma errada,” Caleb disse de repente.

Ela se virou para ele. “O que você quer dizer?”

“Bem, nós estivemos procurando por uma pessoa viva,” ele disse, “no mundo de hoje. Neste século. Mas os vampiros têm vivido por milhares de anos. Quando um vampiro diz ao outro, venha me encontrar, ele nem sempre está se referindo à este século. Vampiros pensam em termos de séculos, não de anos.

“Pode ser que o seu pai não esteja aqui agora. Mas estava. Muito tempo atrás. Talvez, nós não devíamos estar procurando por uma pessoa viva. Mas alguém que viveu aqui em algum momento. E talvez até tenha morrido aqui.”

Caitlin olhou para ele, sem entender.

“Morrido? O que você está dizendo? Meu pai está morto?”

“É difícil para mim explicar isto para você, mas você precisa pensar nisso de maneira diferente.

Vampiros vivem muitas encarnações. Muitos de nós têm lápides, mesmo que estejamos vivendo hoje. Eu mesmo, sob muitos nomes diferentes, estou enterrado em muitos cemitérios, em muitos países. Obviamente, eu não estou morto de verdade, ou enterrado. Mas, naquele momento, os habitantes locais precisavam ter certeza de que eu estava. Nós precisávamos parar as provas, garantir a eles

que eu não voltaria à vida. E um enterro e lápide eram a única coisa que poderia tranquilizá-los.

“A raça dos vampiros não gosta de deixar pistas, e nós não gostamos que os humanos saibam que nós voltamos. Isso traz muita atenção indesejada. Então, às vezes, quando não temos escolha, nós permitimos que eles nos enterrem. E depois, nós saímos silenciosamente, no meio da noite, e seguimos vivendo.” Ele se virou e olhou para ela.

“Pode ser que o seu pai tenha sido enterrado aqui. Talvez, não devêssemos estar procurando na superfície, mas embaixo dela. Nós checamos os Paines vivos. Mas não checamos os mortos.”

*

Caitlin foi surpreendida quando eles caminharam até um pequeno cemitério, sua mente ainda se recuperando. Ela nunca havia estado em um lugar tão antigo como este. Quando eles entraram, viram uma grande placa que dizia “O Ponto do Enterro, 1637.” Ela se impressionou com o fato de que as pessoas vinham até aquele lugar por quase 400 anos. Mais do que isso, ela ficou impressionada em ver alguns turistas andando pelo cemitério naquele momento. Ela havia imaginado que os dois fossem as únicas pessoas ali. Mas, afinal, esta era Salem. E este cemitério era uma atração. Pessoas pareciam ir até lá e tratá-lo como um museu. Na verdade, ela notou que havia um museu ao lado dos túmulos. Aquilo não parecia certo para ela. Ela sentia que aquele lugar deveria ser mais sagrado.

O cemitério era pequeno e íntimo, do tamanho do pátio de alguém. Uma trilha de paralelepípedos fazia curvas pelo lugar, e enquanto ela caminhava, ficou maravilhada com quão antigas as lápides eram, com as fontes estranhas, gastas com o tempo. Era inglês, mas era tão antigo e estranho que quase parecia uma língua diferente. Ela leu os nomes cuidadosamente, examinando os sobrenomes. Mas ela não encontrou nenhum “Paine,” ou qualquer variação do nome. Eles haviam chegado ao fim da trilha. Não havia nada. Quando Caitlin chegou ao fim, com Caleb ao seu lado, ela parou e leu uma placa. Ela descrevia algumas das terríveis torturas

que as bruxas haviam sofrido. Uma delas, ela leu, havia sido “pressionada” até a morte. Ela ficou apavorada.

“Eu não posso acreditar no que eles fizeram com elas,” Caitlin disse. “Parece que todas as bruxas sofreram mortes horríveis.”

“Elas não eram bruxas,” Caleb disse seriamente.

Caitlin olhou para ele, ouvindo a tristeza em sua voz.

“Elas eram da nossa raça,” ele disse.

Os olhos de Caitlin se abriram. “Vampiros?” ela perguntou.

Caleb assentiu, olhando para as lápides.

O silêncio caiu sobre eles, enquanto Caitlin processava aquilo.

“Eu não entendo,” ela disse, finalmente. “Como eles estavam aqui?”

Caleb suspirou. “Os puritanos. Eles não foram perseguidos na Inglaterra pela sua forma de cristianismo. Eles foram perseguidos por serem da nossa raça. É por isso que eles deixaram a Europa, e por isso vieram para cá. Para praticar livremente. Eles estavam tentando escapar da opressão do mundo antigo, dos vampiros europeus. Eles sabiam que, se fossem sobreviver, eles precisariam fundar uma nova nação. Então, eles vieram. Eles eram da raça benevolente dos vampiros, e não queriam guerrear com outros vampiros, ou com os humanos. Eles apenas queriam ser deixados em paz.

“Mas, com o tempo, as raças mais obscuras dos vampiros os seguiram até aqui, e em números cada vez maiores. As primeiras guerras nas colônias não eram entre humanos: elas realmente eram guerras entre raças de vampiros bons e maus.

“E a perseguição das bruxas em Salem era apenas uma fachada para a perseguição dos vampiros. Onde quer que exista o bem, o mal segue. Uma batalha eterna entre a luz e as trevas. As bruxas que foram perseguidas e enforcadas em Salem eram todas da raça de vampiros bons.

“É por isso que faria todo o sentido que o seu pai estivesse enterrado aqui. Por isso que Salem, em geral, faz todo o sentido. Por isso que a sua gargantilha faz todo o sentido. Tudo aponta para a mesma coisa: que você é a herdeira. A chave para encontrar a espada que eles esconderam, que irá proteger a todos nós.”

Caitlin olhou para o cemitério novamente, sua mente girando com toda a história. Ela não sabia o que pensar. Mas ela sabia de uma coisa: não havia nenhum "Paine" aqui. Era outro impasse.

"Não há nada aqui," Caitlin disse, finalmente. Caleb examinou o cemitério mais uma vez, e parecia claramente desapontado.

"Eu sei," ele disse.

Caitlin temeu que a sua busca tivesse realmente chegado ao fim desta vez. Ela não podia deixá-la acabar ali.

"A rosa e o espinho, a rosa e o espinho," ela disse várias vezes, sussurrando para si mesma, desejando encontrar a resposta. Mas nada veio. Caleb começou a caminhar pela trilha novamente, e Caitlin começou a caminhar também, pensando enquanto ia. Ela logo chegou à outra placa grande, pregada em uma árvore. À princípio, ela a leu apenas para se distrair, mas quando ela continuou lendo, ficou entusiasmada de repente.

"Caleb! " ela gritou. "Rápido! "

Ele correu até ela.

"Ouça isso: 'Nem todas as bruxas que foram perseguidas estão enterradas neste cemitério. Na verdade, apenas uma pequena porção delas está. Existem mais de 130 bruxas na lista de 'acusados'. Algumas escaparam, e outras foram enterradas em outros locais. Para ver a lista completa, leia os registros do museu.'"

Eles olharam um para o outro, ambos pensando na mesma coisa, e se viraram e observaram o museu ao seu lado.

*

O sol estava se pondo, e quando eles chegaram até a porta do museu, ela foi literalmente fechada na sua cara. Caleb se aproximou e esticou uma mão, parando a porta. O rosto de uma mulher idosa apareceu na fresta, séria e irritada.

"Sinto muito, amigos, mas nós fechamos por hoje," ela disse. "Voltem amanhã se quiserem."

"Perdoe-nos," Caleb disse graciosamente, "mas nós precisamos de apenas alguns minutos. Eu creio que nós não poderemos retornar amanhã."

"É 5:05h," ela retrucou. "Nós fechamos às cinco. Todos os dias. Sem exceção. Essas são as regras. Eu não posso manter este lugar

aberto para todo mundo que chega tarde. Como eu disse, se vocês querem voltar, voltem amanhã. Boa noite.”

Ela começou a fechar a porta novamente, mas Caleb a manteve aberta com a mão. Ela colocou a cabeça para fora, mais irritada do que antes.

“Ouçam, se vocês querem que eu chame a polícia –”

De repente, ela parou no meio da frase, quando seus olhos encontraram os de Caleb. Ela apenas o encarou, por vários segundos, e Caitlin viu a sua expressão mudar. Ela se suavizou.

Então, incrivelmente, ela sorriu.

“Olá amigos,” ela disse, completamente alegre.

“Estou tão feliz em vê-los aqui. Por favor, entrem,” ela disse, abrindo a porta totalmente e recuando com um sorriso.

Caitlin olhou para Caleb, chocada. O que ele havia feito? Seja lá o que fosse, ela queria aprender como fazê-lo.

Não se preocupe, você aprenderá.

Caitlin olhou para Caleb e ficou ainda mais chocada ao perceber que ele havia acabado de lhe enviar um pensamento, e que ela havia ouvido.

*

Eles tinham o museu só para eles enquanto caminhavam pelos seus corredores estreitos e pouco iluminados. Fotos, placas e parafernália cobriam as paredes, todos relacionados às bruxas, aos juízes e aos enforcamentos. Era um lugar solene.

Enquanto continuavam, eles chegaram à um grande painel. Caitlin começou a ler, e ficou tão impressionada com ele que decidiu ler em voz alta para Caleb.

“Ouça isto,” ela disse. “Em Salem, em 1692, um grande grupo de garotas adolescentes adoeceram de repente. A maioria delas teve um surto de histeria, e gritavam dizendo que estavam sendo atacadas por bruxas. Muitas destas garotas chegaram a citar os nomes das bruxas que as estavam atacando. “Devido à sua doença ser tão misteriosa, e devido ao fato de que muitas destas garotas morreram de repente e não havia nenhuma explicação para a sua morte, a população da cidade entrou em um frenesi. Eles caçaram as pessoas acusadas de bruxaria. “Vale a pena observar que, até

hoje, ninguém conseguiu determinar a natureza da doença que atingiu àquelas garotas, ou o porque de todas elas sofrerem de tal histeria.”

“Foi porque elas estavam se tornando adultas,” Caleb disse suavemente.

Caitlin olhou para ele.

“Assim como você,” ele disse. “Elas eram da nossa raça, e as pontadas de fome estavam começando à dominá-las. Elas não estavam doentes. Elas estavam histéricas. Elas estavam surpresas com o que estavam se tornando, e não sabiam como lidar com aquilo.”

Caitlin pensou bem. Garotas adolescentes. 1692. Salem. Tornando-se adultas. Passando pela mesma coisa que ela estava passando agora. Era impressionante. Ela sentiu uma incrível conexão com a história; ela não se sentia mais sozinha com o que estava passando. No entanto, ela estava apavorada ao mesmo tempo. Aquilo a validou. Mas ela não queria validação. Ela queria alguém que a dissesse que aquilo tudo não era verdade, que era apenas um pesadelo fantástico, e que tudo voltaria ao normal em breve. Mas, quanto mais ela aprendia, mais era dominada por uma sensação de medo. Mais ela percebia que as coisas nunca voltariam ao normal para ela.

“Aqui está,” Caleb disse, do outro lado da sala. Caitlin correu até ele.

“A lista. Os 133 acusados.”

Ambos examinaram lentamente a longa lista de pessoas, escrita à mão em um estilo antigo.

Era difícil decifrar as inscrições, e a tarefa era lenta. Mas, em algum momento, quase no fim da lista, Caitlin congelou de repente. Ela esticou a mão e apontou para o vidro. Ali estava o seu sobrenome. Paine. Escrito exatamente como o dela. Na lista dos “Acusados.”

“Elizabeth Paine. Acusada de bruxaria. 1692.” Elizabeth? Uma mulher?

“Eu sabia,” Caleb disse. “Eu sabia que havia uma conexão.”

“Mas...” Caitlin começou, muito confusa, “...Elizabeth. É uma mulher. Eu pensei que nós estivéssemos procurando pelo meu pai?”

“Não é tão simples. Lembre-se nós estamos falando em gerações. Pode ser que nós estejamos procurando por Elizabeth. Ou pode ser que nós estejamos procurando pelo pai dela. Ou marido. Nós não sabemos onde a sua descendência começa ou termina. Mas nós sabemos que existe uma ligação.”

“Olhe isto!” Caitlin disse entusiasmadamente, correndo para um painel diferente. Ambos pararam e olharam. Era incrível. Um painel inteiro devotado à Elizabeth Paine. Caitlin leu em voz alta: “Elizabeth Paine era única entre aqueles na lista dos Acusados. Ela teria grande notoriedade, imortalizada no livro A Letra Escarlate. É comumente aceito que a sua famosa heroína, Hester Prynne, era na verdade, baseada na vida de Elizabeth Paine. Ela era a peça central do maior trabalho do residente de Salem, Nathaniel Hawthorne.”

Caitlin olhou para Caleb de repente, seus olhos arregalados de excitação.

“É isso,” ela disse, sem fôlego. Ela mal conseguia conter sua emoção.

“O quê?” ele perguntou. Ele ainda não havia entendido.

“Você não vê?” ela disse. “O enigma. É um jogo de palavras. Hawthorne. A rosa e o espinho. O

espinho (thorn, em inglês) é Hawthorne. E a rosa é escarlate. Como em A Letra Escarlate. Em outras palavras, é sobre Hawthorne. E Paine.”

Naquele momento, a mulher idosa entrou na sala novamente, parecendo voltar à si. Ela olhou para os dois e disse, “Eu sinto muito, mas eu realmente preciso fechar agora –”

Caitlin correu até ela, agarrando seu braço.

“Onde Hawthorne morava?”

“O quê?”

“Nathaniel Hawthorne,” ela disse, entusiasmada.

“A placa diz que ele morava em Salem.”

“Minha jovem, nós sabemos exatamente onde ele morou. Graças à nossa fundação histórica, a casa dele foi preservada. Na verdade, ela ainda está de pé, até hoje. Perfeitamente intacta.”

Caitlin e Caleb trocaram olhares. Os dois sabiam para onde ir.

DEZ

O sol estava se pondo quando Caitlin e Caleb se aproximaram da casa de Hawthorne. A casa simples e vermelha estava a cerca de 15 metros de distância da calçada e, com a sua entrada e arbustos, parecia com qualquer outra casa suburbana pequena. Com a sua tinta vermelha e persianas, ela tinha uma simplicidade antiga. Era modesta. Ainda assim, era possível dizer que era diferente. Ela exalava história. Ambos ficaram parados ali, olhando para ela, e um silêncio se abateu sobre eles.

“Eu achei que ela seria maior,” Caitlin disse.

Caleb ficou ali, franzindo a testa.

“Qual é o problema?”

“Eu me lembro desta casa,” Caleb disse. “Eu não tenho certeza de quando. Mas eu pareço lembrar dela em outro lugar.”

Caitlin olhou para ele, para as suas feições perfeitamente esculpidas, e se impressionou com quanto ele lembrava. Ela se perguntou como seria se lembrar de tantas coisas. Centenas de anos — milhares. Ele carregava coisas, experiências, com as quais ela nunca poderia sonhar. Ela se perguntou se aquilo seria uma bênção ou uma maldição, e se perguntou se desejaria ter aquele poder.

Ela deu vários passos para frente, até a cerca de ferro em torno da propriedade, e quando ela tentou puxar a tranca do portão, ficou surpresa em ver que ele estava trancado. Ela olhou para a placa: das 9h às 17h de segunda à sexta. Ela olhou para o relógio: 17h30. Fechado.

“E agora?” ela perguntou.

Caleb olhou furtivamente em sua volta, e ela fez o mesmo. Não havia ninguém à vista na rua suburbana. Ela entendeu o que ele estava pensando. Ele olhou para ela, e ela assentiu. Ele esticou a mão até a tranca de metal e, em um único movimento, a arrancou das dobradiças.

Ele olhou em volta novamente, não viu ninguém se aproximando, abriu o portão e a chamou para entrar rápido. Ele fechou o portão

atrás deles o melhor que pôde, colocou a tranca de metal gentilmente no chão, e correu atrás dela pela entrada.

Caitlin chegou até a porta da frente e girou a maçaneta. Fechada. Caleb se aproximou, pronto para quebrar a maçaneta.

“Espere,” Caitlin disse.

Caleb parou.

“Posso tentar desta vez?” ela perguntou, e deu um sorriso travesso.

Ela queria ver se tinha aquele tipo de força. Ela a sentia, circulando em suas veias, mas não conhecia as suas limitações, ou quando ou onde ela surgiria. Ele sorriu e recuou. “Fique à vontade.”

Ela tentou girar a maçaneta, e ela não cedeu. Ela tentou com mais força, e nada. Ela se sentiu frustrada e embaraçada. Ela estava prestes a soltá-la, quando Caleb disse, “Concentre-se. Você a está girando como uma humana. Vá mais fundo. Gire-a de um lugar diferente dentro de você. Deixe o seu corpo girá-la para você.”

Ela fechou os olhos e respirou fundo. Ela colocou a mão na maçaneta gentilmente, e tentou se concentrar, seguindo suas instruções. Ela a girou novamente, e desta vez se surpreendeu ao ouvir um barulho de quebra. Ela olhou e viu que havia quebrado a maçaneta. A porta estava aberta. Ela olhou para Caleb, e ele sorriu para ela.

“Muito bom,” ele disse, e gesticulou para que ela entrasse.

“Primeiro as damas.”

A casa era aconchegante, com tetos baixos e janelas de 1,80 m por 1,80 m. A luz na rua estava sumindo rápido, e eles não tinham muito tempo para procurar, a não ser que eles quisessem começar a ligar as luzes. Eles andaram rapidamente pela casa, tábuas rangendo, tentando absorver tudo o mais rápido possível.

“O que estamos procurando, exatamente?” ela perguntou.

“O seu palpite é tão bom quanto o meu,” ele disse. “Mas eu concordo que nós estamos no lugar certo.”

No fim do corredor, havia uma grande exibição dedicada à vida de Hawthorne. Ela parou e leu em voz alta: “Nathaniel Hawthorne era mais do que apenas outro escritor que escreveu sobre Salem. Ele morava em Salem. A maioria de suas histórias se passam em

Salem. A maioria dos prédios que ele descreveu em Salem são parte integral das suas histórias, e muitos deles ainda estão de pé nos dias de hoje.

“E o mais importante, Hawthorne tinha uma conexão pessoal direta com alguns dos eventos e personagens de seu trabalho. Por exemplo, seu trabalho mais famoso, *A Letra Escarlata*, conta a história de uma mulher, Hester Prynne, que é aprisionada e repudiada pela população por seu comportamento adúltero. Hawthorne tinha uma conexão mais direta à estes eventos do que se pode imaginar. Seu verdadeiro avô, John Hawthorne, foi um dos principais juízes nos julgamentos de bruxas em Salem. John Hawthorne era responsável por acusar, julgar e condenar as bruxas à morte. Aquela era uma descendência pesada para Hawthorne.”

Caitlin e Caleb trocaram olhares, ambos ficando mais intrigados. Claramente, havia uma conexão forte aqui, e os dois sentiram que haviam encontrado algo importante. Mas eles ainda não sabiam exatamente o quê. Ainda havia um vínculo perdido. Eles continuaram a andar pela casa, examinando vários objetos, procurando por algo, qualquer coisa. Mas, ao terminarem de procurar no primeiro andar, eles não tinham nada. Ambos pararam na frente de uma escadaria estreita de madeira. Ela estava bloqueada por uma corda de veludo, na qual uma placa estava pendurada: “Particular: segundo andar permitido apenas para funcionários.”

Caleb lançou um olhar para Caitlin.

“Nós chegamos até aqui,” ele disse.

Ele esticou o braço e retirou a corda. Excitada, ela subiu primeiro, seus passos ecoando na dura escadaria de madeira. A casa estalava e gemia enquanto eles subiam, como se protestasse contra os novos visitantes. O segundo andar da casa tinha tetos ainda mais baixos, quase baixos demais para que Caleb ficasse em pé. Agora, estava quase escuro, e havia apenas luz suficiente para ver. Eles pararam em uma linda sala aconchegante, com chão de tábuas de madeira largas, janelas de 1,80 m por 1,80 m e decorada lindamente com móveis da época. No centro, havia uma lareira de tijolos com manchas negras nas bordas, claramente gasta por anos de uso.

Aguardando por eles no topo da escada havia mais uma exibição, esta dedicada à Elizabeth Paine. Caitlin leu em voz alta: "Hester Prynne, o personagem mais famoso de Hawthorne, a mulher no centro de A Letra Escarlate, a mulher que foi perseguida por ter se recusado a revelar a verdadeira identidade do pai do seu bebê, era, de acordo com muitos estudiosos, baseada na vida real de uma habitante de Salem: Elizabeth Paine. Nenhum estudioso foi capaz de identificar a linhagem do bebê de Elizabeth, já que ela recusou revelar à qualquer pessoa na cidade quem realmente era o pai. A lenda diz que ele era um homem misterioso, vindo de navio da Europa, e que o romance deles era proibido.

"Elizabeth foi banida de Salem e forçada a viver em um pequeno chalé, sozinha com seu bebê, na floresta, nos limites da cidade. A localização exata do seu chalé nunca foi encontrada."

Caitlin olhou para Caleb. Ela estava sem palavras.

"Um romance proibido?" ela perguntou. "Como entre..."

Caleb assentiu. "Sim. Era entre um vampiro e uma humana. A história dele não é realmente sobre adultério. Tudo está mascarado, oculto. É uma alegoria. Na verdade, ela é sobre nós. A nossa raça. Mais especificamente: é sobre você. A filha deles. A mestiça."

Caitlin sentiu o mundo girando embaixo dela. As ramificações eram avassaladoras. Ela também não podia deixar de sentir que a história estava se repetindo, que, várias gerações mais tarde, ela estava vivendo o mesmo padrão. Um romance proibido. Duas raças. Ela e Caleb. Repetindo a história mais uma vez, seguindo os passos de seus ancestrais. Aquilo a fez se perguntar se vidas após vidas apenas se repetiam, eternamente.

Eles examinaram a sala lentamente. Era difícil ver com a pouca luz, e ela ainda não sabia exatamente o que estava procurando. Por enquanto, ela definitivamente, sem dúvidas, sabia que eles estavam procurando no lugar certo. E aparentemente, Caleb também sabia. Ele caminhou pela sala curiosamente, inspecionando tudo. Os dois estavam certos de que o que fosse que eles precisavam estaria nesta sala. Talvez até a própria espada?

Mas a sala tinha pouca mobília, e depois de inspecionar, ela não viu onde qualquer coisa pudesse estar escondida.

“Aqui,” Caleb disse finalmente.

Caitlin correu até ele. Ele estava parado ao lado de um antigo baú. Ele tocou a lateral do baú com a mão. “Veja isto,” ele disse.

Ele pegou a mão dela e a guiou pela lateral, e ela sentiu. Era uma pequena reentrância em metal. No formato de uma cruz.

“O que é isto?” ela perguntou.

“Eu não sei,” ele respondeu, “mas eu sei de uma coisa: isto não faz parte desta mobília. E eu suspeito de outra coisa: este formato incomum, as linhas curvadas: eu apostaria qualquer coisa de que é o formato exato da sua cruz.”

Ela olhou para ele sem expressão, não entendendo do que ele estava falando. Então, ela percebeu de repente e esticou a mão. Sua gargantilha.

“Eu acho que é uma chave,” ele disse.

Ela a tirou do pescoço rapidamente, e juntos, a sua mão na dele, eles a inseriram gentilmente na reentrância. Ela ficou feliz em ver que ela cabia perfeitamente. Ela entrou com um clique suave, e quando eles a giraram gentilmente para a direita, um compartimento estreito e vertical se abriu. Com o coração batendo forte, Caitlin colocou a mão dentro do compartimento e extraiu um pergaminho frágil, amarelado e quebradiço. Ele estava amarrado com um antigo pedaço de cordão, quase se desmanchando.

Ela o deu a Caleb, e os dois desenrolaram o pergaminho juntos. Era um mapa. Escrito à mão, com centenas de anos. No topo do mapa, escrito à mão, lia-se: Chalé de Elizabeth.

Ele olhou para ela.

“O chalé dela,” ele disse, sem fôlego. “É um mapa para onde ela morava.”

Ela olhou para o pergaminho, admirada.

“Seja quem for que guardou isto aqui queria que você o encontrasse. A sua gargantilha era a chave. E isto nunca havia sido aberto até hoje. Ele queria que você encontrasse este mapa, para encontrar o chalé dela. Onde quer que seja, haverá algo lá esperando por você.”

Aquilo estava destinado à ela. À Caitlin, e só à Caitlin. Este pensamento a dominou. Ela se sentiu, pela primeira vez na vida,

desejada. Amada. Importante. Sentiu que tinha uma conexão com algo maior do que ela mesma, algo com centenas de anos. Sentiu que ela era o centro deste enigma. Ela mal podia conter suas emoções. Então, de repente, aconteceu. Ela sentiu uma dor horrível no estômago. Ela ficou sem fôlego, e se dobrou, ofegante.

“Você está bem?” Caleb perguntou, e ela sentiu a mão dele em seu ombro.

As pontadas de fome. Elas estavam de volta. Doía tanto desta vez que ela mal conseguia respirar. Outra pontada a atacou, e esta doeu tanto que ela se levantou com um solavanco. Ela ouviu a si mesma uivar, um som horrível e alienígena, e ela viu a si mesma correr pela sala, tentando tirar a dor do seu corpo. Ela correu até a grande exibição, derrubando-a, e a ouviu quebrar. Mas ela não conseguia se controlar. Ela estava girando, fora de controle, e ia destruir tudo naquela sala.

Caleb apareceu ao lado dela, a agarrando com firmeza.

“Caitlin,” ele disse firmemente, “Caitlin, me ouça! ”

Ele a agarrou pelos ombros com toda a força, mas mal conseguia contê-la.

“Você vai ficar bem. São apenas as pontadas de fome. Você está me ouvindo? Tudo vai ficar bem. Você só precisa se alimentar. Nós precisamos tirar você daqui,” ele disse lentamente.

“Agora! ”

Caitlin olhou para cima, e em seu transe, mal o viu. Em um nível, ela o ouvia, mas no outro, doía demais. Aquilo a estava dominando. Um desejo de se alimentar. De destruir. De se satisfazer.

Agora.

Caleb deve ter visto o que a estava dominando, porque, antes que ela pudesse reagir, ele pegou seu braço rápido e firmemente, e a levou para o andar de baixo, e para fora da casa.

Estava quase escuro quando eles saíram correndo pela porta da frente da casa de Hawthorne e subiram a entrada. Eles estavam se movendo tão rápido que nem sequer olharam para cima, e não perceberam que estavam indo direto para uma enorme armadilha.

“Parados! ” gritou uma voz.

Parados na frente deles, com as armas em punho, estavam vários policiais de Salem.

“Mãos ao alto! Devagar! ”

Caitlin ainda estava em transe. As pontadas eram agudas, e ela não conseguia resistir às ondas de raiva, de violência que a estavam dominando. Era difícil se concentrar, ouvir exatamente o que eles estavam dizendo. Ela viu a polícia, mas não teve nenhum medo dela. Pelo contrário, ela queria atacar.

Em seu transe, ela sentiu a pegada forte de Caleb, apertando seus ombros, e aquilo foi a única coisa que a mantinha sob controle.

“Eu disse, mãos ao alto! ” gritou um policial, enquanto dois outros se aproximavam.

“Calma, Caitlin, calma,” Caleb sussurrou quando, lentamente, ainda segurando o pergaminho, ele levantou os braços no ar e a cutucou para que fizesse o mesmo. “Eles não podem nos ferir.”

Caitlin, no entanto, sentia qualquer coisa, menos calma. Ela viu a polícia, os viu apontando uma arma para Caleb, e sentiu uma fúria imensa. Ela sentiu outra pontada, e não conseguia mais se controlar quando focou no policial, em sua garganta, no sangue que circulava por ela.

Ela precisava dele.

Caitlin atacou. Ela pulou direto sobre o policial que estava no centro, e antes que ele pudesse reagir, ela estava em cima dele, segurando-o, sua cabeça para trás, os dentes alongados, prontos para penetrar o pescoço dele. E então: um tiro.

ONZE

O relógio bateu meia-noite quando Kyle desceu as escadarias de mármore, acompanhado por duas dúzias de seus criados. Havia sido uma noite longa, e as coisas haviam saído ainda melhor do que ele jamais havia sonhado. Mesmo assim, ele temia encontrar seu mestre, Rexius, o líder do clã. Eles haviam estado juntos por milhares de anos, e ele sabia que Rexius não suportava tolos. Ele não tinha nenhuma tolerância para erros, e Kyle havia estado nervoso desde que deixou aquela garota, Caitlin, escapar dele. Rexius sempre punia até a menor transgressão, e Kyle estava se preparando, se perguntando quando esta punição viria. Ele sabia que Rexius estava apenas esperando o momento certo, que ele nunca iria esquecer.

Ainda assim, o trabalho de Kyle havia sido tão espetacular esta noite em cada canto da cidade, que ele não podia imaginar como o seu mestre ainda poderia estar irritado com ele. Aquilo deveria compensar totalmente aquele pequeno erro. Afinal, eles estavam no meio de um momento histórico, e Kyle era o general desta guerra. Como o seu mestre poderia puni-lo agora?

Realmente, quanto mais Kyle pensava naquilo, mais ele ficava ansioso por aquele encontro. Ele estava ansioso para contar sobre a força da peste, o quão rápido ela estava se espalhando, como ele e seus homens a haviam distribuído bem. Ele desejava a aprovação de Rexius, que ele compartilhasse da emoção de ver que a guerra pela qual eles haviam esperado por milhares de anos havia finalmente chegado. Enquanto Kyle andava pelo subterrâneo profundo, nas profundezas da prefeitura, por outro corredor de mármore e através de enormes portas medievais, ele se sentiu intoxicado. Ele havia esperado por aquele dia por muito tempo. Ele adorava a sensação de ter uma enorme comitiva atrás dele, sentir a guerra que estava por acontecer. Ele não havia se sentido tão animado desde que viu as decapitações da Revolução Francesa.

Quando Kyle entrou na sala de seu mestre e passou pelas portas duplas, vários vampiros veteranos se posicionaram atrás dele e bloquearam a entrada da sua comitiva. Eles fecharam a porta com força, deixando Kyle sozinho na sala. Kyle não estava feliz com aquilo. Mas de qualquer forma, ao lidar com Rexius, você nunca tinha uma escolha. E você nunca sabia o que ele faria. Aquela era uma enorme sala cavernosa, e enquanto Kyle olhava ao seu redor, ele ficou surpreso em ver centenas de vampiros lado a lado silenciosamente na parede. Seus números já haviam crescido dramaticamente, e haviam muitos vampiros que Kyle não reconhecia. Estes vampiros estavam parados silenciosamente, em posição de sentido, nas laterais da sala, praticamente sem serem vistos. Apenas o líder dominava a sala. Rexius. Ele estava sentado no centro, como sempre, em seu enorme trono de mármore, e olhou para Kyle. Era desta forma que o líder sempre quis que acontecesse.

Kyle deu um passo à frente e abaixou a cabeça.

“Meu mestre,” Kyle disse.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala. Kyle olhou para ele.

“Você ficará feliz em saber, meu mestre, que o nosso trabalho foi feito lindamente. A peste se espalhou por todos os cantos da cidade. Dentro de alguns dias, todos os humanos estarão de joelhos.”

Vários segundos de silêncio desconfortável se seguiram, quando Kyle pôde sentir seu mestre o encarando. Aqueles olhos azuis gelados—eles sempre lhe davam arrepios. Kyle finalmente olhou para baixo, abaixando a cabeça novamente. Ele não aguentava mais olhar para cima.

“Você trabalhou bem, Kyle,” o líder disse lentamente, em uma voz negra, deliberada, grave.

“Outros clãs já estão transmitindo a notícia. Nossos números crescem enquanto falamos.”

“A guerra será magnífica, mestre,” Kyle disse. “Eu estou honrado em liderá-la para você.”

Muitos outros segundos de silêncio seguiram.

“Realmente,” Rexius finalmente disse, “esta guerra será magnífica. Dentro de alguns dias, Nova York será nossa, e dentro de semanas, a raça humana será escravizada.”

Rexius deu um sorriso, molhando seus lábios levemente. Kyle não gostava de vê-lo fazer isso.

Um sorriso de Rexius significava apenas uma coisa: más notícias.

“Eu sinto informar,” Rexius continuou, “que você não estará aqui para compartilhá-la conosco.”

Kyle sentiu uma dor em seu peito, e olhou para Rexius com medo. Ele não sabia o que dizer.

Onde ele estaria? Ele o mandaria para outro lugar?

“Não estarei aqui?” Kyle perguntou, confuso. Ele podia ouvir sua própria voz tremer, e sentiu vergonha. “Meu mestre, creio que não entendo. Eu já executei tudo perfeitamente.”

“Eu sei que você executou. Esta é a única razão de você ainda estar respirando agora,” ele disse.

Kyle engoliu em seco.

“Ainda existem erros passados que devem ser contabilizados. Eu nunca esqueço, Kyle.”

Kyle engoliu novamente, e ele sentiu sua garganta secar. Era isto que ele estava temendo.

“Você deixou a mestiça escapar. Ela pode ter levado outra pessoa até a espada. Se isto acontecer, a nossa guerra ficará comprometida.”

Ele se inclinou para a frente, para que Kyle pudesse sentir o efeito total de seus olhos azuis gelados. “Severamente comprometida.”

Kyle sabia que era melhor não tentar se defender. Aquilo apenas tornaria as coisas piores.

Então, em vez disso, ele apenas ficou lá ajoelhado, esperando, tremendo de raiva, de medo.

Ele havia sido enganado. Ele havia executado a sua guerra perfeitamente, e agora seria punido por isso. Vários segundos de silêncio se seguiram, enquanto Kyle se perguntava o que o futuro traria.

“Kyle do Clã Blacktide, você falhou com seus deveres, e quebrou a nossa aliança sagrada. Eu o condeno a ser imerso parcialmente em ácido Iórico, seguido por banimento do nosso clã para sempre. Você não está mais entre nós. Você viverá, mas será uma vida

solitária, e nós não reconheceremos mais o seu nome. Você será um excluído. Para sempre.”

Os olhos de Kyle se arregalaram com medo e surpresa, quando dúzias de criados apareceram de repente e agarraram seus braços, o arrastando para longe. Esta punição era extrema demais. Era injusto.

“Mas, meu mestre, você não pode fazer isto. Eu tenho sido o seu maior soldado—por séculos!”

Kyle lutou, enquanto mais e mais braços o agarravam, puxando-o para trás.

“Eu posso encontrá-la! ” ele gritou, enquanto era arrastado. “Eu posso trazê-la de volta! Eu e somente eu! Eu sei como encontrá-la. Você precisa me dar uma chance! ”

“Você já teve chances demais,” o líder disse, com um sorriso gelado. “Eu a encontrarei. Tenho outros soldados no meu exército.”

Aquilo foi a última coisa que Kyle ouviu antes de ser arrastado para fora da sala, pelas portas duplas.

“Meu mestre! ” Kyle começou a gritar, mas antes que pudesse terminar, as portas foram fechadas no rosto dele.

Kyle sentiu os braços nele, por todo o seu corpo, e antes que percebesse, estava caído de costas em uma placa de pedra. Mais e mais vampiros o seguravam, pairando sobre ele. Era um frenesi de vingança. Ele pensou em seus milhares de anos, em todas as vinganças que ele havia acumulado. Ele havia pisado em vários pés para chegar onde estava. Agora, era a hora de receber o troco.

Um deles, zombando dele, se aproximou com um balde, e Kyle podia sentir o cheiro terrível do ácido Iórico antes que ele pudesse vê-lo.

“NÃO! ” Kyle gritou. Ele havia visto outros sofrerem com aquilo, e já conseguia imaginar a horrível dor que o aguardava. Quando ele olhou para cima, a última coisa que viu foi o balde virando, e o líquido começando a ser derramado em seu rosto. E então, os corredores se encheram com o som de gritos.

DOZE

Enquanto Caitlin voava com Caleb no ar frio, segurando-o forte, as suas pontadas de fome começaram a se dissipar, e sua cabeça finalmente começou a clarear. Ela olhou para baixo e viu o sangue em Caleb, nos dois, e tentou se lembrar do que havia acontecido. Ela se lembrou de sair da casa de Hawthorne. Depois da polícia, e de perder o controle. Então, houve um tiro.

Sim, agora ela se lembrava. Quando apontava seus dentes para o pescoço do policial, ela foi puxada de repente por Caleb. Com a velocidade de um raio, ele a havia puxado e a poupado de atacar outro humano. Mas ele teve que sofrer por isso. Aquele policial atirou e acertou Caleb no braço. Seu sangue caiu em ambos, mas aquilo não pareceu diminuir o seu ritmo. Em vez disso, de alguma forma, ele conseguiu derrubar três policiais antes que eles pudessem reagir, pegá-la no mesmo movimento e sair voando. Ela ficou impressionada com o senso de controle dele, em qualquer situação. Ela se sentiu envergonhada por não ter evoluído, não conseguir se controlar como ele, e se sentiu mal novamente por colocá-lo em perigo.

Estava escuro quando Caitlin e Caleb voaram sobre a floresta, nos limites de Salem. Enquanto voavam pelo ar frio da noite, ela se sentiu acalmar lentamente. Os braços fortes e frios de Caleb a seguravam no ar, e ela sentiu a tensão em seu corpo começar a ceder. A fome sumiu. E

a sua raiva também. Quando eles desceram na floresta, ela já havia voltado ao normal. Com a mente limpa, os eventos da última hora pareciam um borrão estranho e louco, e ela não conseguia entender por que ela havia reagido daquela forma. Por que ela havia se enchido de raiva tão rapidamente? Por que ela não conseguia se controlar?

Claro, ela sabia que a resposta não era intelectual: quando as pontadas a atacaram, ela ficou simplesmente fora de controle. Uma pessoa diferente, à mercê de seus instintos animais.

Graças a Deus por Caleb. Ela não gostaria de responder pela morte daquele policial. Ela estava muito agradecida por ele tê-la salvo antes que ela pudesse fazer algo precipitado. Quando ela viu o sangue escorrendo pelo braço dele, ela se sentiu culpada novamente. Ele levou um tiro por causa dela. Ela colocou a mão no braço dele. Ele olhou para baixo.

“Eu sinto muito,” ela disse. “Você vai ficar bem?”

“Ficará tudo bem,” ele disse. “Os vampiros não são como os humanos: a nossa pele se cura rapidamente. Dentro de algumas horas, meu braço estará completamente curado. Foi apenas uma bala comum. Se tivesse sido uma bala de prata, as coisas teriam sido bem diferentes. Mas não era. Por isso, por favor, não se preocupe,” ele disse gentilmente.

Quando ela olhou para o braço dele, viu que já estava cicatrizando rápido. Era incrível. Não parecia mais do que um grande hematoma. Era como se ele estivesse se curando diante dos seus olhos. Ela se perguntou se teria um poder parecido. No entanto, sendo apenas uma mestiça, ela provavelmente não tinha. Como a maioria dos poderes dos vampiros, aquele poder estava reservado apenas para vampiros puros e verdadeiros. Uma parte dela desejou ser uma. Imortalidade. Superpoderes. Imunidade à maioria das armas. Ela tinha algumas daquelas características, mas claramente, nem todas. Ela estava presa entre dois mundos, e não sabia qual deles escolher. Não que ela tivesse muita escolha. A única forma de se tornar uma vampira verdadeira e pura seria ser transformada. E Caleb não estava se oferecendo.

Aquilo era proibido. E mesmo que não fosse, ela tinha a sensação de que ele não se oferecia de qualquer jeito. Ele parecia estar oprimido por ser imortal, e ele parecia invejar a mortalidade dela. Ela não tinha a sensação de que ele gostaria que ela fosse o que ele é. Para o próprio bem dela.

“Você ainda o tem?” ele perguntou.

Ela olhou para ele, sem entender.

“O mapa,” ele adicionou.

Claro. A razão pela qual eles haviam descido ali. Ela colocou a mão no bolso e ficou aliviada ao descobrir que ele ainda estava ali.

Obrigado Deus pelos bolsos com zíper. Ela o entregou a ele.

Ele o desenrolou e examinou.

“Nós não estamos longe,” ele disse, baixando o mapa e olhando para a floresta na frente deles. “O chalé deve estar próximo.”

Caitlin olhou ao seu redor, apertando os olhos na escuridão. Tudo o que ela viu foram árvores.

“Eu não vejo nada,” ela disse.

“É um mapa antigo,” ele disse. “Foi feito à mão, e está bastante gasto. Eu tenho certeza de que ele não é exato. Mas as instruções indicam esta área.”

Caleb olhou ao seu redor novamente, e ela fez o mesmo. Mas nenhum dos dois viu nada.

“Este chalé,” Caitlin disse, “estava aqui centenas de anos atrás. Não é possível que ele tenha sido destruído?”

Caleb examinou a floresta. Ele foi em uma direção em particular, e ela caminhou com ele, folhas farfalhando.

“Sim,” ele disse, “isso é possível. Especialmente se ele era de madeira. Então, essa seria a possibilidade mais provável. Mas eu estou esperando que o chalé seja de pedra. A maioria dos chalés de vampiros são. Neste caso, ele poderia estar de pé. Ou pelo menos uma parte dele.”

“Mas mesmo assim, você não acha que ele já teria sido descoberto, ou invadido?” ela perguntou.

“Possivelmente. A não ser que...”

Ela esperou. “A não ser que?”

“A não ser que ele tenha sido escondido. Existe uma tradição entre os vampiros, uma forma de passar uma pista para outras gerações. Nós construímos um chalé de pedra e plantamos glicínias, espinhos e camadas de arbustos ao redor dele. Se ninguém interferir, eles crescem rapidamente, tão espessos e profundos que, com o passar do tempo, se o local for remoto, ele se mantém intocado e é virtualmente impossível para uma pessoa leiga vê-lo. Desta forma, séculos mais tarde, os iniciados ainda poderão encontrá-lo.”

Ele olhou ao seu redor.

“A única vantagem que nós temos aqui é que esta floresta é remota. Isso me dá esperança.”

“Partindo do princípio de que este mapa é real,” Caitlin disse, fazendo o papel de advogada do diabo. “Talvez, ele tenha sido plantado por alguém. Talvez, ele seja uma pista falsa.”

Caleb olhou para ele e sorriu.

“Você tem uma mente muito sofisticada,” ele disse. “Talvez, você esteja complicando demais a situação. Sim, isso é possível. Mas eu duvido. Aquele pergaminho era genuíno.”

Ele segurou a mão dela enquanto eles entravam nas profundezas da floresta, o único som sendo o farfalhar das folhas. Ela podia sentir o frio penetrando seus ossos. De repente, Caleb tirou seu grande casaco de couro e o colocou sobre os ombros de Caitlin. Como sempre, ela ficou espantada em ver como ele conseguia ler a sua mente, e ficou tocada pela sua generosidade.

“Não,” ela disse, “Eu não posso aceitar o seu – ”

“Por favor,” ele respondeu. “Eu não estou com frio.”

Quando ele colocou o casaco sobre seus ombros, Caitlin adorou senti-lo. Era surpreendentemente pesado e ainda estava quente com o calor de Caleb. Ela adorou o cheiro do couro. O casaco parecia tão usado, tão confortável, como se ele o tivesse usado por centenas de anos. Ele era grande demais para ela, mas, de alguma forma, ele servia perfeitamente. Usando-o, ela sentiu como se fosse de Caleb. Como se eles fossem namorado e namorada. Ela amava aquela sensação. Caleb olhou para baixo, examinou o pergaminho e olhou para a floresta novamente. Nada ainda. Caitlin se virou para todas as direções e apertou os olhos para enxergar o máximo que pudesse na escuridão. Quando seus olhos se ajustaram, ela pensou ter visto alguma coisa.

“Caleb,” ela disse.

Ele se virou, e ela levantou um dedo.

“Vê aquilo? No horizonte. Parece com uma cerca de galhos. Você acha que...?”

Ele olhou para aquilo e apertou os olhos. Finalmente, ele a pegou pela mão e a guiou até lá.

“Nada a perder,” ele disse.

Enquanto eles caminhavam até a cerca, folhas farfalhando, se aproximando, Caitlin se sentiu otimista. Era uma cerca viva enorme e impenetrável, feita de galhos retorcidos e espinhos.

Quase parecia um muro. Eles caminharam em torno da cerca, e ela parecia ter uma profundidade de 35 metros em todas as direções. Era impenetrável. Se algo correspondesse à descrição de Caleb, era aquilo. Ninguém conseguiria chegar perto deste lugar, a não ser que tivessem um machado grande, e estivessem dispostos a passar dias cortando galhos. O que houvesse em seu centro—se houvesse alguma coisa—provavelmente estaria intocado.

Mas afinal, talvez esta fosse apenas uma enorme cerca de galhos e espinhos e que tudo o que eles encontrariam depois de tanto trabalho fossem mais espinhos.

Caleb assentiu lentamente. “Sim,” ele disse. “Este pode ser o lugar.”

Ele o estudou por algum tempo, e disse finalmente, “Afastese.”

Caitlin deu vários passos para trás, se perguntando o que ele faria. Caleb puxou suas mangas até as suas mãos, protegendo-as, depois esticou os braços, e com uma força incrível, fez um buraco na cerca de galhos. Era incrível, como ver uma serra elétrica atacar uma pilha de galhos.

Dentro de segundos, ele havia aberto uma trilha larga o suficiente para uma pessoa passar. Ele já estava perdido nas profundezas da cerca viva, quando ela ouviu sua voz chamando: “Aqui! ”

Caitlin caminhou pela trilha estreita, através do muro de galhos, por cerca de nove metros, e finalmente o alcançou. Ela viu, por sobre o ombro, uma pequena parede de pedra.

“Você encontrou,” ele disse, e deu um sorriso.

Ele cortou mais galhos e revelou uma pequena entrada em arco para o minúsculo chalé de pedra. Ele entrou, segurando a mão dela, e ela o seguiu de perto. Era escuro e mofado, e ambos deram mais alguns passos hesitantes, antes de Caleb parar de repente. Eles ouviram algo rolando sob seus pés, e Caleb se abaixou. Ele pegou algo no chão.

“O que é?” ela perguntou.

Ele levantou o objeto, mas não conseguia vê-lo na escuridão. Finalmente, ele disse, "Velas antigas. Eu acho que estão intactas. Segure isto."

Caitlin segurou a vela e Caleb esfregou suas mãos uma na outra com a velocidade de um raio.

Ela nunca havia visto algo como aquilo. Dentro de segundos, as suas mãos estavam se movendo tão rápido que ela podia sentir o calor irradiando delas. Então, ele colocou suas mãos sobre a ponta da vela, e as manteve ali. Depois de um segundo, ele as retirou, e quando o fez, para a surpresa de Caitlin, a vela estava acesa. Ela olhou para ele com admiração. Ela desejou conseguir fazer o mesmo.

"Você precisa me ensinar este truque," ela disse, sorrindo.

Sob a luz da vela, ela pôde vê-lo sorrir. Ele baixou a vela até o chão e revelou várias outras velas, todas espalhadas. Então, aquele havia sido o barulho de algo rolando que eles haviam ouvido. Ele pegou uma e puxou o pavio, e ela a acendeu. Agora, cada um tinha uma vela acesa.

E elas eram o suficiente para iluminar o lugar. O chalé era minúsculo, apenas alto o suficiente para que ela ficasse em pé, e baixo o suficiente para que Caleb tivesse que se inclinar. O seu único cômodo não era grande, talvez três por três metros. As suas paredes eram de pedra, e apesar delas não serem alinhadas perfeitamente, não pareciam haver lugares óbvios para esconder algo. Na parede do lado oposto, havia uma pequena lareira, cheia de galhos que devem ter entrado pela pequena chaminé durante os séculos. Ela olhou para baixo e viu que o piso era feito de madeira.

Incrivelmente, ele ainda estava intacto. Mas aquilo fazia sentido.

Não haviam janelas no chalé, e com a exceção da chaminé e da porta, não havia nenhuma maneira de os elementos entrarem. E devido ao crescimento desenfreado dos galhos, nenhum elemento havia chegado perto deste chalé por centenas de anos.

Mas fora isso, não havia muito para ver, e nenhum lugar óbvio para esconder algo. O lugar estava completamente vazio. Infelizmente, aquele parecia mais um impasse. Pelo menos, ali era seco e protegido, e aconchegante. Se nada mais acontecesse, pelo

menos, eles poderiam passar a noite ali. Talvez, se aquecer, descansar um pouco.

“Você acha que consegue acender a lareira?” ela perguntou.

Ele a examinou. “Eu não vejo por que não.”

Ele pegou a vela, foi até a lareira e retirou todos os detritos e galhos. Caitlin espirrou com o pó.

Ele colocou o braço na chaminé e retirou mais galhos, os juntou e os carregou para fora do chalé. Caitlin podia ouvi-lo subir no telhado e retirar mais galhos da chaminé. De repente, ela sentiu uma corrente de ar, e percebeu que ele havia liberado a passagem. Segundos depois, ele entrou novamente, carregando uma pequena pilha de madeira seca e própria para queimar. Ela se impressionou com a velocidade com que ele fazia tudo. A velocidade da raça dos vampiros. Era incrível. Aquilo a fez se sentir como uma lesma em comparação.

Ele colocou a madeira na lareira, pegou a vela da mão de Caitlin e a acendeu em vários lugares.

Dentro de alguns minutos, havia uma fogueira em brasa no pequeno e aconchegante chalé. Ela ficou agradecida pelo calor. Ela colocou as suas velas nas paredes de pedra, no alto, e juntamente com a fogueira, a sala estava bastante iluminada e aquecida agora. Com suas mãos livres, ela chegou mais perto do fogo e se recostou contra a parede de pedra. Ela esfregou as mãos na frente do fogo, e estava começando a se sentir melhor.

Caleb a seguiu, sentando do lado oposto da fogueira, recostado na parede. Eles estavam de frente um para o outro na pequena sala, seus pés quase se tocando. Caleb examinou a sala, olhando para o chão, examinando as paredes e o teto. Ele olhou atentamente para os tijolos na lareira, analisando cada detalhe possível. Caitlin acabou fazendo o mesmo. Ambos tinham a mesma coisa em mente: o que poderia estar escondido aqui? E onde? “Este é definitivamente o lugar,” Caleb disse. “É aqui que Elizabeth vivia. A pergunta é: por que o mapa nos mandou até aqui? Eu não vejo nada,” ele disse, finalmente, admitindo a derrota.

“Nem eu,” Caitlin teve que admitir. Um silêncio confortável caiu sobre eles. Depois do turbilhão de eventos do dia, ela estava

exausta. Pelo menos, ela estava feliz por eles terem um abrigo naquela noite, e estava cansada demais para pensar em qualquer outra coisa. Ela adorava a sensação do casaco dele em seus ombros. Ela sentiu o formato de seu diário, ainda dentro do bolso do seu jeans, e sentiu vontade de abri-lo e de escrever. Mas estava cansada demais. Ela olhou para o outro lado da sala, e estudou Caleb. Ela ficou impressionada em ver que ele era praticamente imune ao frio, ao cansaço, e aparentemente, à fome. Na verdade, ele parecia ter mais energia à noite. Ele ainda parecia estar em perfeitas condições, apesar de tudo o que eles haviam passado. Apesar do tiro. Ela olhou para o seu braço, e viu que ele já estava totalmente curado.

Enquanto ele observava o fogo, perdido em pensamentos, seus olhos brilhavam com um castanho intenso, e ela sentiu uma necessidade esmagadora de saber mais sobre ele.

“Me conte sobre você,” Caitlin disse. “Por favor.”

“O que você quer saber?” ele perguntou, ainda olhando para o fogo.

“Tudo,” ela disse. “As coisas que você viu... eu não consigo sequer compreender,” ela disse.

“Do que você se lembra mais?”

Um longo silêncio caiu sobre a sala enquanto Caleb ficava sentado lá, com a testa franzida.

“É difícil dizer,” ele começou suavemente. “No começo, nas primeiras vidas, eu estava apenas dominado pela emoção de estar vivo, século após século. Eu havia vivido quando todos os outros de quem eu gostava haviam morrido. Primeiro, você começa a perder amigos e família, e todas as pessoas que você amava, é isso que mais dói. Esta é a pior época. Você começa a se sentir muito, muito sozinho.

“Depois dos primeiros cem anos, você começa a criar ligações com lugares ao invés de pessoas. Com vilas, cidades, prédios, montanhas. É a isso que você se apegar.

“Mas quando século após século passam, até mesmo estes lugares desaparecem. Cidades desaparecem. Novas cidades crescem. Países se desdobram em outros países. A guerra dizima

culturas inteiras que você amava. Idiomas se perdem. Então, você aprende a não se apegar a lugares também.”

Ele limpou a garganta, concentrando-se.

“Quando lugares que você ama desaparecem, você se apega à coisas. Por centenas de anos, eu colecionei artefatos, tesouros inestimáveis. Isso me dava uma grande alegria. Mas, depois de centenas de anos, isso, também, perdeu seu apelo. Perdeu o sentido.

“Enfim, depois de milhares de anos, você vê a vida de uma forma diferente. Você não se apega à pessoas, à lugares ou à coisas. Você não se apega a nada.”

“Então, o que permanece com você?” Caitlin finalmente perguntou. “Com o que você se importa? Deve haver alguma coisa.”

Caleb a encarou, pensando.

“Eu acho que,” ele disse, finalmente, “o que permanece com você depois que tudo mais se vai... são as impressões.”

“Impressões?”

“Impressões de certas pessoas. Memórias de momentos passados juntos. Como eles o afetaram.”

Caitlin queria escolher suas próximas palavras com cuidado.

“Você quer dizer, como...relacionamentos? Como, tipo, romance?”

Um silêncio cobriu a sala. Ela podia senti-lo escolhendo suas palavras.

“Existem vários tipos de relacionamentos que são importantes, mas no fim das contas, o romance provavelmente permanece mais com você,” ele finalmente disse. “Mas existem outras coisas envolvidas. No começo, tudo é o romance. Mas com o tempo, a pessoa... ocupa uma pequena parte de você. Eu não sei como explicar de outra forma. Mas depois de todos os séculos, é isso que fica.”

Caitlin estava tocada pela honestidade dele. Ela esperava que ele falasse sobre onde ele nasceu, onde cresceu. Mas ele havia feito muito mais do que isso, como de costume. As suas palavras a tocaram, mas ela não sabia bem como. Ela não sabia como responder.

“Depois de tanto tempo,” ele finalmente continuou, “quando você conhece pessoas, você imediatamente tenta identificar de onde você os conhece em outras encarnações. Eles nunca se lembram, mas eu sempre lembro. Eu fico esperando pelo momento em que eu reconheço de onde eu os conheço. E quando ele chega, tudo faz sentido.”

Caitlin estava com medo de fazer a próxima pergunta. Ela hesitou.

“Então... e nós?”

A testa de Caitlin franziu, enquanto ela observava o fogo. Ele esperou um longo tempo antes de responder.

“Você é a única pessoa que eu já conheci com a qual tudo está... obscuro. Eu sei, dentro de mim, que já conheci você. Mas eu não sei como. Algo está sendo escondido de mim, e eu não entendo o porquê. Eu só posso imaginar que exista algo sobre você—sobre nós—que eu não posso saber.”

Caitlin não sabia o que dizer. Ela estava dominada por suas emoções por ele, e não confiava em si mesma para dizer qualquer coisa. Ela sabia que, qualquer coisa que dissesse acabaria saindo errado. Ela se levantou e pegou um pedaço de lenha, e com a mão tremendo, a jogou na lareira. Mas ela estava tão nervosa que a lenha escorregou, caindo no chão com uma batida.

Caitlin e Caleb pararam e olharam um para o outro. A batida da madeira: o som era oco. O

piso. Havia algo embaixo dele. Ao mesmo tempo, os dois correram até o ponto do chão onde o pedaço de lenha havia caído, e Caleb passou a mão sobre ele. Séculos de poeira foram limpos, revelando a madeira nua. Ele bateu forte com os nós dos dedos, e lá estava novamente, o som oco.

“Afaste-se,” ele disse, e ela se encostou na parede.

Quando o fez, ele levantou o braço e deu um soco na tábua. A madeira se quebrou com o soco e, enfiando o braço no buraco, ele quebrou várias outras tábuas. Caitlin pegou uma vela e a colocou dentro do buraco. Não havia muito espaço, e eles podiam ver a poeira no chão. Caitlin moveu a vela. A princípio, ela não revelou

nada. Mas quando ela a moveu para o canto, ela viu algo de repente. “Lá.”

Caitlin esticou o braço e retirou o objeto lentamente. Ela o levantou e limpou a poeira que o cobria. Era um pequeno saco de cetim vermelho. Amarrado com um cordão. Ela deu a vela para Caleb e começou a abri-lo. Ela se perguntou o que aquilo poderia ser. Uma moeda? Uma joia? Seu coração pulava com emoção quando ela finalmente conseguiu abrir o saco. Ela colocou a mão dentro dele delicadamente, e sentiu algo frio e metálico.

Ela o levantou e ambos observaram o objeto. Era uma pequena chave. Ela olhou dentro do saco, para se certificar de que não havia mais nada dentro. Era isto. Apenas esta chave. Ela a deu para Caleb. Ele também a levantou, chegando mais perto do fogo, examinando-a de todas as formas.

“Você a reconhece?” Caitlin disse.

Ele balançou a cabeça.

Caitlin se aproximou dele, e ambos se sentaram perto do fogo e tocaram a chave. Quando ela a virou, notou algo. Ela lambeu o dedo, e o esfregou pelo metal. Uma última camada de poeira evaporou e uma pequena inscrição ficou visível, escrita com uma caligrafia delicada.

A Casa Vincent.

Ela olhou para Caleb. “Você a conhece?”

Ele se inclinou para trás, balançou a cabeça e suspirou.

“Eu acho que a nossa busca ainda não terminou,” ele disse finalmente. Ela podia ouvir a decepção em sua voz. Ele certamente havia esperado encontrar a espada aqui. Ela sentia muito, e se sentiu culpada de alguma forma. Ela também estava frustrada com todas as pistas.

Ela se recostou, se preparando para o que, ela imaginou, seria uma longa busca. Pelo menos, este lugar havia produzido uma pista. Pelo menos, aquele não era um impasse. Agora, pelo menos, eles tinham uma chave. Mas para o quê?

Antes que ela pudesse terminar o pensamento, Caitlin se dobrou de dor de repente. Ela sofreu uma pontada de fome, pior do qualquer uma que ela já havia tido. Ela mal conseguia respirar.

Ela sentiu a mão em seu ombro. "Caitlin?" Ele não esperou que ela respondesse. Ela sentiu uma mão forte embaixo do seu braço, depois sentiu a si mesma sendo carregada, e ele correu com ela para fora do chalé, através da cerca de galhos, e para a floresta.

Enquanto as pontadas a atacavam, ela se sentiu sendo carregada pela floresta, e viu as árvores passando por ela em uma velocidade incrível. Ela sentiu a raiva crescendo dentro dela. O

desejo de se alimentar. De matar. Seu corpo estava mudando rapidamente, e enquanto ela se agitava nos braços dele, ela não sabia por quanto tempo conseguiria se controlar. Caleb finalmente parou, a colocou no chão e de pé. Ele a segurou pelos ombros, e olhou diretamente para ela.

"Você precisa me ouvir. Eu sei que é difícil ouvir neste momento. Mas você precisa se concentrar."

Ela tentou ao máximo se concentrar nas suas palavras, em seus olhos. Havia uma neblina vermelha caindo sobre o mundo dela, e a vontade de matar corria por suas veias.

"É a necessidade de se alimentar. Você precisa de sangue. Nós estamos em uma floresta. Eu posso ensinar você. Nós podemos caçar juntos."

Ensinar você. Ensinar você. Ela tentou se apegar às suas palavras. Ela sentiu a si mesma sendo puxada, e antes que percebesse, eles voaram para dentro da noite.

TREZE

Samantha acordou com o nascer do sol e olhou ao redor. Ali, na cama, ao seu lado, estava o garoto adolescente. Sam. Ele havia sido tão facilmente seduzido. Ela quase se sentiu mal. Ela sabia que havia violado uma lei ao dormir com um humano, mas este era tão jovem e fresco, que ela decidiu contornar as regras. Por que não? Ninguém jamais saberia. Claro, ela nunca diria a ninguém, e não deixaria Sam viver por tempo suficiente para contar para alguém. Uma vez em algumas centenas de anos, ela precisava se satisfazer. Era o mínimo que ela podia se permitir. Além disso, havia algo nele, algo que, para um humano, o tornava quase tolerável. Na verdade, se ela fosse honesta consigo mesma, ele era mais do que tolerável. Ela não conseguia identificar exatamente o que era, e isto, mais do que qualquer coisa, a incomodava.

Agitada por seus sentimentos, ela se sentou, ainda nua, e em um movimento rápido, pulou da cama e caminhou silenciosamente pelo quarto. Ela pegou suas roupas e se vestiu rapidamente, olhando através das portas de correr de vidro. O dia estava amanhecendo. Que irônico, ela pensou. Dormindo durante a noite e acordando de manhã. Igual à um humano. Aquele pensamento a enojava, mas haviam momentos em que era preciso fazer exceções. Ela olhou por sobre o ombro e viu o garoto dormindo profundamente. Ela o havia esgotado, com certeza. Ela sabia que ele nunca havia tido uma experiência como aquela, e que nunca teria novamente. Afinal, ela tinha dois mil anos de experiência. Ele certamente tinha muita sorte.

Pelo menos por enquanto. Ele teria a mesma dose de azar nas próximas semanas, depois que ela o usar o suficiente e descobrir tudo o que precisava saber sobre o seu pai. Então, ela o descartaria. Mas por enquanto, ele era um brinquedo divertido. Bastante divertido.

Ele continuava dormindo profundamente, já que ela era tão ágil, tão flexível. Como um gato.

Ela podia desfilhar pela casa inteira e ele nunca ouviria nada, a não ser que ela quisesse. Uma das muitas vantagens de ser vampira. Ele havia sido tão ingênuo: ele realmente acreditou que esta casa era dela. Ela ficou preocupada em como explicar o fato de que não haviam cobertas ou lençóis ou travesseiros—ou qualquer outra coisa na casa— mas, para a sua surpresa, ele nem sequer perguntou. E o lugar havia sido pelo menos parcialmente mobiliado.

Provavelmente por algum corretor desesperado, decorando a casa para visitas hipotéticas.

Pelo menos, ela estava aproveitando tudo. Ela sentiu o calor correr por suas veias, e percebeu que não podia mais esperar. Ela precisava se alimentar. Havia sido difícil para ela dormir com ele e não terminar, como ela sempre fazia, se alimentando. Mas ela precisava dele vivo. Ele era a chave, e ela precisava se controlar. Mas isso não impediu a fome, e enquanto ela caminhava pela casa vazia, olhando para o céu da manhã, para a estrada vazia, ela se perguntou se algum humano desavisado estaria caminhando pela trilha. Talvez uma criança pequena, acordada cedo demais. Isto seria perfeito.

Antes que ela pudesse concluir o pensamento, uma BMW brilhante veio pela estrada e entrou em seu estacionamento. Ela ouviu o som de pedregulhos enquanto os pneus brilhantes do carro giravam lentamente na direção da casa. Quem diabos, ela pensou, poderia estar entrando no estacionamento àquela hora do dia? Quem sabia que ela estava lá? O seu coração parou momentaneamente, quando ela se perguntou se poderia ser um membro do seu clã.

Alguém havia a visto acasalar? Algum vampiro rival teria a denunciado, e eles haviam chegado para puni-la?

A porta do carro se abriu e um humano saiu, mal vestido em um terno barato, carregando uma placa de “vende-se” embaixo do braço. Ele caminhou na direção da porta da frente da casa. Ela estava tão aliviada que riu alto. Era apenas outro humano patético. E este era um corretor de imóveis. O pior de todos. Claro. Agora fazia sentido. Ele provavelmente estava se preparando para mostrar a casa, provavelmente tinha um dia de visita agendado, e estava

aqui cedo para garantir que tudo estava perfeito. Cuidadoso demais. E desesperado.

Enquanto ela o observava se aproximar, ela viu sua testa franzir com confusão e preocupação, quando começou a notar os sinais de que a casa estava ocupada. A pick-up de Sam estava no estacionamento. Uma luz estava acesa. Ele parecia totalmente confuso, como se estivesse tentando lembrar se havia deixado uma luz acesa, ou pensando em quem seria o dono daquele carro.

Então, quando ele parecia perceber que algo mais estava acontecendo, a sua expressão se transformou em irritação. Samantha sorriu. Ela adorou vê-lo irritado, e se divertiu com o fato de que as coisas estavam prestes a ficar bem piores. Ela mal podia esperar. Ela abriu bem a porta e saiu, indo na direção dele. A sua expressão mudou para uma de total indignação.

“Que diabos você está fazendo nesta casa?” ele gritou do gramado, caminhando rápido na direção dela. “Você sabia que isto é invasão de propriedade privada? Vocês jovens acham que tudo é uma piada, que podem entrar onde quiserem. Eu estou cansado disso. Você não vai sair ilesa desta. Eu já estou cansado disso!” ele gritou apressadamente, enquanto pegava seu celular, ainda caminhando na direção dela.

Ela sorriu ainda mais, e isto realmente o irritou.

“Você acha que isso é uma piada, não é?” ele disse, quando começou a levantar o telefone até o ouvido, caminhando na direção dela duas vezes mais rápido. Quando a alcançou, ele a agarrou com força embaixo do braço. Ele se virou, pensando que iria arrastá-la para fora. A sua expressão mudou para uma de choque quando ele percebeu que ela tinha outros planos.

Antes que seus dedos pudessem apertar a pele dela, ela havia girado o braço dele em um único movimento, e então o girou de volta, quebrando-o no meio.

O rosto dele se contorceu de dor e ele começou a gritar. Mas antes que ele pudesse fazer qualquer barulho, ela agarrou a sua cabeça e a puxou até o seu joelho. Houve um som de quebra, e mais nada, seu corpo amoleceu. Antes que o seu corpo pudesse cair no chão, ela já estava atacando, mergulhando seus dentes no

pescoço dele. Os olhos dela viraram para cima enquanto ela se alimentava. Ela sentiu êxtase, enquanto o sangue dele corria pelo seu corpo.

Quando terminou, ela pegou o corpo sem vida, foi até o seu carro, abriu o porta-malas e jogou o corpo dentro dele. Antes de fechá-lo, ela esticou a mão e pegou as chaves do carro de dentro do bolso do homem.

Ela voltou para a casa, limpando os últimos resquícios de sangue de sua boca, e admirou o céu da manhã. Este iria ser um ótimo dia.

QUATORZE

Caitlin estava correndo. Ela estava de volta no campo, correndo pela grama alta. O dia estava amanhecendo, e enquanto ela corria, o mundo parecia girar. Ela se sentiu como se estivesse correndo direto para o enorme e brilhante sol. Lá, no horizonte, estava seu pai, sua silhueta iluminada pelo sol. Seus braços estavam abertos, esperando para abraçá-la. Ela não conseguia ver as suas feições, mas sabia que ele estava sorrindo, esperando para abraçá-la. Se pelo menos ela conseguisse correr mais rápido.

Caitlin correu com todas as suas forças, mas não importava o quão rápido ela corria, ele continuava se afastando. Ela não estava surpresa. Isto sempre acontecia no sonho. Uma parte dela sabia disso mesmo enquanto sonhava. Mas desta vez, algo aconteceu. Desta vez, de repente, ela conseguiu ganhar terreno. Ele estava realmente chegando mais perto. Enquanto ela corria para mais perto dele, 45 metros, depois 20, depois 10, pela primeira vez, ela o viu.

Ele estava parado ali, enorme, tão alto e orgulhoso, em toda a sua glória, iluminado pelo sol.

Ele era um homem lindo. Um guerreiro. De alguma forma, ele se parecia com Caleb.

Ela correu direto para os seus braços, e lhe deu um grande abraço. Ele a abraçou de volta.

Aquilo a fez sentir tão bem, estar finalmente em seus braços.

“Papai!” ela gritou.

“Minha filha,” ele disse, em uma voz grave, linda e reconfortante. “Eu senti tantas saudades suas. Eu tenho olhado por você. E estou tão orgulhoso de você,” ele disse.

Ele a segurou pelos ombros, a afastou na distância de um braço, e olhou dentro de seus olhos.

Os olhos dele eram de um amarelo vivo, a cor do sol, e brilhavam na direção dela. Ela não conseguia olhar, mas também não conseguia desviar o olhar. Eles irradiavam tanto calor e amor.

“Você se lembra, Caitlin?” ele perguntou. “Você se lembra, quando era pequena? Onde nós costumávamos ir? Os rochedos. Os rochedos vermelhos.”

Uma imagem de enormes rochedos vermelhos, de pedras gigantescas, espalhadas por toda a praia, na água, passou pela sua mente. Um lugar mágico. Sim, ela lembrava. Estava voltando à sua memória.

“Me encontre lá,” ele disse. “Continue a sua busca. E me encontre lá.”

Ele começou a desaparecer, e enquanto ela esticava os braços para alcançá-lo, ele desapareceu de repente. Caitlin acordou agitada. Ela estava deitada de costas, olhando para o topo das árvores. Na distância, ela podia ver o céu passando, através das árvores. Um resquício de nuvem flutuava. Ela não tinha ideia de onde estava, mas ainda se sentia como se estivesse sonhando. Ela podia ouvir o vento agitando os galhos delicados e sem folhas, e parecia que o mundo todo estava vivo, se movendo, fazendo barulho.

Apesar de estar ao ar livre, ela se sentia confortável. Ela olhou para baixo e viu que estava deitada no chão da floresta, em uma pilha de agulhas de pinheiro macias. A 30 cm de onde Caleb estava deitado. O seu coração se encheu. Era ótimo estar dormindo tão perto dele. Ela esperava que ele não acordasse logo, que ela pudesse ficar ali deitada para sempre. Tudo no mundo parecia estar perfeito. Ela voltou a olhar para o céu, e tentou lembrar de como havia chegado ali. Tentou lembrar da noite anterior. Ela se lembrou de se alimentar. Havia uma pequena família de cervos, e Caleb a havia acalmado, a ensinado a esperar. Ele a ensinou a controlar a fome. Ela lembrou de ter sentido clareza.

Quando ela correu atrás deles, seu corpo a surpreendeu, a disse o que fazer, para onde ir. Ela se viu correndo em uma velocidade enorme pela floresta, e depois atacou. Ela se lembrou de ter colocado os braços em torno do pescoço do cervo, e de correr com ele. Havia sido rápido, mais rápido do que ela podia ter imaginado. Mas finalmente, ela encontrou a veia e mergulhou seus dentes nela. E a sensação havia sido eletrizante. Ela nunca havia se sentido mais

viva do que quando o sangue do cervo correu pelo seu corpo. Ela sentiu como se estivesse pegando fogo. Rejuvenescida.

Lentamente, as suas dores haviam diminuído, assim como a fome. E ela se sentia mais forte do que jamais havia se sentido. Ela sentia que o mundo era dela. Ela olhou para Caleb. Ele também havia se alimentado na noite anterior. Eles haviam se encontrado depois, ambos eufóricos, e depois, muito cansados. Eles haviam se deitado no chão da floresta, próximos um do outro, e olhado para as árvores que balançavam. Ouvindo o som do vento. E então, dentro de alguns momentos, ambos haviam caído no sono.

Agora, deitados ali, ela se aproximou dele, querendo testar como se sentiria em seus braços.

Ela ainda estava usando o casaco de couro dele, e quando ela esticou o braço, com as mangas do casaco cobrindo suas mãos, passou a parte de trás de sua mão pelo rosto de Caleb. Era tão macio. Ela os imaginou juntos, um casal. Caitlin ouviu uma agitação de repente, e se sentou.

Bem na sua frente, se aproximando devagar, havia uma alcateia de lobos. Ela nunca havia visto um lobo antes, e não tinha ideia de como reagir. Estranhamente, ela não estava com medo. Ela estava intrigada, hipnotizada. Na verdade, enquanto os observava, ela quase sentiu uma estranha sensação de afinidade. Enquanto observava, ela esticou o braço e colocou uma mão sobre Caleb, sacudindo-o. Ele se sentou repentinamente ao lado dela, alerta. Os dois observaram juntos enquanto a alcateia se aproximou, a apenas 30 cm de distância, cheirando e circundando.

“Não tenha medo,” Caleb disse suavemente. “Eu consigo sentir o pensamento deles. Eles estão apenas curiosos. Continue parada.”

Caitlin estava sentada e imóvel, observando enquanto o líder dos lobos se aproximou dela, a apenas centímetros de seu rosto, colocando seu nariz na bochecha dela. Vários momentos de tensão se seguiram, enquanto Caitlin se perguntou o que fazer. Seu coração estava batendo forte, e ela teve vontade de empurrar o lobo para longe. Mas em vez disso, ela seguiu a instrução de Caleb e ficou imóvel.

De repente, ele se virou e foi embora. Quando ele se foi, a alcateia o seguiu. Com uma exceção. Uma pequena loba, um filhote, um pouco maior do que um cachorro pequeno, ficou com eles. Ela mancava, e olhou para a alcateia. Depois se virou e olhou para Caitlin, e caminhou na direção dela. Ela foi direto para o colo de Caitlin e abaixou a cabeça. Era óbvio que ela não queria ir embora.

“A alcateia não a quer mais,” Caleb disse. “Ela está machucada. É um risco para eles. E eles estão com fome demais para serem pacientes. Eles a abandonaram.”

Caitlin tentou se concentrar, tentou ler os pensamentos do animal como Caleb fazia. Ela não conseguia lê-los exatamente, mas sentiu uma energia, seus sentimentos. Ela estava muito sozinha. E com medo. Caitlin a pegou e a segurou em seus braços. Quando ela acariciou a cabeça do animal, a loba se inclinou para trás e lambeu o seu rosto. Caitlin sorriu.

“Você tem uma amiga,” Caleb disse.

“Podemos levá-la conosco?” ela perguntou.

Caleb franziu a testa.

“Não seria a melhor ideia,” ele disse. “O cheiro dela... poderia atrair outras coisas.”

“Mas nós não podemos deixá-la aqui,” Caitlin implorou, se sentindo muito protetora de repente.

“Nós não podemos.”

“Para onde nós estamos indo, haverá um grande perigo. Ela poderia acabar envolvida.”

“Ela não estaria em perigo aqui?” ela perguntou.

“Ela morreria sem ajuda.”

Caleb pensou por um longo tempo.

“Eu creio que podemos levá-la ...”

A loba, como se entendesse, correu e pulou nos braços de Caleb, lambendo seu rosto. Caleb deu um grande sorriso enquanto a acariciava. “Ok, ok, já chega, amiguinha,” ele disse.

“Que nome daremos a ela?” Caitlin perguntou.

Caleb pensou. “Eu não sei,” ele disse finalmente.

De repente, ela lembrou. A Rosa e o Espinho.

“Rosa,” ela disse de repente. “Vamos chamá-la de Rosa.”

Caleb olhou para ela, depois assentiu em aprovação. “Rosa,” ele disse. “Sim, é perfeito.”

Como se respondesse ao seu novo nome, Rosa correu de volta para o colo de Caitlin e se aconchegou em seu peito.

“Uma família de lobos é um sinal muito poderoso,” Caleb disse. “Significa que a energia da natureza está conosco. Nós não estamos sozinhos em nossa busca.”

“Eu tive um sonho ontem à noite,” Caitlin disse, se lembrando. “Foi diferente de tudo que eu já havia sonhado antes. Foi tão vívido. Foi como... uma visita. Do meu pai.”

Caleb se virou e olhou para ela.

“No sonho, eu havia lembrado de tudo. Uma memória antiga. Um verão, eu me lembro, ele me levou com ele. Para uma ilha. Haviam pedras enormes perto do mar, e aqueles rochedos íngremes, rochedos vermelhos que brilhavam no sol—”

Os olhos de Caleb se iluminaram de repente.

“Você sonhou com os Rochedos Aquinnah,” ele disse. “Sim. Isto faria total sentido.”

“No meu sonho, ele me disse para voltar lá. Ele disse para... encontrá-lo lá.”

“Isto não foi um sonho,” Caleb disse, se endireitando. “Os vampiros visitam os sonhos da manhã. Seu pai quer que a gente vá para os rochedos.”

“Mas e a chave que acabamos de encontrar?” Caitlin perguntou.

“Nós não sabemos para o que ela serve,” ele respondeu. “A Casa Vincent pode estar em qualquer lugar. É provavelmente mais uma perda de tempo. Nós não temos para onde ir.”

Caleb se levantou. “Nós precisamos ir para os rochedos imediatamente.”

QUINZE

Sam se acordou em um quarto estranho e olhou em sua volta. Ele tentou lembrar de onde estava. A cama era confortável, mais confortável do que qualquer uma que em que ele havia dormido em muito tempo, mas ele não conseguia lembrar a quem ela pertencia, ou o que ele estava fazendo ali.

Então, ele lembrou. Samantha. Ele se virou e a procurou, mas ela não estava ali. Aquilo havia realmente acontecido? Havia sido tudo apenas um sonho? Ele se sentou, esfregou os olhos e percebeu que estava nu, deitado em um colchão sem lençóis. As suas roupas estavam espalhadas pelo chão. Ele estava exausto, mas de um jeito maravilhoso. Ele era um homem diferente. Homem era a palavra-chave. Ele acordou se sentindo como um homem de verdade pela primeira vez na vida. Ele nunca havia tido uma noite como aquela antes, e já imaginava que nunca teria novamente. Ela era incrível.

Sam pulou da cama, vestido, e caminhou pela casa vazia. Ele olhou pela porta de vidro e viu que o dia estava apenas nascendo. Aquilo também era maluco. Ele não havia visto o dia nascer em muito tempo. Na verdade, era raro para ele estar acordado em qualquer dia antes do meio-dia. Ele estava com fome e com sede, mas principalmente, estava exausto.

“Samantha?” ele chamou, enquanto caminhava pela casa procurando por ela. Ele foi de um quarto para o outro, mas não conseguia encontrá-la em lugar nenhum. Ele começou a se perguntar se aquilo tudo havia realmente sido apenas a sua imaginação. Ele foi até a sala de estar e olhou pela grande janela. Lá estava a sua pick-up, no estacionamento. E lá, atrás dela, estava uma BMW brilhante. Ele se perguntou se o carro era dela. E por que ele não o havia visto antes. Esta garota estava cheia de surpresas. Mas ele não se importava com nada daquilo. Ele nem se importava em ter um lugar para ficar. Ele percebeu que apenas gostava de estar perto dela. Do cheiro dela. Do som da sua voz. Do jeito que ela se movia. E, claro, na noite anterior. Foi incrível.

Mas principalmente, ele realmente havia gostado de ter alguém com quem conversar. Alguém que ouvia, que se importava, que parecia entendê-lo de verdade. Ele estava se apaixonando por aquela garota. Ele não conseguia acreditar, mas realmente estava. E agora, depois de tudo aquilo, ela havia ido embora?

Ele abriu a porta da frente, e lá estava ela. Samantha. Ela estava abrindo a porta naquela mesma hora.

“Oi,” Sam disse, tentando parecer casual, mas muito feliz em vê-la. Ele sentiu seu coração acelerar apenas por vê-la novamente. Ela parecia mais bonita na manhã do que parecia na noite anterior, seu cabelo vermelho longo desalinhando sobre o seu rosto e seus olhos verdes brilhantes olhando para ele. E tão pálida. Ele era pálido também—mas ela era mais pálida do que qualquer pessoa que ele já havia visto.

“Oi,” ela disse casualmente. Ela parecia constrangida, como se ele a houvesse surpreendido, a pego no meio de algo. Ela passou por ele e entrou na casa. Ele se virou e caminhou até ela, confuso. Ele se perguntou se havia feito algo de errado. Ou talvez ele não tenha sido bom o suficiente. Se ela queria que ele fosse embora. Ele começou a se sentir constrangido enquanto caminhava atrás dela.

Ele ouviu o som de água corrente. Ela estava parada na frente da pia, lavando as mãos e jogando água no rosto. Ela provavelmente havia acabado de acordar, talvez tivesse saído para dar uma caminhada matinal.

“Você acordou cedo,” ele disse, sorrindo, enquanto a observava lavando o rosto mais uma vez.

Ela descansou, sem pressa, depois pegou uma toalha e secou o rosto. Ela penteou um pouco do cabelo para longe do rosto e respirou fundo.

“Sim,” ela disse, expirando, “corrida matinal. Eu levanto cedo.”

“Sem sapatos?” ele perguntou.

Samantha olhou para baixo e viu que estava descalça. Ela sentiu seu rosto corar. Este garoto era perceptivo.

“É melhor para os pés,” ela disse, se virando rapidamente e indo na direção do outro quarto.

Surpreso com a sua partida abrupta, Sam se perguntou se ela estava o evitando. Talvez ela tivesse mudado de ideia. Ele provavelmente havia feito algo de errado. Era de se esperar.

Sempre que ele encontrava alguma coisa boa, ele sempre a estragava.

Sam a seguiu até a sala de estar. Ele percebeu que precisava esclarecer as coisas, conversar com ela. Quando entrou, ela estava retirando seus longos cabelos vermelhos do rosto, fazendo um rabo de cavalo. As suas bochechas estavam coradas, e pareciam se encher ainda mais de cor, na frente dele. Ela deve ter corrido muito, ele pensou.

"Samantha," ele começou, hesitante, "a noite passada foi incrível."

Ela se virou e olhou para ele, e as suas feições se suavizaram um pouco. Ela caminhou até ele lentamente, colocou uma mão em seu rosto e o beijou, lentamente. O coração de Sam se encheu. Ela não estava cansada dele. Ele não havia feito nada de errado. Ele começou a se encher de otimismo novamente. Ele a queria. Mas antes que pudesse abraçá-la, ela se afastou, foi até o sofá e vestiu seu casaco preto de couro.

"Eu estou inquieta," ela disse. "Vamos sair daqui." Ela olhou para ele. "Quer dar uma volta de carro?" ela perguntou.

"Uma volta?" ele perguntou, olhando para o relógio. "Tão cedo?"

"Eu odeio ficar sentada em casa," ela disse. "Eu quero sair daqui. Vamos tomar um ar fresco.

Você topa?" ela perguntou, olhando com seus olhos verdes dentro dos dele.

Quando os seus olhos se encontraram, ele sentiu seus pensamentos mudarem. Quase como se estivesse enfeitiçado por ela. Ele começou a gostar do plano dela, de repente: fazia total sentido. Ela estava certa. Por que ficar nesta casa? Era chato. De repente, ele realmente queria sair dali também, e na verdade, não podia suportar mais um segundo naquela casa.

"Sim, eu topo," ele ouviu a si mesmo dizer, "mas para onde?"

"Mande um e-mail para o seu pai," ela disse.

"Diga-lhe que nós estamos indo visitá-lo."

Sam sentiu suas sobrancelhas se levantarem em surpresa. “Meu pai? Você quer dizer, agora?”

“Por que não? Vocês queriam se ver. Agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra. Ele está em Connecticut, certo? Seria uma boa viagem.”

Sam lutou para pensar. Tudo parecia tão repentino.

“Bem, eu não sei se ele estaria pronto em um prazo tão curto—”

“Sam,” ela disse firmemente, “ele está sempre lhe mandando e-mails. Ele está louco para ver você. Basta você mandar um e-mail para ele e perguntar. E de qualquer jeito, vamos ir. Se ele não estiver disposto, pelo menos nós fizemos uma viagem legal.”

Enquanto pensava naquilo, ele se sentiu mudando de ideia novamente, e percebeu que ela tinha toda a razão. Claro. Por que ele não havia pensado nisso? Uma longa viagem de carro.

Connecticut. Mandar um e-mail para o seu pai. Sim, era perfeito. Ele pegou seu celular, entrou no Facebook, e começou a digitar: Pai. Eu quero ir vê-lo agora. Na verdade, estou saindo de casa agora. Estou à umas duas horas de distância. Por favor, me dê seu endereço. Eu espero que não tenha sido muito em cima da hora. Amor, Sam. Sam colocou o telefone no bolso, pegou suas chaves e saiu pela porta da frente. Ela já estava esperando do lado de fora.

Enquanto eles atravessavam o gramado indo na direção da BMW, Sam disse, “Gostei do seu carro.”

Ela sorriu enquanto levantava as chaves.

“Obrigado,” ela disse. “Eu economizei por muito tempo.”

DEZESSEIS

Enquanto Caitlin e Caleb estavam parados perto do parapeito, olhando para o oceano, a barca para Martha's Vineyard soou o seu apito e começou a partir. Caitlin olhou para baixo e viu a água se movendo, e ficou entusiasmada. Ela adorava barcos. Ela estava feliz e livre. Enquanto via as ondas se levantando embaixo dela, ela percebeu que, naquele momento, ela provavelmente estaria sentada assistindo a alguma aula idiota, ouvindo o professor tagarelar.

Ela se sentia uma adulta. Independente. O mundo inteiro era dela.

Ela olhou para Caleb, esperando vê-lo feliz também, e ficou surpresa ao vê-lo tão nervoso. Ela nunca o havia visto daquele jeito. Ele parecia mais pálido do que o normal. Ela se perguntou se ele não gostava de barcos, ou talvez, não soubesse nadar. Ela esticou o braço e colocou uma mão reconfortante sobre a dele. "Você está bem?"

Ele acenou com a cabeça e engoliu em seco. Ele se agarrava ao parapeito e olhava para a água como se ela fosse seu inimigo.

"Qual é o problema?" ela perguntou.

Ele engoliu em seco.

"Água," ele disse simplesmente. Ele segurou o parapeito com ainda mais força. "A nossa raça não gosta de água. Especialmente de cruzá-la. A maioria nem sequer tenta."

Caitlin verificou a si mesma, e percebeu que se sentia bem. Ela se perguntou se era porque ela não era uma vampira pura.

"Por quê?" ela perguntou.

"A água age como um tipo de proteção psíquica," ele disse. "Quando você cruza uma grande massa de águas, está cruzando um campo de energia. Ele também afeta nossos sentidos. Os enfraquece. É mais difícil para nós lermos pensamentos, mais difícil de influenciar pessoas, mais difícil de sentir as coisas. É como um novo começo. Você perde o poder e a proteção que tinha em terra."

De repente, Rosa se encolheu mais ainda dentro do casaco de Caitlin. Ela pôde sentir o animal tremendo, e parecia que ela também estava com medo. Ela colocou a mão no casaco e esfregou a sua cabeça. Ela olhou ao redor e viu que haviam apenas algumas pessoas na grande barca. Também não havia quase ninguém no convés; ele estava praticamente vazio. Eles tiveram sorte de que a barca estava andando naquela época do ano. O ar frio de março, junto com a névoa vinda das ondas, não fazia desta uma das viagens mais quentes.

“Você quer entrar?” ela perguntou.

Ele agarrou ainda mais o parapeito, olhando para a água.

“Se você não se importar,” ele disse finalmente.

“Claro,” ela disse, “Eu estou com frio.”

Enquanto caminhavam entre as fileiras de assentos vazios, encontraram dois assentos perto da janela. Quando Caleb sentou, Rosa colocou a cabeça para fora do casaco de Caitlin e deu um gemido suave.

“Eu acho que ela está com fome,” Caitlin disse.

“O que um bebê lobo come?”

Caleb sorriu. “Eu não sei. Doces?”

Caitlin sorriu de volta. “Eu vou dar uma olhada na banca de lanches. Você quer alguma coisa?”

Caleb balançou a cabeça, ainda parecendo um pouco enjoado. Caitlin foi até a banca e examinou as fileiras de salgadinhos e doces. Ela pediu um cachorro-quente para Rosa, um Snickers para ela e um para Caleb, caso ele mudasse de ideia. Quando terminou de pagar, pronta para voltar, ela parou de repente. Um folheto, preso à uma parede, chamou a sua atenção. Enquanto lia, ela ficou paralisada. Ela mal podia acreditar no que estava escrito ali.

Ela o arrancou da parede e voltou pelo corredor. Ela esticou o braço e segurou o folheto na frente de Caleb. Ela olhou para ele, depois olhou uma segunda vez. Seu queixo caiu quando o leu. Era uma propaganda para visitar Martha’s Vineyard. E lá estava a Casa Vincent.

DEZESSETE

Sam sentou no banco do passageiro da BMW e eles aceleraram na direção da interestadual.

Ele não podia acreditar. Tudo parecia um sonho. Ali estava ele, no banco do passageiro de uma BMW novinha, correndo pela estrada, relaxado, com uma garota linda ao seu lado. E o carro era dela e ela estava dirigindo—no manual. Ela já era linda antes, mas isto a deixou ainda mais atraente. Ele se sentia como se estivesse em algum tipo de filme de James Bond. Coisas como aquela simplesmente não aconteciam com ele. As garotas nunca falavam com ele, e as poucas vezes que ele tentou paquerar uma delas, as coisas não tinham dado muito certo.

E as coisas continuavam melhorando. Não só ela tinha uma casa incrível e um carro legal, mas ele, assim como ele, queria apenas sair por aí. Os dois estavam com as janelas abertas, e o dia estava se tornando um dia agradável de março. Coldplay tocou no rádio e Sam esticou o braço e aumentou o volume. Ele se perguntou se ela baixaria o volume novamente ou trocaria de estação. Em vez disso, ela aumentou ainda mais o volume. Ele mal podia acreditar.

Sam olhava pela janela, vendo as árvores passando rapidamente, e se perguntou como seria conhecer o seu pai. Ele não conseguia acreditar que aquilo realmente estava acontecendo.

Depois de anos procurando o pai, ele finalmente o veria em apenas algumas horas. Ele mal podia acreditar que, todos aqueles anos, seu pai havia estado tão próximo. Connecticut. A apenas algumas horas de carro. Sam se perguntou como ele seria. Ele provavelmente era um cara legal, alto, com a barba por fazer, com cabelo meio longo e uma motocicleta. Talvez, ele tivesse tatuagens. Talvez, até alguns piercings. Ele se perguntou onde o pai morava, que tipo de casa seria, que tipo de propriedade. Ele provavelmente morava em uma casa incrível, algum tipo de mansão enorme, talvez algo dentro da água. Talvez, ele fosse um roqueiro aposentado.

Ele os imaginou dirigindo por uma longa entrada, cercada por árvores, e parando na frente da porta. Ele podia ver seu pai abrindo a porta, correndo para fora, emocionado ao ver Sam. Ele viu seu pai abraçando-o, lhe dando um grande abraço. E pedindo desculpas. Eu sinto muito, filho. Eu tentei encontrar você todos estes anos. Eu nunca consegui encontrá-lo. As coisas vão ser diferentes agora. Você vai morar aqui. Sam sorriu ao pensar nisso. Ele mal conseguia conter sua emoção. Ele se perguntou se hoje seria o começo de uma nova vida. Sim, quanto mais ele pensava naquilo, mais ele acreditava que seria. Talvez ele nem chegasse a voltar para Oakville. Talvez, ele simplesmente ficasse lá, todos os dias. Seria maravilhoso. Este seria o primeiro dia da sua nova vida.

Ele olhou para o lado e observou Samantha enquanto ela dirigia, seu cabelo vermelho voando com o vento. Ela era tão linda, tão legal. Ele se perguntou porque ela se importava com ele, com o seu pai, com levá-lo até lá. Ele imaginou que ela era do tipo aventureira, assim como ele. Sempre pronta para coisas novas. Ele se perguntou se seria estranho conhecer o pai com ela ao seu lado. Mas, enquanto pensava naquilo, ele percebeu que, na verdade, seria muito legal. Ela o faria parecer bem mais legal do que ele era. Aqui estava ele, chegando com uma gata. Seu pai ficaria impressionado. Talvez até acenasse para ele mostrando respeito.

Ele se perguntou onde Samantha iria depois de tudo aquilo, depois que ele fosse morar com o pai. Ela ficaria por perto? Ela iria embora? Claro que iria. Ela havia acabado de comprar a casa em Oakville. Ela tinha que voltar. O que aconteceria com os dois? Sam mordeu o lábio, nervoso de repente, se perguntando como tudo aconteceria, o que ele faria. Se o pai quisesse que ele se mudasse para lá, ele o faria. Mas ele realmente não queria deixar Samantha.

Ele lidaria com aquilo quando a hora chegasse. Eram coisas demais para pensar naquele momento. Ele apenas queria desfrutar da viagem, desfrutar do momento. Ele sentiu o carro gemer, e viu Samantha mudar para a sexta marcha, e viu o velocímetro chegar a 170 km/h. Ele estava maravilhado. Ele se perguntou se ela o deixaria dirigir também. Ele ainda não tinha a carteira de motorista, mas ele

tinha a impressão de que ela não se importaria. Ele finalmente criou coragem para perguntar.

“Você acha que eu podia dirigir?”

Samantha olhou para ele e sorriu. Seus dentes eram perfeitos, brilhantes.

“Você acha que aguenta?”

DEZOITO

A barca deixou Caitlin e Caleb no cais em Edgartown, uma pequena vila no sudoeste de Martha's Vineyard. Enquanto eles desciam a rampa, Caitlin notou que Caleb e Rosa pareciam aliviados de estar em terra firme. Rosa colocou a cabeça para fora e a manteve lá, cheirando o ar e absorvendo a vista com muita curiosidade. Caitlin levantou o folheto mais uma vez e o examinou. Ela não conseguia acreditar na sua sorte. Aquele era um anúncio para explorar a "Histórica Martha's Vineyard," e lá, no fim da lista de locais a visitar, estava: "A Casa Vincent.

Construída em 1672."

Depois de ver o anúncio, eles haviam decidido mudar os planos, e ir até a Casa Vincent primeiro, antes dos Rochedos Aquinnah. A inal, era isto que estava gravado na chave, e era uma pista mais concreta do que os rochedos. Talvez eles nem precisassem ir até os rochedos agora. Pelo menos, agora eles tinham um local específico para ir. E claro, Caitlin tinha a chave no bolso, próxima dela. Ela colocou uma mão no bolso e sentiu a prata gasta, e ficou mais tranquila. Caitlin e Caleb caminharam pelo longo cais, que estava praticamente vazio. Era como se eles tivessem a ilha só para eles. Apesar da época do ano, o clima havia aquecido durante a sua viagem de barco. Agora, estava mais quente do que o normal, 18 °C. Caitlin começou a sentir necessidade de se livrar de algumas camadas de roupa.

Ela olhou para baixo e ficou embaraçada em perceber que ainda estava usando as roupas que havia pego dias atrás, no Exército da Salvação. Ela desesperadamente queria algumas roupas novas. Mas ela não tinha nenhum dinheiro com ela. E não podia pedir a Caleb. Ela olhou para o lado e viu Caleb ajustando a gola, aparentemente afetado pelo calor. Aquele estava parecendo um dia de fim de primavera, certamente não um dia de março. O sol estava brilhando por todo o lugar, refletindo na água e em tudo.

De repente, Caleb olhou para ela e, como se lesse a sua mente, disse, "Por que você não compra algumas roupas novas?" Antes que ela pudesse responder, ele adicionou, "Não se preocupe. Eu tenho um cartão de crédito ilimitado." Ele deu um sorriso acanhado. "Uma das vantagens de estar vivo por milhares de anos. Você acumula riqueza."

Caitlin se impressionou com a capacidade dele de ler seus pensamentos. Por outro lado, ela adorava isto, mas por outro, ela se preocupava com quanto ele podia ler, exatamente. Ele era capaz de ler seus pensamentos e emoções mais profundas? Ela esperava que não. Mas ela tinha a sensação de que, mesmo que pudesse, ele conseguia controlar quão profundamente ele podia ir, e que ele não ultrapassava este limite.

"Se você tem certeza de que não tem problema," Caitlin disse hesitantemente. "Mas você terá que me deixar pagar a dívida um dia."

Ele pegou a sua mão e a levou para uma caminhada pela rua principal do pitoresco e histórico vilarejo. Apesar do clima perfeito, haviam poucas pessoas na rua—provavelmente, ela imaginou, devido à época do ano. Este parecia ser um local de temporada. Ela se sentiu como se tivessem a cidade inteira para eles—e aquele era o lugar mais bonito que ela já havia estado. O vilarejo era tão limpo, tão perfeitamente mantido, e estava cheio de pequenas casas históricas, cada uma mais bonita do que a outra. Parecia um cenário de época, como se eles tivessem voltado ao início do século 19. A cidade era uma obra de arte silenciosa. A única coisa que estragava a ilusão eram as lojas de varejo modernas. Ela imaginou que, no verão, todas estariam abertas e cheias de pessoas ricas, que este era provavelmente um daqueles lugares que ela nunca teria dinheiro para visitar.

Ela ficou maravilhada com a sua sorte. Ela estava tão feliz de estar ali agora, e com Caleb, e em um dia tão bonito. Ela fechou seus olhos e respirou o ar da primavera, e ela quase pôde ver a si mesma morando ali com Caleb, voltando no tempo, em outro século. Uma parte dela desejou que eles pudessem apenas parar de fugir,

viver uma vida normal juntos. Mas ela sabia que isto não aconteceria.

“Devemos encontrar a Casa Vincent?” ela perguntou.

“Nós vamos,” ele disse. “Vamos comprar as suas roupas primeiro.”

Ele levou Caitlin até a única loja que estava aberta. Lily Pulitzer. O exótico e pequeno sino tocou quando eles abriram a porta antiga, e a vendedora pareceu muito feliz em ter clientes.

Ela largou seu papel e foi até eles, e não podia ter sido mais simpática. Caitlin deu Rosa para Caleb enquanto olhava as roupas e a vendedora ficou encantada.

“Uau, que cãozinho lindo,” ela disse, com olhos arregalados. “É um husky ?”

Caleb sorriu. “Algo assim,” ele disse.

Dez minutos mais tarde, eles saíram da loja, com Caitlin usando novas roupas dos pés à cabeça. Ela se sentiu como uma nova pessoa. Ela olhou para si mesma e quase riu alto. Aquele não era o estilo dela. Ela havia ido de roupas do Exército da Salvação para um conjunto de cores pastéis: jeans verde-limão, uma camiseta rosa, um suéter de casimira roxo-claro e um casaco Kiera verde-limão. Ela não tinha muita escolha: aquela era a única loja aberta e aquilo era tudo o que eles tinham no tamanho dela naquela época do ano. O casaco a cobria firmemente, e tinha um bolso interno grande o suficiente para guardar o seu diário, que ela havia transferido de seu outro casaco. Nos pés, ela usava sapatilhas douradas e com lantejoulas. Ela podia fazer parte do catálogo da Lily Pulitzer.

Bem, se ela iria se envolver em uma guerra de vampiros, pelo menos ela estaria na moda. E

provavelmente, seria a única vampira que não usava preto. Ela sorriu ao lembrar da expressão de surpresa da vendedora quando Caitlin pediu a ela que jogasse as roupas que ela estava vestindo fora. Não deveria ser todo o dia que um cliente dizia isto.

Uma parte dela até que gostava das roupas. Era uma versão totalmente nova dela. Com certeza, não era o tipo de roupas que ela imaginava usar nesta jornada com Caleb. Ela havia se imaginado vestindo algo em preto, como ele, talvez algum couro, com golas

altas, alguma coisa gótica. Mas estava bem. As roupas eram novas, e ela estava grata por isso.

“Muito obrigado, Caleb,” ela disse, quando eles saíram da loja. Ela realmente estava sendo sincera. Nenhum homem na sua vida havia comprado roupas para ela, muito menos roupas tão legais. E sendo tão gentil e gracioso. Ela realmente se sentiu cuidada, e estava mais grata do que ele jamais saberia. Ele sorriu e pegou sua mão, enquanto eles caminhavam pela rua. Ela estava tão aquecida em suas novas roupas, talvez aquecida demais, mas ela sabia que aquele era um dia quente incomum, e que era melhor ficar com calor do que com frio. Eles haviam perguntado à vendedora se ela conhecia a Casa Vincent e ficaram surpresos em ver que não só ela sabia onde a casa era, ela os informou de que ficava a apenas uma quadra dali.

Enquanto eles caminhavam naquela direção, pela primeira vez, eles não estavam caminhando com pressa. Eles passeavam, sem pressa. Em suas mentes, ambos tinham a sensação de que, assim que eles chegassem na casa e descobrissem a próxima pista, as coisas iriam aquecer novamente. Os dois estavam cansados. Nenhum deles estava com pressa para começar a correr novamente. E nenhum dos dois estava muito ansioso para descobrir o que estava lá. Por um lado, eles estavam. Mas por outro, os dois sabiam que assim que encontrassem—fosse o que fosse, onde estivesse—as suas vidas mudariam para sempre. E isto provavelmente significaria a separação deles.

Caitlin colocou Rosa no chão e a deixou caminhar ao lado deles. Ela ficou feliz em ver que ela era bem comportada, mantendo o mesmo ritmo deles e sem correr para longe. Ela correu até um pedaço de grama para se aliviar, mas voltou rapidamente. Caitlin se abaixou e deu mais um pedaço do cachorro-quente para ela, que ela comeu alegremente.

Eles passaram por uma grande igreja histórica, caminharam ao lado de uma cerca branca e pequena e então viraram e entraram em uma passagem que os levou à um local imaculadamente mantido. A grama estava verde e vibrante, até mesmo nesta época do ano.

Para um lado, estava uma magnífica igreja antiga, e do outro havia uma enorme casa de baleeiros da metade do século 19, com uma grande varanda nos fundos. A placa dizia: "A Casa de Daniel Fisher." Aquela era a casa mais bonita que ela já havia visto. Ela conseguia facilmente se imaginar morando ali. Caminhando pelo quintal, com Caleb segurando sua mão e Rosa ao seu lado, ela quase se sentiu em casa.

Eles continuaram caminhando pela passagem por mais uns 90 metros, e eventualmente, ela levou à uma pequena casa histórica, isolada de tudo. Ela olhou para a placa: A Casa Vincent.

1672. Ambos observaram a estrutura. Não era nada de especial. Uma pequena casa com tetos baixos, ela parecia uma típica casa do século 17, com apenas algumas pequenas janelas e um telhado baixo. Ela parecia grande o suficiente para ter no máximo um ou dois quartos, e era uma estrutura modesta de madeira. Não o que Caitlin havia esperado.

Eles caminharam até a porta da frente, e Caleb tentou girar a maçaneta. Trancada.

"Olá?" veio uma voz. "Posso ajudar você?"

Os dois se viraram para ver uma mulher com mais de 60 anos, perfeitamente vestida e com uma expressão rígida, se aproximando deles de uma forma oficial e profissional. Caleb se virou para Caitlin. "Esta é a sua vez," ele disse. "Eu quero que você use a sua capacidade de controle mental. Você consegue. Os vampiros podem controlar os humanos. O seu poder ainda não está desenvolvido, e pode não ser tão forte, mas você definitivamente tem algum poder.

Pratique com esta mulher. Influencie-a. Fique calma, e permita que os pensamentos dela se tornem seus. Permita que os seus pensamentos se tornem dela. Sugira a ela o que fazer. Na própria voz dela. A sua mente consegue fazer tudo isso. Apenas deixe-a fazer."

A mulher, chegando mais perto, falou novamente, "A casa está fechada pela temporada, como a placa diz," ela disse, muito correta. "Eu creio que vocês terão que voltar durante a alta temporada. A casa está sendo restaurada, e não haverá visitas até lá." Ela olhou para Rosa. "E

nós certamente não permitimos a entrada de cachorros.”

A mulher, a apenas alguns metros de distância deles, com as mãos nos quadris, tinha uma presença muito austera, como a de uma professora rígida. Rosa olhou para cima e rosnou.

Caleb olhou para Caitlin. Caitlin olhou para a mulher, nervosa. Ela nunca havia tentado isso antes, e não tinha certeza de que conseguiria fazê-lo.

OK, Caitlin pensou, aqui vai. Ela olhou para a mulher, tentando captar seus pensamentos. Ela sentiu muita firmeza, muita severidade. Uma pessoa que não podia ser controlada facilmente.

Ela sentiu raiva, irritação, uma insistência em seguir as regras. Em estabelecer ordem. Ela permitiu que tudo entrasse em sua mente. Então, Caitlin tentou enviá-la um pensamento externo. Ela tentou sugerir que não havia problema em quebrar as regras de vez em quando.

Que ela poderia deixá-los sozinhos. Que poderia deixá-los entrar.

Caitlin a encarou, se perguntando se estava funcionando. A mulher continuava a encará-la com raiva. Não parecia estar funcionando.

“Obrigado por nos informar,” Caitlin disse a ela docemente. “Foi tão bom conhecer você. Nós estamos muito agradecidos por você contornar as regras por nós, só desta vez, e nos deixar visitar a casa sozinhos.”

A mulher olhou para ela.

“Eu não disse isso!” ela resmungou.

Mas Caitlin respirou fundo e fechou os olhos, se concentrando. Ela os abriu e olhou para a mulher. Depois de dois segundos, os olhos da mulher começaram a ficar vidrados. Finalmente, ela disse... Eu acho que não há nenhum problema em quebrar as regras de vez em quando.

Divirtam-se.”

A mulher se virou e saiu caminhando, e logo já não podia mais ser vista. Caitlin se virou para Caleb, eufórica. Ela ficou chocada com seus próprios poderes, e muito orgulhosa de si mesma.

Caleb sorriu.

“Use-o apenas quando precisar,” ele avisou, “e apenas de uma forma que não machuque outras pessoas. É isso que separa a raça dos vampiros bons da raça dos maus.”

Caitlin retirou a pequena chave de prata do bolso, entusiasmada para usá-la. Ela tentou a fechadura da porta da frente, mas não funcionou.

“Ela não entra,” ela disse.

Caleb pegou a chave e tentou abrir a porta. Ele finalmente franziu a testa, frustrado. “Você tem razão.” Ele olhou em volta. “Talvez, haja outra entrada.”

Eles caminharam até os fundos da casa e encontraram outra porta. Caleb experimentou a chave. Ela também não entrou ali.

“Talvez, não seja para uma porta,” Caitlin disse. “Talvez seja a chave para alguma outra coisa.

Algo dentro da casa.”

“Bem, eu acho que nós não temos escolha,” ele disse, e então, depois de olhar furtivamente ao seu redor, esticou o braço e quebrou a maçaneta. A preservação estava comprometida. Eles entraram rapidamente na casa e fecharam a porta. A casa estava escura, iluminada apenas pelas luzes externas entrando pelas pequenas janelas. O teto era baixo, e Caleb quase precisava se agachar enquanto caminhava. Tudo era de madeira: teto de madeira, postes de madeira, colunas de madeira, e piso de tábuas largas de madeira. O centro da sala era uma enorme lareira de tijolos. A casa estava perfeitamente preservada, e era como entrar no ano de 1672.

Eles caminharam pelas casa, o piso rangendo, examinando cada canto e fenda. Eles também examinaram toda a mobília. Mas Caitlin não conseguiu encontrar nada onde a chave pudesse servir. Na verdade, ela não conseguiu encontrar nenhum esconderijo. Ambos circundaram a casa e se encontraram no meio.

“Alguma coisa?” Caleb perguntou.

Ela balançou a cabeça. “E você?”

Ele balançou a cabeça também.

De repente, houve um barulho, e ambos se viraram rapidamente. A porta da frente se abriu e um homem grande e negro de cerca de

50 anos parou na entrada. Ele deu vários passos para frente. Ele parou na frente de Caleb e o encarou. Caleb o encarou de volta.

“Caleb?” o homem finalmente perguntou.

A expressão de Caleb se suavizou.

“Roger?” Caleb perguntou.

O homem deu um sorriso, e Caleb fez o mesmo, e ambos compartilharam um grande abraço.

Eles o mantiveram por vários segundos. Quem é ele? Caitlin pensou. Roger começou a rir— uma risada profunda, calorosa e generosa. Ele segurou Caleb pelos ombros e olhou para ele.

Caleb era um homem grande, mas Roger era bem mais alto.

“Filho da mãe,” Roger disse. “Eu não te vejo a uns... cento e cinquenta anos?”

“Acho que uns 200,” Caleb disse.

Ambos olharam um para o outro, surpresos. Seja quem ele fosse, este com certeza era um homem importante na vida de Caleb. Caleb se virou e esticou a mão para Caitlin.

“Perdoe as minhas maneiras,” ele disse. “Roger, eu lhe apresentou Caitlin Paine.”

Roger se inclinou para frente. “Um prazer conhecê-la, Caitlin.”

Caitlin sorriu de volta. “É um prazer conhecer você também. De onde vocês se conhecem?”

“Oh,” Roger disse, sorrindo, “vamos dizer apenas que faz muito tempo.”

“Roger é um dos meus amigos mais antigos,” Caleb disse. “Ele salvou a minha vida uma ou duas vezes.”

“Mais do que isso,” Rogers disse, rindo.

Rosa colocou a cabeça para fora do casaco de Caitlin e os olhos de Roger se iluminaram. “Olá, amiguinha,” ele disse, se aproximando e a acariciando.

Rosa lambeu a sua enorme palma.

“Como você sabia que nós estávamos aqui?”

Caleb perguntou.

“Caleb, por favor,” Roger disse, como se a resposta fosse óbvia. “Isto é uma ilha. O seu cheiro não tem para onde ir. Ele é perceptível por quilômetros de distância.”

“Então, você sabia no momento em que eu saí do barco,” Caleb disse, sorrindo. “E esperou para ver onde eu iria.”

“Claro,” Roger disse. “Você não faria o mesmo? Mas eu poderia adivinhar que você estava vindo para cá.”

Caleb olhou cuidadosamente para a sala. “Por quê?”

“Existe apenas uma razão pela qual um de nós vem até a Casa Vincent. A espada, não é? Não é isso que você está procurando?”

Caitlin e Caleb trocaram olhares.

“Pode ser,” Caleb disse cautelosamente.

Roger sorriu.

“Você sabe, o problema com aquela espada,” ele disse, “é que apenas a pessoa destinada a achá-la irá achá-la. Como, por exemplo, O Escolhido. Eu sei que você não é O Escolhido. E quanto à sua amiga, com todo o respeito... bem, eu não quero fazer suposições, mas a não ser que ela—”

Caitlin colocou a mão no bolso e levantou a pequena chave de prata. Roger olhou para a chave por vários segundos, sem palavras. O seu queixo caiu.

“Meu Deus,” ele disse, em um sussurro. Ele olhou para Caleb, como se quisesse confirmação, e Caleb balançou a cabeça. Ele expirou.

“Bem,” ele disse, modesto, em um tom completamente diferente, “isso muda tudo.”

Ele olhou para Caitlin e balançou a cabeça.

“Eu nunca teria imaginado,” ele disse.

“E então... você sabe onde ela está?” Caleb perguntou.

Roger balançou a cabeça. “Não está aqui,” ele disse.

Caitlin e Caleb trocaram olhares.

“Essa chave,” ele disse, “estava correta um dia. Mas não está mais. É uma isca. A Casa Vincent não é mais o lugar onde você irá encontrá-la. Agora, é só um lugar para onde você precisa ir.”

Caitlin estava totalmente confusa.

“Mas—” ela começou.

“A Casa Vincent foi movida,” Roger esclareceu.

“Você não conhece a sua história?”

Caitlin balançou a cabeça.

“Caleb. Eu estou decepcionado com você—você está falhando,” Roger o repreendeu. “Ela costumava estar em outro local. Mas 200 anos atrás, nós a movemos para onde está agora. O

Conselho ficou preocupado com a segurança. Então, eles moveram o objeto para fora da casa e o colocaram em um lugar mais seguro e estável. E encarregaram alguém de guardá-la. No caso, eu.”

Caleb estudou seu amigo.

“Eu estive esperando que alguém chegasse com esta chave por quase 200 anos,” ele disse. Ele balançou a cabeça novamente. “Eu nunca imaginei que seria você.”

“Você nós mostrará?” Caleb perguntou.

O homem olhou atentamente para Caleb, e depois para Caitlin.

Ele finalmente estendeu sua enorme palma na direção de Caitlin.

“Posso ver isso?” ele perguntou.

Caitlin olhou para Caleb. Ele assentiu com a cabeça. Ela esticou a mão e colocou a pequena chave de prata em sua enorme palma. Roger a examinou. Ele a segurou na direção da luz. Ele a virou e leu a inscrição na parte de trás. Ele finalmente balançou a cabeça.

“Diabos,” ele disse. “Eu tinha certeza de que ela seria maior.”

DEZENOVE

Samantha, no banco do passageiro, olhou para o lado e ficou impressionada em ver como Sam dirigia bem. Nada mal para alguém da sua idade. Ela ficou surpresa em ver como ele lidou bem com o câmbio, e o perdoou pela dificuldade inicial na troca de marchas. Ele realmente era muito bom depois de passar da terceira marcha. Ela gostava da sua agressividade, especialmente quando o velocímetro chegou aos 190 km/h. Ele tinha espírito, ela tinha que admitir.

Ela se inclinou para trás, relaxando e curtindo a viagem. Era bem mais lento do que voar, mas nada mal para humanos. Ela pensou no homem que era dono deste carro, aquele corretor de imóveis—sua refeição da manhã—e sorriu. Seu sangue ainda corria em suas veias, e a fazia se sentir bem. Ela estava saciada. Ela não precisava deixar o garoto dirigir, mas pensou que, já que seus dias estão contados, por que não deixá-lo aproveitar, sair de cena com algo memorável? Seria apenas uma questão de horas até que ela conhecesse o pai dele e descobrisse onde a espada estava. Depois disso, ela poderia se livrar de ambos.

Mas algo a estava torturando. Ela realmente estava começando a gostar do garoto. E isto a incomodava mais do que qualquer coisa. Ela não conseguia lembrar de ter gostado de um humano em centenas de anos. Muito menos um adolescente estúpido. Mas, ela tinha que admitir, havia algo nele. Algum tipo de sintonia, algo que ela reconhecia. Até mesmo na sua juventude, ela podia dizer que ele havia sofrido. Ele tinha uma qualidade de inquietude, de não se importar com o mundo, de saber que seus dias estavam contados, de estar pronto para sair de cena com classe. E ela gostava daquilo. Ele a lembrava de um caso que havia tido uma vez com um jovem príncipe na Bulgária, no começo do século 14...

Talvez, ela não precisasse matá-lo imediatamente. Talvez, ela pudesse mantê-lo vivo por um pouco mais de tempo. Levá-lo na viagem. Talvez até mantê-lo vivo depois que ela encontrasse a

espada. Ela poderia escravizá-lo. Ele poderia ser seu brinquedo, para fazer com ele o que quisesse. Talvez até...

Ela cortou esta linha de pensamento, com raiva de si mesma. Ela estava amolecendo? Ela precisava focar na tarefa à sua frente. Seu pai. Eles estariam lá em breve, em menos de uma hora. Se ele fosse um dos dela, se fosse da raça dos vampiros, ela poderia ter que lutar, já que ele sentiria a presença dela imediatamente. Ela precisava ficar atenta quando eles chegassem.

Ela faria o que fosse preciso, lutar até a morte se necessário. Este vampiro era a chave para a espada, a chave para a vitória de seu clã. Ela iria ao céu ou ao inferno para garantir que eles a tivessem.

*

Enquanto Sam dirigia, chegando mais perto, deixando o GPS do carro os direcionar até o endereço de seu pai, ele estava confuso. Ele havia imaginado seu pai morando em uma cidade de alto nível, em uma propriedade enorme e em uma casa incrível. Mas quando o GPS

anunciou que eles estavam próximos, com pouco mais de um quilômetro até o destino, Sam começou a achar que algo estava errado. Eles estavam dirigindo por uma cidade em ruínas— nem parecia uma cidade, na verdade, mas apenas um pedaço de estrada rural, com pequenos trailers espalhados por todo o lugar.

Quando o GPS anunciou que esta era a sua última curva, Sam não podia acreditar em seus olhos. Eles passaram por uma enorme placa que dizia: "Parque de Trailers de Homestead." Era aqui que seu pai morava. Em um parque de trailers. Enquanto ele dirigia lentamente pela estrada de terra, passando pelos trailers espalhados, cada um pior do que o outro, Sam começou a sentir um frio no estômago, a sensação familiar de seus sonhos sobre ser esmagado. Ele havia sido tão tolo em alimentar suas esperanças. Que idiota ele havia sido.

Quanto mais longe ele ia, menos trailers estavam estacionados, e quando ele chegou até o fim da estrada, viu o número em um trailer azul-claro de vinil, e percebeu que o havia encontrado.

A pequena casa móvel estava em ruínas. A porta de tela estava torta nas dobradiças, as pequenas escadas estavam rachadas, e o gramado era feito de ervas-daninhas até a altura do joelho. A casa estava na parte de trás, e escondida dos outros por uma grande moita. Era privado. Mas não era o tipo de privacidade que Sam havia imaginado. Sam estava envergonhado. Ele estava tão envergonhado de ter trazido Samantha até este lugar, e de apresentá-la ao seu pai. Ele desejou poder simplesmente ir embora, ou deitar e morrer.

Ele estacionou e desligou o motor, e ambos ficaram sentados ali. Eles se entreolharam. Sam verificou o GPS pela décima vez para ter certeza de que o endereço estava certo. Estava.

“Vamos sair?” Samantha finalmente perguntou.

Sam não sabia o que fazer. Que tipo de homem moraria em um lugar como aquele? De que tipo de pai ele havia nascido? Ele queria apenas ligar o motor, pisar no acelerador e continuar dirigindo. Mas não podia. Sam engoliu em seco, abriu a porta e saiu, e Samantha o seguiu. Os dois se aproximaram da casa. Eles subiram dois degraus, a madeira podre da escada afundando, e ele puxou a porta de tela que rangia. Sam respirou fundo, esticou o braço e bateu na porta.

Houve um barulho alto e um farfalhar dentro da casa. Segundos depois, a porta se abriu. E lá, na sua frente, estava o seu pai.

VINTE

Roger os levou de volta até a passagem de tijolos, através de jardins bem cuidados e passando pela Casa de Daniel Fisher. Eles chegaram à parte de traz da rua, fizeram uma curva rápida e então, antes que eles percebessem, ele os estava guiando pelos degraus e para dentro da enorme e histórica igreja. Caleb e Caitlin olharam um para o outro com espanto. Eles haviam acabado de passar por ela. A porta estava trancada, mas Roger tinha a chave. Ele a abriu e a segurou para que os outros passassem.

“Nós não a movemos para longe,” ele disse, com um sorriso e uma piscada de olhos.

Eles entraram, e ele fechou a porta atrás deles. Caitlin ficou espantada quando eles entraram na igreja. Ela era deslumbrante. Tão clara e arejada, tão linda em sua simplicidade, ela era diferente de todas as igrejas que ela já havia visto. Não haviam cruzes, nenhuma figura religiosa, nenhum ornamento, nem mesmo colunas ou vigas—era apenas uma enorme sala aberta, com janelas antigas em todas as direções. Havia fileiras e fileiras de bancos de madeira simples, o suficiente para centenas de pessoas. Era um lugar muito tranquilo.

“Esta é a maior sala com teto aberto nos Estados Unidos,” Roger disse. “Sem colunas, sem vigas. Estaleiros mestres construíram este lugar. E ela ainda está de pé nas mesmas condições daquela época.”

“Então, é assim que você passa os seus dias agora, Roger?” Caleb perguntou, sorrindo.

“Cuidando de uma velha igreja?”

Roger sorriu. “É melhor do que socorrer você,” ele disse. Depois, deu um longo e cansado suspiro. “Eu estou cansado, Caleb. Eu vivi muito mais do que você, e já vivi o suficiente. Eu gosto deste lugar. É quieto. Eu não incomodo ninguém e ninguém me incomoda. Eu estou cansado de todas estas malditas guerras o tempo todo. Clãs, política... Eu gosto de ficar sozinho. Eu gosto deste lugar.

“E o mais importante, eu posso cuidar dela. Honestamente, depois de todos estes anos, eu não achei que alguém viria. Eu estava começando a acreditar que não havia o tal Escolhido. Mas eu acho que estava errado.” Roger olhou para Caitlin. “E agora, você me deixou desempregado.”

Roger se virou para Caleb. “Antes que eu leve vocês, há uma coisa que eu quero pedir a você,”

ele disse, olhando para Caleb. Caitlin se perguntou o que poderia ser, qual seria o preço do ingresso para um objeto tão valioso, algo que este homem guardou a vida inteira. Caleb olhou para ele.

“Qualquer coisa, velho amigo,” ele disse.

“Faz muito tempo desde a última vez que eu ouvi você tocar,” Roger disse. Ele se virou e apontou para um grande piano antigo no canto da sala. “A Pathétique. Segundo movimento.

Exatamente como em Viena.”

Caleb examinou o piano. Ele hesitou. “Faz muito tempo, Roger.”

Roger deu um sorriso largo. “Eu tenho certeza de que você ainda consegue.”

Caitlin percebeu de repente que havia tanto sobre Caleb que ela não sabia—tanto que ela nunca saberia. Ela se sentiu tão jovem em comparação. Ela percebeu que Caleb e Roger haviam vivido mais durante os séculos do que ela e Caleb jamais viveriam. Isto a entristeceu.

Ela queria muito ser imortal—uma vampira completa e verdadeira, assim como ele, ao seu lado para sempre. Ela observou enquanto Caleb caminhava lentamente pela igreja vazia, as tábuas do piso rangendo embaixo de suas botas de couro pretas. Ele subiu três passos até a plataforma de madeira e a atravessou, até o canto. Ele puxou a capa do piano Steinway e se sentou.

Ele levantou a tampa e olhou. Ele fechou seus olhos e ficou ali, sentado. Caitlin se perguntou o que ele estava pensando, que tipo de memórias aquilo estava evocando. E então, depois de vários momentos de silêncio, ela se perguntou se ele havia mudado de ideia, se não iria mais tocar. Ele finalmente levantou as mãos e começou a tocar. E era lindo. As notas ecoaram através da enorme igreja vazia, reverberando nas paredes, enchendo o local vazio. Elas

pareciam ricochetear em tudo. Caitlin nunca havia ouvido música como aquela. Ela a fazia querer guardar aquele momento. E a fazia querer chorar.

Naquele momento, ela se sentiu profundamente triste, já que ela se deu conta, novamente, que havia tanto sobre Caleb que ela provavelmente nunca saberia. Ela apenas teria que aceitar que sabia o que sabia, e aprender a ser feliz com ele pelo curto tempo que tinha. Ela também a entristecia por fazê-la lembrar de Jonah. Ela não havia pensado nele em tanto tempo. Quando ela estava com Caleb, não sentia a necessidade de pensar nele. Mas ele ainda estava lá, em algum lugar profundo da sua consciência, mesmo depois do curto tempo que passaram juntos, e uma parte dela ainda se sentia mal por terminar tudo tão abruptamente. O que fosse que eles haviam tido juntos, parecia não estar resolvido. Uma parte dela sentiu que algum dia, eles veriam um ao outro novamente. Ela não sabia como, mas ela sabia que eles se encontrariam.

Não que ela quisesse isso. Especialmente neste momento. Ela se sentia completamente devotada à Caleb, e esperava que aquilo nunca mudasse. A música preenchia a sua alma enquanto ela ficava ali em pé ouvindo, pelo o que parecia uma eternidade. Nem ela, nem Roger se moveu. Ambos estavam parados ali, paralisados em silêncio, enquanto Caleb tocava perfeitamente. Finalmente, acabou. A última nota permaneceu no ar por vários segundos, e Caitlin olhou para o lado e viu Roger abrir os olhos lentamente. Caleb se levantou lentamente, cruzou o palco, desceu os degraus e foi até eles. Ele parou a alguns centímetros de Roger, e olhou para ele. Roger respirou fundo, esticou o braço e secou uma lágrima de seu olho.

“Exatamente como eu lembrava,” Roger disse.

Ele respirou fundo, se virou e caminhou rapidamente pelo corredor.

“Sigam-me,” ele disse.

*

Eles seguiram Roger através do piso de madeira rangente e subindo uma antiga escadaria de madeira em espiral. Eles chegaram até o nível do mezanino, e Caitlin olhou para baixo, e ficou surpreendida pela beleza da igreja desta perspectiva. Eles seguiram

Roger pelo corredor, através de uma porta oculta, e subindo outra escadaria circular de madeira. Eles continuaram a segui-lo enquanto subiam mais e mais. Caitlin tinha a sensação de que ninguém havia subido tão alto em anos.

A escada terminou em um pequeno domo no topo da igreja, apenas grande o suficiente para segurar os três. Roger esticou a mão até uma parte da parede, e gentilmente puxou uma alavanca escondida. Um compartimento secreto se abriu e ele extraiu um pequeno baú enrustado de joias. Ele o segurou cuidadosamente em suas mãos, olhando para ele com um olhar sentimental.

“Eu nunca o abri,” ele disse. “Eu nem sequer o vi aberto. E eu nunca imaginei que iria ver. Até ver a sua chave.”

Ele olhou diretamente para Caitlin. Estava quente e abafado no pequeno cômodo, e estava começando a se sentir claustrofóbica. Tonta. Tudo parecia tão surreal. E nunca parecia terminar.

“Eu conhecia bem o seu pai,” ele disse.

O queixo de Caitlin caiu. Ela estava praticamente sem palavras. Havia tantas perguntas que ela queria fazer, ela não sabia onde começar.

“Como ele era?” foi tudo o que ela conseguiu pensar.

“Um bom homem. Um ótimo homem. Eu o amava. Ele era maior do que todos nós, maior do que a raça. Ele ficaria orgulhoso de você por chegar tão longe,” ele disse, enquanto estendia os braços com o baú nas mãos. Caitlin inseriu a chave de prata com o coração batendo forte, rezando para que ela entrasse. Entrou.

Ela deslizou com um clique precioso. Ela a girou gentilmente para a direita e a tampa abriu. Os três se inclinaram para ver o que havia dentro. Eles ficaram chocados com o que encontraram.

VINTE E UM

“Ei, cara, saia daí! ” disse a voz áspera. Kyle sentiu a si mesmo sendo chutado, depois cutucado com um cassetete. Ele abriu os olhos. Ele estava deitado em uma superfície fria e dura, mas não tinha ideia de onde. A luz do sol estava se levantando acima do horizonte, e ela queimou seus olhos e pele.

“Ei, cara, você me ouviu? Eu disse para sair! ” o policial gritou.

Kyle abriu os olhos completamente, e percebeu que estava deitado em mármore. Nos degraus frios de mármore da prefeitura. Ele estava na rua, no amanhecer, esparramado no chão como um mendigo. Ele olhou para cima e viu dois policiais uniformizados em pé ao seu lado, cutucando e empurrando-o com seus cassetetes, sorrindo um para o outro.

Kyle tentou se lembrar do que aconteceu, de como ele chegou ali. Ele se lembrou de ter ido ver Rexius. Depois, de ser agarrado, ser amarrado. Então, o ácido. Ele esticou a mão e tocou um dos lados de seu rosto, e parecia normal. Então, ele tocou o outro lado— e a dor voltou com força. Ele podia sentir os contornos, as terríveis cicatrizes, a deformação. Eles o haviam marcado com ácido Iórico. Uma punição reservada para traidores. Ele, Kyle, o homem que havia sido leal ao seu clã por milhares de anos. Por um pequeno erro. Era impensável.

Kyle sentiu a dor crescendo do lado do rosto, e a raiva começou a crescer dentro dele. “Você quer prendê-lo?” um policial perguntou ao outro.

“Não. Papelada demais. Vamos nos poupar o trabalho e cuidar disso nós mesmos.”

Um dos policiais levantou o cassetete, se preparando para baixá-lo com força.

“Levante-o,” ele disse para o outro. Um policial agarrou Kyle pelo braço com força e o puxou para cima. Quando ele o fez, o outro lado do rosto de Kyle foi revelado, e os policiais puderam ver as terríveis cicatrizes e a deformação. Os dois recuaram com a imagem.

“Que merda,” um policial disse. “Que diabos é isso?”

A raiva invadiu Kyle, e antes que os policiais pudessem reagir, ele pulou, agarrando os dois com uma única mão, pelo peito, e levantando cada um à altura da sua cabeça. Eles eram homens grandes, mas Kyle era maior—muito maior—e muito, muito mais forte. Ele os levantou cada vez mais alto, e antes que eles pudessem reagir, ele os abaixou e os juntou, batendo um contra o outro. Ambos caíram sobre os degraus, e Kyle levantou o pé e pisou em suas cabeças, matando os dois.

A raiva de Kyle continuava a crescer. Seu próprio povo. Eles o haviam expulsado como um qualquer, como nada. Depois de tudo que ele havia feito por eles. Depois que ele havia iniciado a guerra. Tudo por um pequeno erro. Por aquela garota estúpida. Caitlin. Ele a faria pagar. Mas primeiro, ele faria o seu próprio povo pagar. Ninguém o tratava daquele jeito.

Ninguém. Eles podem tê-lo exilado, mas ele não precisava aceitar isto. Afinal, ainda haviam vampiros leais a ele.

Ele mesmo poderia ser o líder do clã. Enquanto estava parado ali, tremendo de raiva, ele soube o que fazer. Um plano. Uma forma de se vingar. Uma forma de ter o controle novamente. Uma forma de se tornar o próprio líder supremo. Ele pensou na espada. Se ele a tivesse, se ele pudesse encontrá-la antes deles, ele teria o poder. Não eles. Então, ele poderia voltar e destruí-los. Pelo menos a aqueles que haviam o traído. Aqueles que fossem leais seriam seus soldados.

Sim, haveria derramamento de sangue como eles nunca haviam visto. E quando ele tivesse terminado de retomar o controle, ele se voltaria contra os humanos e acabaria a guerra. A peste já teria causado seus danos até lá, e ele, Kyle, estaria no comando. Com aquela espada, ele dominaria Nova York. Depois, todos os conselhos e todos os clãs no mundo inteiro teriam que responder à ele. Sim, ele gostava do plano. Mas se ele queria aquela espada, ele precisaria encontrar aquela garota. Caitlin. E para encontrá-la, ele precisaria de ajuda. Aquele garoto russo. O cantor. Aquele que ela transformou. Aquele que ainda tinha o cheiro dela em suas veias.

Sim. Um plano estava chegando até ele. Kyle se virou e correu pelos degraus da prefeitura, arrancando as trancas de ferro com uma mão enquanto chutava a porta. O lobby estava vazio tão cedo de manhã, e ele correu pelo corredor. Ele chegou ao fim da sala, puxou uma alavanca oculta e uma parede se abriu. Ele desceu as escadas de pedra correndo, e entrou na escuridão.

Kyle corria a toda velocidade, sabendo que poderia acabar encontrando um exército, mas sabendo também que eles nunca esperariam que ele atacasse sozinho. Ele também sabia que eles estavam preocupados com a guerra, e que, se ele se apressasse, ele poderia entrar rapidamente para pegar o que precisava. Especialmente durante o amanhecer, quando muitos deles estavam se preparando para dormir.

Kyle chegou até os níveis mais baixos e correu com toda a sua velocidade pelo corredor, até encontrar a enorme porta que estava procurando. Havia apenas um guarda parado fora dela, como ele havia suspeitado—um vampiro jovem e mais fraco, com apenas algumas centenas de anos. Antes que ele pudesse reagir, Kyle já o havia acertado no maxilar, o nocauteando. Kyle empurrou a porta com o ombro e a derrubou. Ele atravessou a sala, e lá estava ele. O garoto russo. Acorrentado à parede, os braços esticados, boca amordaçada, olhos arregalados com medo e terror. Eles o haviam deixado ali por dias, e agora, o garoto estava totalmente dominado. Kyle atravessou a sala correndo, sem perder tempo, e arrancou as correntes de suas mãos e pés. O garoto puxou a fita adesiva de sua boca e começou a gritar.

“Quem é você? Por que você está aqui? Para onde você está me levando? Por que eles—”

Kyle esticou o braço e estapeou o garoto com força suficiente para fazê-lo desmaiar. Então, ele o colocou sobre seu ombro e o carregou para fora da sala, arrastando as correntes. Ele correu com o garoto pelo corredor vazio e pela escada e, antes que ele percebesse, havia passado pela porta, cruzado o lobby e estava na rua. Ele correu o máximo que pôde, e ficou feliz em ver que ninguém o estava seguindo. Ele relaxou um pouco enquanto corria. Ele tinha tudo o que precisava. Este menino, com o sangue de

Caitlin nas veias, podia levá-lo até ela. E onde ela estava, a espada também estaria. Ele sorriu. Era apenas uma questão de tempo. Logo, ele teria a espada.

VINTE E DOIS

Caitlin e Caleb voaram sobre quilômetros de florestas escuras enquanto cruzavam Martha's Vineyard, indo na direção do sol do fim da tarde. Ela ficou impressionada com quão grande a ilha era. Ela a havia imaginado como um lugar pequeno, mas quando olhou para baixo, ela percebeu que ela era enorme. Os rochedos Aquinnah, para onde eles estavam indo, estavam no canto extremo da ilha, do lado oposto. Até voando na velocidade de Caleb, levaria um bom tempo para chegar lá.

Caleb não gostava de voar se outras pessoas estivessem próximas, já que não queria chamar atenção indesejada para ele ou para a raça. Mas a ilha estava tão deserta naquela época do ano, que ele não tinha nenhuma preocupação em voar de um lado para o outro, especialmente sobre a floresta.

A mente de Caitlin girou quando ela pensou na igreja baleeira, e na última pista que encontraram. Não era nada do que ela esperava. Ela havia imaginado que seria outra chave.

Em vez disso, eles encontraram um pergaminho—um pergaminho quebradiço e amarelado, rasgado pela metade. Era óbvio desde a primeira vista que a outra parte dele estava faltando, e sem ela, a primeira metade seria inútil. Metade de um enigma. Devido ao seu estado, era incrível que ele tivesse sobrevivido, e ela tinha certeza que ele não poderia ter sido preservado se não estivesse armazenado em algo estreito de metal e à prova de ar—algo que ela sentia agora em seu bolso.

Os três haviam examinado a mensagem críptica na metade do pergaminho, sabendo enquanto o faziam que seria inútil. Havia palavras e frases que estavam cortadas no meio. Fragmentos.

Pedaços de um enigma. Ele dizia: Os Quatro Cavaleiros...

Eles deixam...

Entram em um círculo...

Se encontram na...

E encontram aqueles...

Ao lado da quarta...

Eles haviam sugerido várias coisas, tentando completar as frases. Mas depois de várias tentativas, eles não conseguiram decifrá-lo sem a outra metade. Todos estavam desanimados, e Roger parecia sentir muito. Não haviam dicas, nenhuma pista de onde a outra parte do pergaminho poderia estar. Então, Caitlin e Caleb decidiram seguir a outra pista que tinham: os Rochedos Aquinnah. Seu sonho.

Caitlin lutou para lembrar do sonho, e ele já parecia distante, nebuloso, como se ela houvesse sonhado meses atrás. Ela começou a se perguntar se realmente havia sonhado. Ela não queria desapontar Caleb, ou envolvê-lo ainda mais nesta busca inútil. Quando eles fizeram uma curva, a floresta abaixo deles se abriu, e a paisagem mudou para uma de linda grama alta, se agitando com o vento. Ela estava iluminada pelo sol do fim da tarde, e tinha um brilho vermelho suave. Era linda. Lá embaixo, ela viu uma fazenda, algumas ovelhas e gado espalhados pela paisagem primitiva.

Logo, Caitlin pôde sentir o cheiro do ar salgado, e quando eles fizeram outra curva, a paisagem mudou para grama de duna, e depois para areia. Então, os rochedos apareceram. Eles eram impressionantes. Com dezenas de metros de altura, a sua areia brilhava com um vermelho místico. Especialmente no sol do fim da tarde, parecia que estes rochedos estavam vivos, pegando fogo. Na base, havia uma praia com areias macias, cheia de pedras de todos os tamanhos e formatos.

Entre elas, haviam rochas ocasionais, posicionadas a esmo na areia e no mar. Elas pareciam pré-históricas. O lugar todo parecia mágico, como uma praia em Marte. Ela nem sequer imaginava que um lugar assim existia. Rosa deve ter sentido também, porque ela, ainda escondida no casaco de Caitlin, colocou a cabeça para fora e olhou, cheirando o ar salgado.

Enquanto eles circundavam os rochedos, diminuindo a velocidade, prontos para o pouso, algo sobre aquela situação pareceu familiar para Caitlin. Ela definitivamente sentiu como se já tivesse estado ali. Sim. Este era o lugar com o qual ela havia sonhado. E mais importante, ela parecia se lembrar de ter estado ali com seu pai em algum momento.

Ela não sabia se eles encontrariam algo, mas sentiu como se eles estivessem exatamente onde deveriam estar. A praia estava vazia, e era toda deles. Eles desceram suavemente, Caleb pousou gentilmente na areia e Caitlin colocou Rosa no chão. Rosa correu na areia, pulou na água, depois correu de volta para a beira com a água batendo nela. Caitlin e Caleb sorriram.

Eles caminharam lentamente pela praia, absorvendo tudo. Eles caminharam em silêncio, e Caleb esticou o braço e pegou a mão de Caitlin. A praia estava dominada pelo som das ondas quebrando, e pelo cheiro do oceano. Caitlin fechou os olhos e respirou fundo. Ela se sentiu refrescada. Caleb examinou os rochedos, a praia, as rochas. Assim como ela.

“Este é definitivamente o lugar,” Caitlin disse. “Eu me senti como se estivesse aqui com ele.”

Caleb assentiu. “Faria sentido. Este é um lugar muito poderoso para a nossa raça.”

Caitlin olhou para ele, surpresa. “Você já esteve aqui antes?” ela perguntou.

“Muitas vezes,” ele respondeu. “Os Rochedos Aquinnah são um dos nossos locais sagrados, um dos campos de energia mais antigos da terra. A argila vermelha e a areia armazenam e liberam uma energia antiga, que nos reestabelece.

“Os humanos, claro, não percebem. Eles nunca entenderam o significado exato deste lugar.

Mas nós sabemos por milhares de anos. É um local de poder. Um local místico. Um local criado pelos antigos.

“Faria sentido que o seu pai a trouxesse aqui. É um rito de passagem para todos os vampiros.

Um lugar onde trazemos os pequenos, ou aqueles que foram transformados. Principalmente, é um lugar de amor.”

Caitlin olhou para ele. “Amor?” ela perguntou.

“Casamentos entre vampiros são muito raros,” ele continuou, “porque nós não podemos procriar, e porque se comprometer pela eternidade não é algo que fazemos sem pensar. Mas quando dois vampiros se casam, as cerimônias são muito elaboradas e sagradas.

Elas podem durar dias. E quase sempre, é neste lugar em que elas acontecem.”

Caitlin olhou ao redor, maravilhada.

“Se nós viéssemos aqui à noite, especialmente em uma noite de lua cheia,” ele disse, “você provavelmente veria uma cerimônia de casamento de vampiros. É um lugar de matrimônio, já que estas rochas simbolizam eternidade. Elas estão entre os elementos mais antigos deste planeta. Acredita-se que a energia delas imbui a união com um laço que nunca pode ser rompido.”

Caitlin sentiu seu coração se encher com as palavras dele. Apesar de estarem juntos por pouco tempo, ela já sentia como se o conhecesse desde sempre. Enquanto ele falava da cerimônia, de casamento, ela percebeu que não havia nada que ela quisesse mais do que ter certeza de que passaria o resto de sua vida com ele. Ela se deprimia com o fato de que a sua vida terminaria antes da dele, por serem de raças diferentes, pelo seu amor ser proibido. Pelo fato de que ela seria apenas uma memória para ele.

Ela queria contar tudo aquilo a ele, mas não sabia o que dizer exatamente, ou como se expressar. E ela não sabia se ele sentia o mesmo por ela. Então, ela apenas continuou caminhando, em silêncio. Tudo parecia tão perfeito, exatamente como estava agora. Por que as coisas não podiam ficar assim? Ela amava esta ilha, esta praia. Ela podia imaginar a si mesma ficando aqui, criando raízes com Caleb. Ela podia vê-los construindo uma vida juntos, isolados do resto do mundo, em paz.

Talvez, eles construíssem uma casa pequena, bem em cima dos rochedos, com vista para o mar. Eles podiam deixar seus passados para trás, começar de novo. Aquilo era possível? Nas últimas semanas, Caitlin havia se sentido tão fora de controle em sua vida. Ela havia sentido eventos acontecendo ao seu redor, sentiu a si mesma sendo arrastada por tudo. Mas agora que as coisas haviam se acalmado um pouco, agora que a trilha deles havia chegado a um aparente fim, ela se perguntou se eles poderiam parar de procurar. Ela se perguntou se as coisas poderiam realmente voltar a se parecer com o normal.

Uma parte dela, bem no fundo, sabia que aquilo era impossível. Ela sabia que, não importava o que eles fizessem, ambos estavam correndo na direção do seu destino. E que, muito em breve, as coisas entre eles mudariam para sempre. Aquilo a deprimiu. Ela começou a pensar em Caleb tocando piano, na beleza da música que ele havia tocado. As suas notas ainda soavam em seus ouvidos.

“Eu não sabia que você tocava piano,” ela disse suavemente.

Ele suspirou. “Fazem muitos anos. Eu acho que não fiz justiça àquela peça. Você deveria ter ouvido Ludwig tocá-la.”

Ela olhou para ele, chocada. “Você quer dizer Ludwig... Beethoven?” ela perguntou, pasma.

Ele assentiu.

“Você ouviu Beethoven tocá-la? Pessoalmente?”

“Sim,” ele disse. “Perto do fim de sua vida.”

Ela estava estupefata. Ela ficava chocada em pensar nas coisas que ele deve ter visto.

“Então... você o conheceu?” ela perguntou.

“Sim,” Caleb disse. “Ele era um amigo próximo. Ele era um de nós.”

“Um vampiro?” Caitlin perguntou, chocada.

Caleb simplesmente assentiu. Caitlin queria saber mais—ela queria saber tudo —mas ela pôde ver que Caleb não queria falar sobre aquilo. Seja lá o que tenha acontecido, ainda o tocava profundamente.

“Deve ter sido tão incrível conhecer pessoas como estas. Lembrar de coisas assim,” ela disse.

“Às vezes,” ele disse. “Normalmente, é um peso.”

“Por quê?”

“Depois de algum tempo, as memórias começam a pesar demais. Você se perde tanto em eventos passados que se torna difícil viver no presente. É como uma casa cheia de coisas velhas. Depois de um certo ponto, não há mais lugar para nada novo.”

Eles caminharam em silêncio por vários minutos. O sol estava começando a se pôr, e ele projetava uma luz suave sobre tudo. As ondas quebravam, Rosa latia enquanto corria até eles, e algumas gaivotas gritavam sobre suas cabeças. Caitlin olhou ao redor, se

perguntando se havia alguma pista, qualquer traço de seu pai, qualquer coisa que ela lembrasse. Mas ela não conseguia encontrar nada.

Ela ouviu um barulho alto e sentiu uma brisa, e de repente, dois cavalos brancos passaram correndo por eles. Ela se virou para ver de onde eles haviam vindo, mas não havia nada para ver.

Cavalos selvagens. Eles passaram direto por eles, pela praia, correndo na água rasa. Caleb e Caitlin se viraram e olharam um para o outro ao mesmo tempo. Era incrível. Diferente de tudo que ela já havia visto.

“Cavalos selvagens,” ele disse. “E brancos. Um sinal excelente. Vamos pegá-los!” ele disse, e saiu correndo.

Inicialmente, Caitlin achou que ele estava louco: como eles poderiam alcançar aqueles cavalos? Mas então, ela lembrou de sua nova velocidade e correu. Caitlin sentiu suas pernas correndo para ela. Antes que percebesse, ela estava correndo mais rápido do que jamais pensou ser possível. Ela alcançou Caleb, e os dois aceleraram, e dentro de segundos, eles estavam correndo ao lado dos cavalos. Rosa corria logo atrás deles.

Caleb deu um sorriso largo. “Vamos cavalgar!” ele gritou.

Ele pulou na garupa de um deles, e Caitlin o seguiu, correndo o mais rápido que podia, e pulando na garupa do outro. Ela não podia acreditar, mas estava cavalgando na garupa deste cavalo, ao lado de Caleb. Ele estava rindo, seu cabelo voando livremente com o vento. Os dois correram pela praia, lado a lado, correndo cada vez mais para o pôr-do-sol. Ela não conseguia acreditar que era capaz de fazer isto, de se segurar. Tudo parecia muito surreal.

Os cavalos os levaram pela praia, por quilômetros. Enquanto andavam, eles tinham uma visão privilegiada dos rochedos, das rochas, da areia. Caitlin ficou surpresa em ver como aquela praia era grande. Ela parecia seguir pela eternidade. E então, de repente, sem aviso, os cavalos pararam abruptamente. Não importava quantos cutucões Caleb e Caitlin os descem, eles se recusavam a se mover. Caitlin e Caleb trocaram olhares, confusos.

“Eu acho que eles querem nos deixar aqui!” Caleb gritou, rindo.

Caitlin olhou para baixo e viu que os cavalos estavam parados dentro do mar, com água pelo joelho. Caleb deu um sorriso largo. "Acho que vamos ter que nos molhar um pouco! "

Ele desceu do cavalo, caindo na água à altura do joelho. Caitlin tirou seus sapatos, os segurando com uma mão, e o seguiu. A água estava congelando em seus pés descalços, mas ela só chegava até suas canelas depois que a onda recuou. E ela estava refrescante em seus pés descalços, assim como a areia macia. Ela olhou para cima e viu os cavalos galopando para longe, pela praia vazia, na direção do sol. Rosa correu pela areia, testando as ondas, depois correndo de volta para a areia, latindo.

Caleb se aproximou, agarrou Caitlin, e a levantou alegremente quando uma onda chegou. Ele era tão forte que a onda o acertou nas pernas e nem o fez se mover. Ele era uma rocha. Ele a segurou, abraçando-a, mantendo-a seca, sorrindo enquanto a girava. Ela sentiu seu coração se encher. Quando ele a colocou no chão gentilmente, a segurando firme, ela olhou em seus olhos e ele olhou nos dela. Seus olhos estavam fixos um no outro. Lentamente, o sorriso dele desvaneceu. A sua expressão se tornou mais séria. Se tornou algo diferente.

Ela viu seus olhos mudarem de cor, de castanho para verde-água. Ele a encarou, bem dentro de seus olhos, e ambos sentiram a mesma coisa no mesmo momento. Seu coração batia forte quando ele se inclinou e a beijou.

*

Foi o beijo de mil sóis. Seu corpo se encheu com um calor e uma dormência diferente de tudo que ela já havia experimentado. Ela o beijou de volta, com mais força, e em seguida ele a abraçou, a levantou da água e a levou na direção da beira. Ele a levou até a areia seca, e eles se deitaram juntos, na praia deserta, com o que parecia ser o mundo todo para eles. Seus beijos se tornaram mais apaixonados, e ela esticou o braço e passou a mão pelo cabelo dele.

Ela havia imaginado aquele momento desde a primeira vez que o viu. Ela nunca havia amado ninguém daquela maneira.

VINTE E TRÊS

Enquanto Sam estava parado ali, na frente de seu pai, seu coração se apertou. Ele não conseguia acreditar. Apesar de ter ficado desapontado pelo parque de trailers, pela casa móvel, pelos arredores mal cuidados, nada poderia tê-lo preparado para a decepção de ver seu pai. Todos os seus sonhos ruíram ao mesmo tempo. Seu pai era um homem baixo, magro e frágil, talvez em torno dos 50 anos, altamente calvo, com cabelos longos e pegajosos que caíam em apenas um lado de sua cabeça. Ele não havia se barbeado em vários dias, e parecia que havia dormido com as roupas que estava vestindo. A sua pele estava coberta de verrugas, e era cheia de cicatrizes de acne. Ele tinha pequenos olhos redondos e negros que giravam nas órbitas. Ele olhou para Sam, parecendo com um rato. Na verdade, a sua aura inteira exilava desleixo. E ele fedia. Ele provavelmente não havia tomado um banho em muito tempo.

Ele não se parecia em nada com Sam. E ele não se parecia em nada com o pai que Sam imaginava ter. Sam não podia entender como ele poderia ter vindo de tal ser humano. Ele se sentiu pior consigo mesmo do que jamais havia sentido. Talvez, ele tivesse o endereço errado.

Ele rezou para que o caso fosse este. Por favor, Deus, permita que não seja ele.

“Sam?” o homem perguntou de repente.

Com aquela palavra, a confirmação de que realmente estava no endereço certo, o coração de Sam afundou completamente. Era ele. Sam tentou encontrar as palavras. “Hum, então, você é...”

“Seu pai?” ele disse, tentando sorrir, revelando fileiras de dentes pequenos e laranjas. “É isso mesmo.”

O homem passou os olhos de Sam para Samantha, olhando-a de cima a baixo. Ele lambeu os lábios.

“Eu achei que você viria sozinho?” ele perguntou a Sam, olhando para Samantha enquanto falava.

“Eu...” Sam começou, “bem, eu, hum...”

“Quem é esta?” ele perguntou, ainda a encarando.

“Esta é Samantha,” Sam disse, finalmente. “Ela é minha...” Sam pausou, sem saber bem como chamá-la.

“Namorada,” Samantha completou a frase para ele, graciosamente.

Sam ficou grato por isso. E ele adorou o som daquele termo, especialmente vindo dela.

“Certo, então...” o homem disse, se virando e voltando para dentro.

Sam e Samantha olharam um para o outro, ambos pegos de surpresa por aquelas estranhas boas-vindas. Nenhum dos dois sabia o que pensar. Aquilo era um convite para entrar? Sam entrou cautelosamente, e Samantha o seguiu de perto. Antes que fechasse a porta, ele olhou para os dois lados cuidadosamente, depois fechou a porta com firmeza e a trancou.

*

Samantha examinou a pequena e escura casa móvel. As cortinas estavam puxadas, e o quarto era iluminado apenas por um pequeno abajur no canto. Era um belo dia de sol, mas ninguém saberia disso ali. Era uma casa soturna, e cheia de tralhas. No momento em que ela conheceu aquele homem, Samantha havia percebido que ele não era um deles, não era um vampiro. Ela teria sabido. Isto a dizia que o pai de Sam não era o vampiro— que a sua mãe era. Que eles estavam procurando pelo lado errado da sua descendência. Eles estavam perdendo tempo com este homem—a não ser que ele pudesse os levar até a verdadeira mãe de Sam.

Ela podia ver a óbvia decepção no rosto de Sam, e realmente se sentiu mal por ele. Ela não conseguia se lembrar quanto tempo fazia desde que ela havia realmente sentido pena de um humano, e se recriminou. Este garoto realmente a estava desestabilizando.

“Então...” o homem começou, obviamente estranho. Ele caminhou pelo lugar, mal olhando para eles. “O que vocês bebem?” ele finalmente perguntou. “Querem uma cerveja?”

Sam pausou. “Hum, bem...qualquer coisa está bom,” ele disse.

O homem foi até a sua pequena cozinha e voltou logo depois com dois latões de Schlitz quente. Ele as colocou na mesinha de centro. Nem Sam, nem Samantha as tocaram. Ele podia ver Sam parado ali, inquieto, e viu que ele não sabia o que dizer. E que o seu pai também não sabia. Um silêncio desconfortável caiu sobre a sala.

Algo estava muito estranho. Seu pai não parecia muito feliz em vê-los. Era isso, ou ele era apenas muito estranho socialmente.

Samantha olhou ao seu redor, examinando o que podia no lugar. Havia bagunça em todo o lugar, e tudo estava sujo. Latas de refrigerante vazias estavam espalhadas pelo chão, ao lado de pilhas de jornais e revistas. Havia uma pequena escrivaninha no canto e ela podia ver que o seu notebook estava aberto. Samantha sentiu algo, e usou sua visão vampírica para ampliar, do outro lado da sala, os detalhes da tela do computador. Ela pôde ver que ele estava logado no Facebook. E com uma conta diferente.

“Então, você contou a alguém que estava vindo me visitar?” seu pai perguntou finalmente.

Sam olhou para ele, confuso. “Hm, tipo—”

“Tipo, você disse à sua mãe que estava vindo me ver?”

“Não,” Sam respondeu. “Faz um tempo que eu não falo com ela. Tudo isso foi decidido na hora. Eu apenas pensei que, tipo, seria legal conhecer você.”

O homem balançou a cabeça. Ele pareceu relaxar um pouco.

“Ótimo, sim,” o homem disse. Ele colocou a mão no bolso e retirou um maço de cigarros amassado e acendeu um. Ele inalou a fumaça e encheu a pequena sala com fumaça. “Então, qual é a de vocês?”

Sam e Samantha trocaram olhares, sem ter certeza do que ele queria dizer.

“Hum... o que você quer dizer?” Sam perguntou.

Samantha voltou a olhar para o notebook, e focou novamente na página do Facebook. Algo ali a incomodava. Ela olhou atentamente para a tela inteira, e pôde ver que haviam várias abas abertas ao mesmo tempo. Todas no Facebook. E todas com nomes de usuário diferentes. Seu pai deve ter visto que ela estava olhando, por que naquele momento, ele foi até a escrivaninha e fechou o notebook. Ele voltou.

“Eu quero dizer,” ele disse, “vocês, tipo... estão transando?” ele perguntou.

Samantha o viu esticar o braço e pegar algo na mesa de repente. Ela olhou para o lado e viu a confusão no rosto de Sam, e depois viu

a raiva começando a passar por ele. Naquele momento, ela entendeu. Este não era o pai dele. Era um impostor. Um predador da internet.

Um pedófilo. Atraindo pessoas no Facebook. Escolhendo garotos diferentes. Esperando que alguém como Sam aparecesse, alguém desesperado, alguém ansioso o suficiente para acreditar que este pudesse ser seu pai.

O homem era rápido. Antes que Samantha pudesse reagir, ele havia pego uma grande faca de cozinha, corrido pela sala e agarrado Sam por trás com uma gravata. Ele segurava a faca perto da garganta de Sam, a empurrando o suficiente para quase tirar sangue. Os olhos de Sam se umedeceram pelo choque e a dor.

“Dê um passo e ele morre,” o homem disse para Samantha, em uma voz cruel. Esta era uma situação interessante para Samantha. Já que este homem não era o pai de Sam, ela não tinha mais negócios ali, e estava apenas perdendo seu tempo. Ela podia simplesmente sair e deixar Sam morrer. Não faria diferença nenhuma. Esta era a única pista que ele tinha, e agora, Sam era inútil para ela. Mas havia algo que a fez hesitar. Uma faísca de algo que ela estava começando a sentir pelo garoto. Ela não conseguia acreditar, mas uma parte dela estava realmente começando a se importar com ele. E se havia algo que ela detestava mais do que humanos, eram humanos sujos como este cara. Não, ela não podia simplesmente ir embora.

“Fique de joelhos e tire a sua blusa,” o homem ordenou Samantha em uma voz escura e dura como aço, enquanto segurava a faca na garganta de Sam. Sam tentou se mexer, mas o homem o segurou com mais força, começando a cortá-lo.

Samantha podia matar o homem a qualquer momento. Mas o problema era que, ele estava segurando a faca com tanta força, ela não queria vê-lo matar Sam. Ela não podia fazer nenhum movimento brusco. Samantha se ajoelhou, levantou as mãos e lentamente tirou a blusa, revelando seu sutiã. Ela olhou para cima e viu os olhos do pervertido se iluminarem, com um sorriso nojento de orelha a orelha. Ele esticou o braço e apontou a faca para ela.

“O sutiã,” ele ordenou.

Sam deve ter visto a sua chance, por que, naquele momento, ele se moveu com uma velocidade admirável para um humano. Ele esticou o braço e agarrou o pulso do pervertido, lutando com todas as forças. Mas o pervertido era forte. Seus anos seduzindo crianças provavelmente adicionaram uma resistência ao seu corpo, provavelmente o prepararam para coisas como esta. Enquanto Sam lutava, o pervertido se soltou e cortou o rosto de Sam, tirando sangue. Sam gritou de dor, levantando suas mãos até seu rosto. Havia sangue em todo lugar. O pervertido puxou a faca e Samantha pôde ver que ele estava se preparando para enfiá-la no peito de Sam.

Samantha entrou em ação. Ela pulou para o outro lado da sala, pegando a faca no ar e puxando o braço do pervertido com força suficiente para deslocá-lo. O pervertido gritou e largou a faca. Samantha ainda não havia terminado, e com a sua força sobre-humana, agarrou o pescoço dele e o girou com um único movimento, quebrando-o e o matando. O homem caiu, sem vida, no chão. Samantha, ainda cheia de raiva, olhou para o lado e viu que Sam estava em pé ali, olhos abertos, em choque, olhando para ela. Ele estava tão surpreso que não parecia sentir nenhuma dor. Ele tinha certeza de que nunca havia testemunhado nada como aquilo em sua vida. E provavelmente nunca veria novamente.

Ele havia tentado, realmente havia tentado salvá-la. Mesmo com a faca em sua garganta.

Ninguém havia feito nada como aquilo por ela em séculos. Talvez ela o mantivesse vivo, afinal.

VINTE E QUATRO

Quando Caitlin e Caleb se acordaram, era noite. Eles estavam deitados na praia juntos, na areia, em uma noite quente, e sob a luz de uma enorme lua cheia. Eles ainda tinham a praia toda para eles, e o som das ondas quebrando estava em todo o lugar. Os dois ficaram ali deitados, acordados, nus, nos braços um do outro, usando seus casacos como um cobertor.

Rosa estava deitada ao seu lado. Os dois eram pessoas diferentes agora. Eles trocaram olhares.

Eles rolaram um sobre o outro e se beijaram de novo, lentamente. O seu relacionamento havia mudado para sempre. Ela havia mudado para sempre. E nada a fez mais feliz.

Eles não eram mais duas pessoas quaisquer, amigos, mantidos juntos pela mesma missão.

Agora, eles eram amantes. Um casal. Estavam juntos. Caitlin esperava apenas que durasse para sempre. Havia tantas perguntas que ele estava louca para fazer. Como, e agora? Ele havia cruzado a linha proibida para a sua raça. E se eles os encontrassem? Eles o matariam? Ele havia arriscado tudo por ela? Ela realmente valia a pena? E agora que ele havia cruzado a linha, ele a deixaria? Havia alguma forma de ficar juntos, de fazer aquilo durar? Como o futuro deles seria? Ela estava dominada pela emoção, impressionada em saber o que ele havia sacrificado por ela.

"Eu estou com medo," ela disse, suavemente.

"De quê?" ele perguntou.

"De nós," ela disse. "De morrer. Você viverá para sempre. Mas eu ..." Ela se esforçou para pensar em como dizer aquilo. "...eu não," ela disse. "Eu quero ficar com você. Eu quero ser como você. Eu quero ser imortal," ela disse.

A sua expressão se tornou sombria. Ele se virou lentamente, se vestiu e levantou. Ele olhou para o oceano. Ela também se vestiu, feliz pelo calor do seu casaco e passando a mão por ele para

garantir que o seu diário e o pergaminho ainda estavam seguros dentro dele. Ela ficou ao lado dele.

“Eu também quero ficar com você,” ele disse. “Mas confie em mim, você não quer ser imortal.

É uma maldição. É muito melhor morrer. Começar novamente, limpo, fresco, em outra vida, outro lugar, outro corpo. Não ter que se lembrar. Deixar o ciclo da vida correr. A nossa raça...

nós não somos naturais.”

Ele se virou e olhou para ela. “Não há nada que eu gostaria mais do que ter você ao meu lado.

Mas ficar comigo para sempre não vale a dor da imortalidade.”

“Por favor,” ela disse, segurando a sua mão. “É isso que eu quero. Me transforme,” ela disse, olhando em seus olhos. “Me transforme para que eu possa ser uma vampira verdadeira. Para que eu possa ficar com você para sempre.”

Ele olhou para ela, e seus olhos se encheram de lágrimas.

“Por mais que eu a ame, eu nunca poderia fazer isto,” ele disse. “Você ficaria presa no limbo para sempre. Nunca seria capaz de procriar. Eu nunca poderia condenar você a isto. Até mesmo por razões egoístas. E se eu a transformasse sem permissão, a minha punição seria severa.”

O coração dela se apertou. Talvez eles não estivessem destinados a ficar juntos, afinal. Caleb segurou a mão dela em silêncio.

“Se nós vamos passar a noite aqui, precisamos encontrar um abrigo, fazer uma fogueira,” ele disse. Ele a guiou enquanto eles caminhavam ao lado dos rochedos, em silêncio.

“Eu pensei ter visto algo antes, quando nós estávamos cavalgando,” ele disse. “Uma caverna,”

ele adicionou. “Lá,” ele disse, apontando. Realmente havia uma pequena caverna, isolada nos rochedos. Ela não era muito profunda ou larga, mas era o suficiente para oferecer abrigo. A entrada da caverna era feita da mesma areia fina da praia, e ela estava iluminada pela lua cheia. Já havia uma grande pilha de madeira queimada no centro. Certamente, outras pessoas haviam usado este lugar antes. Ele provavelmente era um ponto popular para grandes fogueiras, talvez, até para amantes passarem a noite. Caleb abaixou

as mãos e as esfregou com grande velocidade, como já havia feito antes, e em alguns segundos, a madeira estava acesa e queimando. Logo, uma fogueira viva estava iluminando a caverna. Rosa se aproximou e se deitou ao lado dela. Caitlin se aproximou, ficando em pé ao lado de Caleb e colocando um braço ao redor da sua cintura, sentindo o calor do fogo.

Ambos se sentaram e observavam a caverna, o teto, as pichações nas paredes. Ela tinha o formato de um arco, e a luz refletia nela de um milhão de maneiras estranhas.

“Para onde nós vamos agora?” Caitlin perguntou.

Ela estava perguntando sobre a espada. Mas também estava perguntando sobre eles.

“Eu não sei,” ele disse. “Nós parecemos ter chegado a outro empasse.”

“Eu sinto muito,” ela disse. “Talvez, o meu sonho... Talvez, ele não tenha significado nada.

Talvez, nós tenhamos seguido a trilha na direção errada. Talvez, nós tenhamos que voltar até a Casa Vincent. Talvez, haja alguma coisa lá que nós não vimos, alguma pista que apontaria –”

Caleb colocou a mão no braço dela de repente, parando-a. Ele estava olhando para as paredes, examinando-as. Ela olhou para cima e também viu. Ele se levantou e ela seguiu. Lá, no canto da caverna, bem em cima, havia um entalhe na parede, quase no formato de uma cruz. Aquilo parecia surreal, sobrenatural. Eles apenas haviam visto o entalhe devido ao brilho da lua cheia e porque a fogueira estava forte. Se não fossem estes dois elementos, ninguém jamais teria visto. Ele era pequeno. E se não fosse pelos seus olhos afiados, eles não o teriam visto.

Caitlin esticou o braço e raspou a pedra e a sujeira. Quando ela o fez, o formato se tornou claro. Realmente era um pequeno entalhe. Na forma de uma chave. Caitlin colocou a mão no bolso e extraiu a pequena chave da casa Vincent. Ela a segurou e olhou para Caleb. Ele assentiu. Ela a inseriu no entalhe e ela se encaixou perfeitamente. Eles trocaram olhares, estupefatos. Ela virou a chave e ouviu o clique. Um pequeno compartimento se abriu na parede da caverna. Ela esticou a mão e extraiu o objeto. Era um pergaminho.

Rasgado pela metade. Os dois trocaram olhares, sem saber o que dizer. Era a segunda metade do pergaminho.

*

Caitlin colocou a mão no bolso e retirou a outra metade do pergaminho. Ela ficou feliz em ver que ele ainda estava em seu invólucro isolado, protegido contra danos do ar e da água. Eles juntaram as duas partes e se aproximaram do fogo, segurando-os contra a luz. Quando o fizeram, a inscrição inteira ficou clara: Os Quatro Cavaleiros percorrem uma trilha para a liberdade.

Eles deixam terras comuns, Entram em um círculo de sangue, Se encontram na casa, E encontram aqueles que amavam Ao lado da quarta ponta da cruz.

Os dois olharam um para o outro, maravilhados por tê-lo encontrado ali.

“O que isto significa?” ela perguntou.

“Eu... não tenho certeza. Mas estas palavras... uma ‘trilha para a liberdade,’ e ‘comum’ ... Eu posso estar errado, mas acredito que tudo aponta para a Trilha da Liberdade (Freedom Trail).

Boston. Isto explicaria a ‘trilha para a liberdade.’ E o ‘comum’ poderia ser o Boston Common.

Eu não sei para onde, exatamente, ele está apontando, mas eu imagino que é em algum lugar na Trilha da Liberdade. Isto faria sentido. Salem, Edgartown, Boston. Todos os três lugares estão fortemente conectados.”

Caitlin se esforçou para entender aquilo.

“Mas... como é possível?” ela perguntou.

“Parece tão aleatório. Por que nós o encontraríamos aqui? Nesta caveira? Neste lugar? Não faz nenhum sentido. E se nós tivéssemos ido para outro lugar?”

“Mas faz sentido,” ele respondeu. “Pense nisso. Nós não viemos aqui por acidente. O seu pai visitou você. Ele nos trouxe aqui. E aqueles cavalos nos levaram exatamente até esta caverna e pararam.” Ela olhou para ele.

“Os cavalos são uma grande ajuda para a raça dos vampiros. Eles são místicos. Mensageiros.

Eles estão conosco desde o início dos tempos. Eles vieram quando nós precisamos deles. Não foi coincidência. Eles nos trouxeram aqui. Às vezes," ele continuou, "eventos que parecem ser uma coincidência são os mais planejados de todos."

Ela examinou o pergaminho, impressionada com a escrita antiga, com os eventos que os levaram até ali. Mais do que nunca, ela começou a sentir que tudo aquilo estava destinado a acontecer. E ela começou a esperar que talvez o seu relacionamento com Caleb também estivesse em seu destino.

"Então, para onde vamos agora?" ela perguntou. "Boston?"

Ele assentiu. "Parece que precisamos voltar para aquele barco."

VINTE E CINCO

Kyle andava pelo convés do pequeno iate, ansioso enquanto eles aceleraram naquela manhã na direção de Martha's Vineyard. Ele não conseguia ficar quieto. Ele odiava barcos, e odiava água. E pior, ele odiava cruzar a água, como a maioria da sua raça. Talvez, ele odiasse mais do que a maioria. Aquele garoto russo insistiu que Caitlin estava naquela direção. Então, ele havia ido com ele, subindo a costa, ao longo da rodovia. Mas então, a sua busca terminou em um cais. O russo havia apontado para o oceano. Ele havia insistido que aquela garota estúpida, a causa de todos os seus problemas, estava na ilha.

Kyle havia ficado com tamanha raiva que não havia sido capaz de se controlar. Não só essa garota o fez persegui-la por toda a costa leste, não só ela o havia feito perder a guerra, mas agora, ela o estava forçando a entrar em um barco, a cruzar águas. Ele havia entrado no primeiro iate ancorado que havia visto, pulou para dentro, e matou a tripulação inteira na hora. Ele jogou todos na água, roubou o seu barco e fugiu com o russo. Pelo menos, matá-los havia aliviado um pouco a sua fúria.

Mas agora que eles estavam no mar, cercados por nada a não ser azul, a sua raiva emergiu novamente. Ele já estava cansado de perseguir aquela garota. Ele queria encontrá-la logo e matá-la, depois de fazê-la mostrar a ele exatamente onde o seu pai estava—ou onde a espada estava. Ele estava praticamente tendo uma crise de ansiedade enquanto caminhava pelo convés, querendo que o iate andasse mais rápido. Ele correu até Sergei, que estava dirigindo, e gritou com ele novamente.

“Faça-o ir mais rápido!” ele gritou.

“Eu não consigo, meu mestre,” ele suplicou, com medo. “Este é o máximo de velocidade deste barco.”

“Você tem certeza de que ela está na ilha?” ele perguntou pela décima vez.

“Eu tenho certeza de que ela cruzou as águas nesta direção,” ele respondeu. “Eu sinto o cheiro dela em minhas veias.”

“Não foi isso que eu perguntei a você,” Kyle respondeu, ameaçadoramente.

O russo levantou a cabeça, olhando para o ar, aspirando-o. Por um momento, ele parecia confuso. Quase como se não tivesse certeza, ou estivesse mudando de ideia. Como se ele tivesse perdido o cheiro dela. Se tivesse, Kyle o mataria.

“Eu... tenho certeza de que eles vieram nesta direção. Eu sinto uma forte presença deles.

Mas... isto é tudo o que eu sei,” ele disse.

Kyle voltou irritado para o parapeito. O seu rosto queimava de raiva. Ele estava perdendo tudo. Depois de milhares de anos de espera, a guerra—a sua guerra—estava começando sem ele. Agora mesmo, em Nova York, a peste estava começando a se espalhar. Seu trabalho, iniciado. E aqui ele estava, longe de tudo, preso em um barco com algum estúpido cantor de ópera russo. Sem poder desfrutar de nada. Sem poder assistir aos patéticos humanos gritando, correndo para se salvar. Aquela era a parte que ele estava mais ansioso para ver.

Ele realmente faria aquela garota pagar. Kyle segurou o parapeito com as duas mãos com tamanha fúria que dobrou a barra na metade, depois a arrancou completamente.

*

Enquanto Caitlin estava na barca, segurando o parapeito, com a água se movendo rapidamente, com Rosa escondida em seu casaco e Caleb ao seu lado, ela olhou para o horizonte. Ela não conseguia ver a terra, mas sabia que ela estava chegando em breve. Uma parte dela desejou que ela nunca visse a terra. Desde que eles estivessem no mar, cercados pelo azul, as coisas permaneceriam as mesmas. Ela e Caleb ainda estariam juntos. Mas quando ela viu o primeiro sinal de terra, ela sabia que a vida iria começar, inexoravelmente, a mudar.

Assim que eles estivessem em terra, eles seriam atraídos, como um ímã, diretamente para o coração de Boston, até a Trilha da

Liberdade. Ela sabia que este seria o ponto final da sua busca. Ela podia sentir. E aquilo a apavorava.

Aparentemente, Caleb também estava nervoso. Ela olhou para ele e o viu agarrado ao parapeito, olhando para o mar, e ela pôde ver a preocupação entalhada em seu rosto. Ela estava começando a reconhecer as expressões faciais dele, e sabia que esta não era uma que ele usava com frequência. Ela podia ver que não era apenas o seu medo de água. Era algo mais. Ele também estava com medo do futuro deles? Do que aconteceria assim que eles encontrassem a espada? Os dois sabiam que, assim que a encontrassem, ele não poderia levar Caitlin com ele. Ele estaria em guerra. Provavelmente, voltaria para o seu clã, no meio de uma guerra de vampiros. Ela não conseguia ver um papel para si mesma nesta guerra. E no entanto, ela também não conseguia imaginar uma vida sem ele.

As coisas seriam diferentes entre eles agora. Quando ele colocou seu braço em torno da sua cintura e a segurou firme, ela percebeu que nunca havia se sentido tão próxima a alguém. Era quase como se eles fossem uma só mente, olhando para a água. Ela era uma mulher mudada.

E ela sentiu que, de alguma forma, mesmo que pouco, ele também havia sido mudado pela noite anterior. Desta vez, na viagem de volta, os dois estavam quietos. Nenhum dos dois estava obcecado com a última pista, nem tentaram decifrar o enigma, nem especularam onde a espada estaria. Eles estavam apenas felizes em ficar um ao lado do outro, em estarem juntos. Nenhum dos dois sentiu a necessidade de falar. Era a calma antes da tempestade, e ambos queriam apenas desfrutar dela.

De repente, Caleb ficou sério. Ele apertou o maxilar, como fazia às vezes quando estava se preparando para lutar. Ela olhou para ele.

“O que houve?” ela perguntou.

Ele olhou para o horizonte, apertando os olhos e o maxilar. Vários segundos de silêncio seguiram.

“Eu estou sentindo algo,” ele disse.

Ela esperou que ele dissesse mais, mas ele não o fez.

“O quê?” ela perguntou, finalmente. Ele observou por mais alguns segundos.

“Eu não sei,” ele disse. “Há uma grande calamidade. Eu posso sentir pessoas sofrendo... eu sinto... pessoas procurando por nós. E eu sinto... que estamos indo na direção de um grande perigo.”

VINTE E SEIS

Quando o seu iate chegou ao cais em Edgartown, Kyle não podia mais esperar. Ele pulou do convés, voando seis metros, e caiu habilidosamente no píer, deixando o russo para amarrar o barco. Em terra firme, ele já se sentia melhor. O russo o seguiu rapidamente, desligando o motor, ancorando o iate e correndo para alcançá-lo.

“Ei, você não pode ancorar o seu barco aí!” gritou um homem de meia-idade com uma barriga de cerveja e bochechas vermelhas, correndo até eles. “Este cais é particular! Está reservado para —”

Antes que o homem pudesse terminar, Kyle o agarrou com uma mão pela garganta, e apertou com tanta força que levantou o homem pesado do chão vários centímetros, balançando-o no ar. Os olhos do homem se esbugalharam e o seu rosto ficou totalmente vermelho. Kyle ficou sério, e com um único movimento, o jogou dentro d’água.

O homem espirrou água ao cair longe do iate. Kyle esperou tê-lo matado. Ele deveria ter apertado seu pescoço por mais tempo.

“Onde ela está?” Kyle exigiu uma resposta através de dentes cerrados.

O russo olhava ao seu redor nervosamente, tentando perceber onde estava. Ele levantou o nariz e sentiu o ar em todas as direções.

“Se você perdeu o rastro dela, eu vou matar você,” Kyle disse lentamente.

O russo olhou novamente, e parou na direção da rua principal.

“Ela foi por aqui,” ele disse.

Ele andou naquela direção, com Kyle o seguindo de perto.

*

Kyle e Sergei subiram as escadas da igreja baleeira de Edgartown e, sem diminuir o ritmo, Kyle chutou as portas duplas. Ele as quebrou com um barulho alto, e Kyle andou diretamente pela entrada e até o centro da igreja, com Sergei seguindo de perto. Eles pararam no meio da sala vazia, e olharam ao redor. Não havia ninguém ali. Kyle esticou o braço e agarrou o russo pelos ombros.

“Eu estou cansado disto! ” ele gritou. “ONDE ESTÁ ELA! ! ?”

“Em um lugar que você nunca encontrará,” veio uma voz calma e controlada do fundo da igreja. Ky le e Sergei se viraram. Lá estava Roger, na entrada olhando para eles calmamente.

Kyle sentiu a mudança na energia, e sabia que estava de frente para um dos seus. Finalmente.

Chega de humanos para o irritar. Eles estavam chegando perto. Kyle caminhou lentamente, com Sergei ao seu lado.

“Pelo contrário,” Kyle disse, lentamente, “você vai me dizer exatamente onde ela está, com quem ela está, e para onde ela está indo,” ele disse, se aproximando de Roger.

Roger deu alguns passos na direção deles, e de repente, colocou a mão para trás e lançou algo na direção deles. Kyle viu o objeto, mas Sergei não foi tão rápido. Vindo na direção deles estava uma longa e pontuda lança vampírica. Kyle se esquivou a tempo, mas Sergei não. A lança com ponta de prata arranhou a sua bochecha, cortando a pele, abrindo a sua bochecha antes de continuar. Ela não o atingiu em cheio, mas o suficiente para tirar muito sangue.

Sergei gritou de dor, levantando suas mãos até o rosto, agora coberto de sangue. Kyle não hesitou. Ele deu três passos à frente, pulou no ar e plantou um forte chute com dois pés no peito de Roger, fazendo-o voar pela sala e bater na parede. Antes que Roger pudesse levantar, Kyle já estava em cima dele, o sufocando. Kyle sentiu a energia de Roger, e ele podia sentir que Roger era um dos antigos. Um vampiro tão velho que a sua força havia diminuído bastante.

Kyle era mais forte do que ele, e sabia que poderia matá-lo facilmente. Ele iria gostar de torturá-lo. Lentamente.

Kyle viu um movimento repentino da mão de Roger, um lampejo de algo amarelo, e antes que ele pudesse reagir, ele entendeu. Roger havia colocado uma pílula de suicídio em sua própria boca. Era tarde demais. Kyle sentiu o corpo ficar inerte em seus braços. Com a maior fúria de sua vida, Kyle jogou a cabeça para trás e gritou, um rugido primal que fez todas as janelas da igreja quebrarem.

VINTE E SETE

Sam ainda estava se recuperando. Aquela cena dentro da casa móvel havia sido tão intensa que ele ainda não conseguia processá-la. Aquele pervertido. A faca. A luta. O seu rosto. E

então, Samantha. Matando-o daquele jeito. Era inacreditável. Quem era ela? Enquanto ele sentava no restaurante de beira de estrada, na frente dela em uma cabine, ele a observou. Ele estava mais atraído por ela do que nunca—mas também estava desconfiado agora. Cauteloso.

Ela parecia totalmente relaxada, tomando seu milk-shake de baunilha, e ele não conseguia entender. Essa era a mesma garota?

Aqui estava ela, esta garota superlegal, gostosa e incrível, com quem ele adorava estar—e no entanto, ela também havia sido aquela garota louca e psicótica que havia matado aquele pervertido sem sequer piscar. Ela realmente o havia matado? Tudo havia acontecido tão rápido, e o lugar estava tão escuro que ele não conseguia nem sequer saber com certeza o que havia acontecido. Mas ele se lembrava do barulho, aquele terrível som de quebra quando ela torceu o pescoço dele.

E ele lembrava de ter visto o homem cair no chão, totalmente inerte. O cara parecia morto para ele. Mas ele não podia dizer com certeza. Talvez, ela tivesse apenas o deixado inconsciente. Ainda assim. Como ela havia feito aquilo? Aquele cara era forte. E tinha uma faca. Pela milionésima vez, ele odiou a si mesmo. Ele havia sido tão idiota. Ingênuo. Como ele pôde acreditar nele, ter caído na armadilha de um predador da internet? Ele era realmente tão idiota assim? O que ele estava pensando? Ele estava tão envergonhado. Mais do que qualquer outra coisa, ele estava ainda mais convencido de que nunca encontraria seu pai.

Além de tudo isso, ele havia arrastado Samantha com ele. E o pior, ele nem sequer a havia protegido. Ela teve que protegê-lo. Que embaraçoso. Ela deve achar que ele foi um completo babaca. Ele

estava preocupado com a possibilidade de que ela simplesmente fosse embora. Ele não podia culpá-la.

“Você está bem?” ela perguntou, olhando para a bochecha dele.

Ele se lembrou e tirou a toalha de papel que estava grudada em seu rosto. Ele a verificou. O

sangramento havia diminuído—mas ainda doía muito.

“Sim,” ele disse, depois olhou para ela. Ele notou que ela não estava machucada. “Então, tipo, como você fez aquilo lá? Eu quero dizer, acabar com aquele cara?”

Ela encolheu os ombros. “Eu estudei karatê quase toda a minha vida. Eu espero que você não tenha ficado apavorado. Mas aquele cara era perigoso, e eu não queria correr nenhum risco.

Aquele foi um golpe muito fácil que eu usei nele. Eu posso ensiná-lo a você.”

Ela tinha um jeito de sempre fazê-lo se sentir melhor. Era como se ela soubesse o que ele estava pensando, e sabia como acalmá-lo. Era incrível. Todas as suas preocupações saíram pela janela.

“Eu sinto muito mesmo,” ele disse. “Eu sou um idiota. Eu não acredito que levei você lá.”

“Ei,” ela disse, “nós queríamos passear de carro, não é?”

Ele olhou para ela e os dois caíram na risada. A tensão no ar sumiu. Sam deu uma grande mordida em seu hambúrguer ainda inteiro, e quando o fez, Samantha olhou para o seu pulso de repente. Ela esticou o braço e o segurou com suas mãos frias. Sam baixou o hambúrguer antes de morder, e se perguntou o que ela estava fazendo. Ela puxou o pulso dele para perto dela, e o observou. O seu relógio. Ela estava olhando para o seu relógio. Enquanto observava, a sua expressão mudou. Ela parecia totalmente séria agora. Paralisada.

“O que foi?” ele finalmente perguntou.

“Onde você conseguiu isto?” ela perguntou, totalmente séria.

Ele olhou para o seu relógio. Ele havia se esquecido completamente que o estava usando. Ele sempre o havia usado, desde que era uma criança. Era como uma parte dele, e ele nem sequer percebia quando o estava usando. Era um relógio estranho,

ele tinha que admitir. Mas mesmo assim, ele não conseguia entender porque estava tão obcecada com ele.

“Ele era do meu pai,” ele disse. “Ou pelo menos, eu acho que era. Eu era novo demais para lembrar. Eu sempre o tive.”

Sam também estava olhando para ele agora, curioso. Ele era feito de algum tipo de metal estranho—ele sempre imaginou que fosse algum tipo de platina—e haviam entalhes estranhos na lateral. Ele parecia antigo e marcava o tempo de uma forma estranha. Era muito estranho que ele nunca tivesse que dar corda no relógio, ou trocar a bateria. Ele simplesmente sempre funcionou, e sempre marcou o tempo perfeitamente. Ela passou os dedos por ele.

“Aqui,” ele disse, tirando o relógio do pulso. “Vá em frente, examine-o. Experimente se quiser.

Ele tem uns detalhes muito legais na parte de trás. Eu nunca consegui entender o que significam,” ele disse, dando-lhe o relógio.

Ela parecia uma criança em uma loja de doces quando ele o colocou em sua mão. Ela o virou e o examinou cuidadosamente, e seus olhos se arregalaram. Ela parecia genuinamente surpresa.

“O que é? Você consegue ler o que está escrito? Eu acho que é, tipo... francês ou algo assim,” ele disse.

“É latim,” ela o corrigiu em um sussurro, sem fôlego. Ela olhou para ele, seus lindos olhos o encarando, abertos com surpresa e excitação. “Está escrito: a Rosa e o Espinho se encontram em Salem.”

VINTE E OITO

Caitlin e Caleb estavam parados em Boston Common, no topo de uma pequena colina, olhando para baixo, observando o parque. Ele segurava um mapa da Trilha da Liberdade que havia acabado de comprar em uma loja, e ele passou o dedo por ele várias vezes. Caitlin estava em pé ao seu lado, segurando as duas metades do antigo pergaminho.

“Leia-o novamente,” ele disse.

Caitlin apertou os olhos para identificar as palavras. Ela leu: Os Quatro Cavaleiros percorrem uma trilha para a liberdade.

Eles deixam terras comuns, Entram em um círculo de sangue, Se encontram na casa, E encontram aqueles que amavam Ao lado da quarta ponta da cruz.

“Uma trilha para a liberdade,” Caleb repetiu em voz alta, concentrado. “Isto tem que ser uma referência à trilha da liberdade. Faria todo o sentido. Ela fica bem no meio, entre Salem e Martha’s Vineyard. Nós estamos no centro. “E a referência à ‘terras comuns’... isto tem que ser Boston Common, onde nós estamos agora. Isto também faria sentido. No início do século 17, onde nós estamos parados, eles enforcavam as bruxas. É um lugar muito importante, especialmente para a raça dos vampiros.

“O pergaminho... ele diz que eles ‘deixam terras comuns.’ Mas isto significa que nós começamos aqui. Eu não sei bem porquê. E o resto dele... ‘um círculo de sangue’... ‘se encontram na casa,’ ‘a quarta ponta da cruz’... eu não sei para onde nós vamos daqui.”

Caitlin olhou ao seu redor novamente. A visão de onde ela estava era inspiradora. Ainda havia um pouco de neve, apesar do clima mais quente, e várias crianças estavam descendo de trenó do outro lado da colina, gritando alegremente, seus pais entrando na brincadeira. Enquanto Caitlin observava, ela viu um parque idílico e muito bonito. Era difícil para ela imaginar bruxas sendo enforcadas ali. Ela examinou o topo da colina, mas tudo o que viu foi uma grande árvore. Não havia nenhuma pista.

“Por que ‘quatro cavaleiros’?” ela perguntou. “O que quer dizer isto?”

“É uma referência ao Apocalipse. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, se espalhando pelos quatro cantos da terra. Eu acho que o que isto quer dizer é que, se nós não encontrarmos a espada, o Apocalipse chegará.”

“Ou talvez,” ela disse, “nós traremos o apocalipse se conseguirmos encontrá-la.”

Caleb se virou e olhou para ela, imerso em seus pensamentos. “Talvez,” ele disse, suavemente.

Ele olhou ao seu redor. “Mas por que aqui?” ele perguntou novamente.

“Por que este lugar? Caitlin pensou, e percebeu algo. “Talvez a questão não seja este lugar,”

ela disse. “Talvez a questão seja sair deste lugar. A jornada,” ela adicionou. Ele olhou para ela.

“O que você quer dizer?”

“O pergaminho fala sobre viajar, sobre deixar um lugar e ir para outro. Talvez, ele simplesmente queira que nós visitemos estes lugares, que viajemos. Mas não necessariamente encontrar coisas no caminho. Talvez, ele seja sobre a jornada.”

Caleb franziu a testa.

“É como aquelas pessoas que entram naqueles labirintos,” ela disse. “É a caminhada—é por isso que elas vão. Não o destino. Caminhar em certas direções, em certos padrões, pode mudar você de alguma forma.”

Caleb olhou para ela com simpatia. Ele parecia gostar da sua ideia.

“Ok,” ele disse. “Pode ser. Mas mesmo assim, para onde nós caminhamos? Para onde nós vamos agora?”

“Bem,” ela disse, examinando o pergaminho novamente, “ele diz que eles deixam as ‘terras comuns,’ e entram em um ‘círculo de sangue.’ Então, a nossa próxima parada seria o círculo de sangue.”

“Que é?” ele perguntou.

Ela ficou parada ao lado dele e examinou o mapa. Havia 18 locais na trilha da liberdade histórica. Em quatro quilômetros. Ela

ficou sobrecarregada só de olhar para o mapa. Ela não tinha ideia de onde ir. Ela olhou para todos os 18 locais, e nenhum parecia ter o formato de um círculo, ou de um anel. E certamente não havia referência à um círculo de sangue. Ela leu as legendas no mapa, e mesmo assim não encontrou nada. Então, ela viu.

Lá, na parte de baixo do mapa, estava uma nota. Embaixo da legenda para a Velha Assembleia, estava escrito: "Na base do prédio, na rua, fica o ponto que celebra o local onde o massacre de Boston ocorreu."

"Aqui," ela disse com entusiasmo, apontando. "O Massacre de Boston. Não há nada sobre um círculo, mas isto certamente tem a ver com sangue." Ela olhou para ele. "O que você acha?"

ela perguntou.

Caleb estudou o mapa. Finalmente, ele olhou para ela. "Vamos lá."

*

Quando Caitlin e Caleb deixaram o parque, entrando na Rua Court e indo na direção do coração do distrito histórico de Boston, a velha assembleia já podia ser vista. Era um prédio grande de tijolos, preservado perfeitamente desde o século 18, com múltiplas janelas históricas e coberto por uma enorme cúpula branca. Ele era impressionante em sua simplicidade e beleza. Quando chegaram até a base do prédio, eles caminharam ao redor da estrutura, procurando pelo local onde o massacre de Boston havia ocorrido. Finalmente, quando fizeram a curva, eles o viram. Ambos pararam onde estavam. Era um anel. Um círculo perfeito.

O ponto que marcava o massacre de Boston era pequeno, um pouco maior do que a tampa de um bueiro. Eles se aproximaram e o examinaram. Não haviam inscrições especiais. Era apenas um simples círculo, feito de ladrilhos pequenos, presos no chão na base da Velha Assembleia.

"Faz sentido," Caleb disse. "Nós estamos definitivamente no caminho certo."

"Por quê?"

"Aquela sacada, acima dele," ele disse, gesticulando. "Foi lá que a Declaração da Independência foi lida pela primeira vez." Caitlin olhou

para a pequena sacada no prédio.

“E?” ela perguntou.

Caleb respirou fundo, se preparando para explicar.

“A fundação desta nação foi na verdade, a fundação de uma nação de vampiros. Liberdade e justiça para todos. Liberdade contra a perseguição religiosa. Um pequeno grupo de pessoas conquistando uma grande e poderosa nação. Você realmente acha que um pequeno grupo de humanos poderia ter conseguido isto?”

“Fomos nós. A nossa raça. É isto que os livros não contam. A fundação da América é a fundação da nossa nação. “Mas as raças mais sombrias, como o Clã Blacktide, têm tentado roubar o nosso trabalho desde então. É por isso que sempre houveram duas facções em guerra. O bem e o mal. Liberdade e perseguição. Onde uma existe, a outra também estará.

“Seu pai, seja quem for, certamente foi um dos nossos fundadores. Os vampiros mais poderosos foram. E eram eles que tinham as armas mais poderosas, e a armazenaram para as gerações futuras.”

“Armazenaram?” Caitlin perguntou, tentando processar tudo aquilo.

“A espada que estamos procurando—a espada turca—foi criada para proteger, não atacar. Nas mãos certas. Nas mãos erradas, ela pode ser uma arma terrível. É por isso que ela foi escondida com tanto cuidado. Apenas as pessoas certas devem encontrá-la. E se alguém estava em uma posição de escondê-la, este alguém era o seu pai.”

Era informação demais para processar de uma só vez. Era difícil para ela absorver tudo aquilo, para acreditar que tudo aquilo era verdade. Mas parecia fazer sentido. E realmente parecia que eles estavam chegando ao fim da trilha.

“Eu não vejo nenhuma pista aqui,” Caitlin disse, olhando ao redor.

“Nem eu,” ele disse. “Então, se a sua teoria estiver certa, e a jornada for o importante, isto significaria que, por alguma razão, nós precisávamos ver isto, e depois continuar na trilha.”

Caleb pegou o pergaminho e o estudou novamente, segurando com ela.

“Se encontram na casa’,” ele leu lentamente. Ele ficou ali parado, pensando. “Que casa?” ele perguntou em voz alta. Caitlin pegou o mapa da trilha da liberdade novamente.

“Haviam muitas casas nesta trilha: a casa de Paul Revere, a casa de John Coburn, a casa de John J. Smith... Pode ser qualquer uma delas. Ou pode até ser uma casa que não esteja na trilha,” ela adicionou.

“Eu acho que eles nos colocaram nesta trilha por uma razão,” Caleb disse. “Seja o que for, eu acredito que deve estar na trilha.”

Ambos estudaram o mapa novamente, lendo todas as legendas. De repente, Caitlin parou. Ela percebeu algo.

“E se não for uma casa?” ela perguntou. Caleb olhou para ela.

“Por alguma razão, a referência à uma casa verdadeira parece óbvia demais para mim. Todas as outras pistas foram muito mais sutis. E se não for literal? E se for uma metáfora?” Ela correu seu dedo pela trilha.

“Por exemplo, e se, na verdade, for uma igreja? Olhe,” ela disse, apontando. “A Igreja da Casa de Reunião. É na outra rua.”

Caleb olhou para ela, e seus olhos se abriram em aprovação.

Ele sorriu. “Estou feliz de ter você ao meu lado,” ele disse.

*

Eles caminharam rápido pela Rua Washington e, em alguns momentos, eles estavam na frente da Igreja da Casa de Reuniões. Era outra igreja histórica perfeitamente restaurada. Eles entraram, e foram parados por uma atendente.

“Infelizmente, nós acabamos de fechar,” ela disse. Este é um museu em funcionamento. São cinco horas,” ela disse. “Mas fique à vontade para voltar amanhã.”

Caleb se virou para Caitlin, e ela pôde sentir o que ele estava pensando. Ele queria que ela testasse seu poder mental nesta mulher. Caitlin a encarou, diretamente nos olhos, e enviou uma sugestão mental. Ela deveria deixá-los entrar. Ela deveria fazer uma exceção para eles.

A mulher olhou para Caitlin de repente. Ela piscou. De repente, ela disse, "Quer saber? Vocês dois parecer ser um casal legal. Eu vou fazer uma exceção para vocês. Mas não contem a ninguém," ela disse com uma piscada.

Caitlin se virou para Caleb e sorriu, e os dois entraram no prédio. A igreja era linda. Era outro espaço aberto e enorme, com grandes janelas em todas as direções, e cheia de bancos de madeira, todos vazios. Eles tinham o lugar inteiro para eles. "É enorme," Caitlin disse. "E

agora?"

"Vamos seguir a trilha, para começar," ele disse, apontando para a trilha marcada do museu sob os seus pés, as grandes setas vermelhas guiando os visitantes pelo caminho. A trilha os levou até uma série de exposições e pequenas placas, presas ao corrimão de madeira. Eles pararam e leram. Os olhos de Caitlin se abriram. "Ouça isto," ela disse. "Neste ponto, em 1697, o juiz Sewall se desculpou por ser um dos juizes dos julgamentos de bruxas em Salem que, em 1692, as condenou à morte."

Caitlin e Caleb olharam um para o outro. A referência à Salem os entusiasmou. Eles devem estar no lugar certo. Todas as pistas de sua busca estavam convergindo. Eles sentiram que estavam muito próximos. Como se a espada estivesse se escondendo sob os seus pés. Mas eles olharam cuidadosamente à sua volta, e não encontraram nenhum lugar, nenhuma pista que apontasse para algum lugar.

"Bem, esta deve ser a 'casa de reuniões.' E se você estiver certa, e a jornada for o ponto principal, então a pergunta é: onde fica o quarto local?"

Ele levantou o pergaminho novamente. Eles deixam terras comuns, Entram em um círculo de sangue, Se encontram na casa, E encontram aqueles que amavam Ao lado da quarta ponta da cruz.

"Nós deixamos 'terras comuns,'" ele disse, "nós entramos no 'círculo,' e nós nos 'encontramos na casa.' Agora, nós precisamos 'encontrar aqueles que amavam, ao lado da quarta ponta da cruz.' Então, se você estiver certa e a jornada for o importante, isto significa que temos um último destino."

Os dois ficaram ali parados, pensando.

“Eu acho que ‘encontram aqueles que amavam’ é uma referência a encontrar o seu pai,” ele disse. “Eu acho que nós só temos mais uma parada para fazer. Mas onde? O que é a ‘quarta ponta da cruz?’ Outra igreja?”

Caitlin pensou. Ela procurou a resposta sem cessar. Ela estudou o pergaminho, depois estudou o mapa. Ela também achava que eles estavam perto. Ela concordava que havia apenas uma parada para fazer. Mas ela não estava percebendo onde essa parada seria. Ela olhou para todas as outras igrejas na trilha da liberdade, e nenhuma delas parecia certa. Então, ela percebeu. Ela deu um passo para trás e olhou novamente para o mapa. Ela passou o dedo por ele, por todos os lugares onde eles haviam estado. E seus olhos se iluminaram com entusiasmo.

“Uma caneta,” ela disse, sem fôlego. “Rápido. Eu preciso de uma caneta.” Caleb correu pelo corredor, encontrou uma caneta em um dos bancos, e voltou correndo. Ela começou a desenhar uma linha no mapa da trilha da liberdade.

“É um padrão,” ela disse. “Nós estamos percorrendo um padrão. Nós começamos em Boston Common,” ela disse, circulando aquele ponto. “Depois, nós entramos no círculo de sangue,”

ela conectou os dois pontos, circulando-os. Ela levantou o mapa, mostrando-o para ele. “Veja por onde nós caminhamos. Veja o padrão.”

Ele apertou os olhos, sem ter certeza.

“Não está terminado ainda, é por isso que você não está vendo. Nós andamos por apenas três pontos. Mas o quarto ponto irá completar o padrão.”

Ela desenhou uma linha reta para completar o padrão. O seu queixo caiu quando ele o reconheceu. “Uma cruz,” ele disse em voz baixa. “Nós temos que percorrer o caminho em forma de cruz.”

“Sim,” ela disse emocionada. “E se nós seguirmos a linha, se completarmos a cruz simetricamente, existe apenas um lugar para ir.” Ambos seguiram a linha que ela desenhou.

Ali, no ponto exato, na quarta ponta da cruz, estava o cemitério da King’s Chapel.

“Aqueles que amavam,” Caleb disse. “O cemitério.”

“Ele está enterrado lá,” ela disse.

“E eu aposto que a espada também estará.”

*

Samantha correu com a BMW pelos limites de Boston, Sam no banco do passageiro ao lado dela, indo na direção de Salem. Ela estava cada vez mais irritada com a dificuldade crescente em encontrar o pai dele. Ela havia tido certeza, quando viu aquelas mensagens do Facebook, quando Sam lhe disse com entusiasmo que havia entrado em contato com ele, que isto seria fácil. Ela o levaria até a casa de seu pai, e de lá, estaria em um caminho direto para a espada.

Mas as coisas haviam se complicado. Ela não havia esperado encontrar aquele pervertido, e acima de tudo, não havia esperado desenvolver nenhum sentimento por Sam. Aquilo estava complicando as coisas. Deixando seus sentidos menos aguçados. O seu plano original era tão simples: encontrar o pai dele, matar os dois, e voltar com a espada. Agora, ela não tinha certeza se queria matar Sam. Especialmente ao olhar para ele e ver a cicatriz fresca em sua bochecha, um lembrete de como ele havia tentado salvá-la. Mais do que qualquer coisa, ela estava furiosa consigo mesma, furiosa com a sua falta de disciplina. Ela odiava sentimentos.

Eles sempre atrapalhavam as coisas. Depois que ela havia visto o relógio dele, depois que ele a havia dado a pista de Salem, ela poderia tranquilamente ter abandonado Sam. Mas, por alguma razão estranha, ela o queria por perto. Ela não entendia bem porquê. Ela havia dito a ele que precisava de sua ajuda, para algo importante para ela, e que eles precisavam ir até Salem. Ele estava disposto? Ele havia dado um grande sorriso. Claramente, este era um garoto que não dava a mínima para a escola.

Além disso, ela ainda podia usá-lo para encontrar o seu pai. Ela havia tido sorte com o relógio.

Mas Salem era um lugar grande. E aquela inscrição poderia significar qualquer coisa. Tê-lo por perto poderia ser útil. De repente, ela sentiu algo e apertou o freio. O carro parou com um chiado no meio da estrada.

“Opa,” Sam disse, batendo as mãos no painel. “O que houve?”

Vários carros frearam com força atrás dela, apertando suas buzinas. Mas Samantha não se importava. Ela sentiu algo no ar. Uma vibração. Ela ficou ali sentada e levantou o queixo.

Sentindo. Sim. Lá estava de novo. Tão perto. O sinal era inconfundível. Havia uma atividade vampírica importante acontecendo. Aqui mesmo, em Boston. A vibração dela correu por suas veias. Estava tão perto. Ela sentiu uma urgência. Talvez, até algo a ver com a espada.

Ela saiu do tráfego de repente, e fez um retorno. Todo o tráfego em ambos os lados da estrada parou, enquanto ela acelerava na direção oposta de Storrow Drive. Sam foi jogado contra a porta, enquanto tentava entender o que estava acontecendo.

“Qual é a pressa?” ele perguntou, surpreso e um pouco assustado. Samantha dirigiu por mais algumas centenas de metros, depois fez uma curva acentuada para a esquerda, cantando pneus e cortando quatro pistas de tráfego.

“Mudança de planos,” ela disse.

*

Kyle pulou do iate antes que ele estivesse ancorando, e caiu com agilidade nos paralelepípedos de Boston. Logo, o russo estava ao seu lado. Ele havia pensado em matar o russo na viagem de barco, muitas vezes, mas enquanto isto o deixaria temporariamente feliz, não o daria o que ele precisava. Então, ele decidiu dar uma última chance a ele, para ver se ele poderia, desta vez, guiá-lo na direção certa. Se o russo estivesse perdido em Boston, então, ele o mataria com certeza. E ele encontraria outra maneira de chegar. Kyle olhou para ele impacientemente.

Pelo menos, o garoto ainda tinha aquele grande ferimento na bochecha. Kyle tinha certeza de que ele deixaria uma bela e grande cicatriz. Pensar naquilo o deixou feliz. Felizmente para o russo, seus olhos se iluminaram, e ele apontou.

“Ela definitivamente está aqui, meu mestre,” ele disse, excitado. “Eu estou sentindo a sua presença. Fortemente. A apenas algumas quadras daqui.”

Kyle deu um sorriso. Desta vez, parecia real. Sim, ele acreditava nele. A quadras de distância.

Ele adorou o som daquela frase. Kyle se aproximou de um Towncar brilhante e novo, o motorista parado ao lado da porta aberta. Quando eles se aproximaram, o russo abriu a porta do passageiro e entrou.

“Ei! ” gritou o motorista. Mas antes que ele pudesse reagir, Kyle, com um soco forte, o jogou por vários metros. Sem diminuir a velocidade, Kyle entrou no lado do motorista, e com o carro já andando, foi embora. Kyle correu pelo tráfego de Boston, trocando de pistas por diversão, e batendo forte em algum carro enquanto o fazia. As buzinas começaram a soar ao seu redor.

Ele sorria largamente. Aquilo o fez se sentir um pouco melhor. Dentro de alguns momentos, ele sabia, aquela espada seria dele. E então, ele mataria todos.

VINTE E NOVE

Quando Caitlin e Caleb saíram da Casa de Reunião, fazendo a curva na Rua da Escola, eles enxergaram o Cemitério da King's Chapel. Ela estava a apenas algumas quadras de distância, caminhando reto. A quarta ponta da cruz, Caitlin pensou. Isto faz todo o sentido. Enquanto eles caminhavam, ela ficou impressionada com o fato de que eles haviam caminhado, todo aquele tempo, no formato de uma cruz, como se tivessem sido guiados por uma mão invisível.

Caitlin sentiu seu coração bater mais forte. Ela estava nervosa por finalmente conhecer seu pai, se ele ainda estava vivo. E nervosa por ver o seu túmulo, se ele estivesse morto. Ela não tinha certeza de como iria reagir em qualquer das situações. Mas ela também estava entusiasmada, aliviada por finalmente saber exatamente quem ele era, de onde ela havia vindo. Ela estava feliz em saber qual era a sua descendência, e qual seria o seu destino. Ela também estava nervosa com a possibilidade de que isto significaria o fim entre ela e Caleb. E

se eles realmente encontrassem a espada? O que ele faria? Ele iria embora lutar em sua guerra? Salvar o seu clã? E onde ela entraria nesta história?

Os dois deram as mãos enquanto caminhavam na direção do cemitério, a apenas 30 metros de distância. Ela o sentiu apertar a sua mão. Talvez ele estivesse tendo os mesmos pensamentos.

Seja lá o que eles encontrassem nos próximos minutos, aquilo poderia mudar a vida dos dois para sempre. Caitlin sentiu Rosa se esconder mais em seu casaco. O sol estava se pondo quando eles entraram no pequeno cemitério. O Cemitério de King's Chapel era relativamente obscuro, o menor e mais esquecido de dois cemitérios históricos de Boston.

Ele não era muito grande, tinha apenas 30 metros de largura e apenas alguns metros de comprimento. Ele estava cheio de pequenas lápides, com centenas de anos. Uma estreita passagem de

paralelepípedos se alongava e Caitlin colocou Rose no chão ao lado deles, e os três caminharam juntos. Caitlin e Caleb examinaram cada uma das lápides. O coração de Caitlin estava batendo forte enquanto ela lia cada inscrição. Esta poderia ser do seu pai? Ou aquela?

Eles começaram no fundo, na última fileira, e foram de lápide a lápide, procurando por uma pista, por qualquer coisa. Ela se sentiu atraída pelas lápides maiores, os monumentos maiores.

Ela esperava que seu pai fosse alguém importante quando viveu, esperava que um dos grandes monumentos estivessem reservados para ele. Mas nenhum dos monumentos era dele. Na verdade, o seu nome não estava em lugar nenhum. Quando eles terminaram sua busca, de volta ao início, na entrada, Caitlin olhou para o cemitério e percebeu que havia uma última fileira de túmulos. Era a fileira mais próxima da rua, mais próxima da entrada. Eles a percorreram lentamente, de lápide a lápide.

E lá estava, bem no fim. Uma lápide: "Elizabeth Paine. Morreu em 1692." Era a mesma Elizabeth Paine de Salem. A mesma mulher de A Carta Escarlata de Hawthorne. A mesma mulher que, de acordo com Caleb, havia acasalado com um vampiro. A mesma mulher que tinha o sobrenome de Caitlin. Era aqui que ela estava enterrada. Era por ela que eles estavam procurando todo este tempo? Caitlin estava procurando não por seu pai, mas por sua mãe? Ou o marido de Elizabeth seria o vampiro?

Caleb se aproximou e se ajoelhou ao lado do túmulo com Caitlin. Rosa sentou ao lado dele, também olhando para o túmulo, como se o examinasse cuidadosamente.

"É aqui," ele disse, maravilhado. "É aqui que nós tínhamos que chegar. É o lugar de descanso dela. A sua antepassada."

"Então," Caitlin não sabia por onde começar, "era pela minha mãe que nós estávamos procurando todo este tempo?"

"Eu não sei," Caleb disse. "Pode ser que ela fosse o vampiro. Ou pode ser que ele fosse o homem com quem ela casou."

"Mas," Caitlin começou, ainda confusa, "isto significa que eles estão mortos? Ou ainda estão vivos?"

Caleb balançou a cabeça lentamente. "Eu não sei," ela finalmente disse. Ele pegou o pergaminho novamente: "E encontram aqueles

que amavam ao lado da quarta ponta da cruz.”

Ele olhou para o cemitério ao seu redor. “Este tem que ser o lugar certo. Estes são ‘aqueles que eles amavam.’ Esta deve ser a quarta ponta da cruz. Não há nenhum outro lugar que possa ser,” ele disse, examinando o local. “No entanto, eu não vejo nada que indique onde a espada está escondida. E você?”

Caitlin olhou para o pequeno cemitério novamente, enquanto o sol o iluminava com uma luz vermelho sangue. Ela suspirou. Não. Não haviam pistas. E então, ela percebeu algo.

“Leia de novo,” ela disse. “Devagar.”

“E encontram aqueles que amavam,” ele leu, lentamente, “ao lado da quarta ponta da cruz.”

“Ao lado,” ela disse, com os olhos iluminados.

“O quê?” ele perguntou.

“Ele diz ao lado da quarta ponta da cruz. Não na quarta ponta da cruz. Ao lado dela,” ela disse.

De repente, os dois se viraram ao mesmo tempo e olharam para o grande prédio de pedra ao lado deles. A igreja King’s Chapel.

*

Quando entraram na igreja vazia, Caleb rapidamente fechou a enorme porta atrás deles. Ela bateu com um barulho, ecoando. A igreja estava fechada e a porta havia sido trancada, mas ele a quebrou com sua incrível força. Agora, eles tinham o lugar todo para eles. Enquanto eles caminhavam pela linda e pequena capela, a luz do sol poente entrando pelos vitrais, Caitlin se sentiu imediatamente em paz. Aquele era um lugar aconchegante e elegante, seus bancos segmentados em assentos de família e revestidos com veludo vermelho. Perfeitamente preservados. Ela se sentiu como se tivesse entrado em um outro século.

Caleb caminhava ao lado dela, e os dois lentamente examinavam o local. Uma quietude pairava no ar.

“É aqui,” ele disse. “Eu posso sentir,” ele disse.

E pela primeira vez, Caitlin também sentiu. Ela notou que estava começando a sentir mais as coisas, e podia sentir a presença da espada aqui. Ela a eletrizava. Ela não sabia o que a entusiasmava mais: que a espada estava ali ou que ela conseguia sentir a sua

presença. Caitlin colocou Rosa no chão ao seu lado e caminhou lentamente pelo corredor acarpetado, tentando usar seus sentidos aguçados para sentir onde a espada poderia estar. Os seus olhos se focaram no púlpito.

No fundo da capela, uma linda e pequena escadaria circular subia e terminava em um púlpito.

Parecia um lugar onde pastores devem ter pregado por centenas de anos. Por alguma razão, ela se sentiu atraída para ele.

“Eu também senti,” Caleb disse.

Ela se virou e olhou para ele.

“Vá,” ele disse. “Suba. É a sua espada. É a sua descendência.”

Ela continuou a andar pelo corredor, e lentamente subiu a escadaria circular. Rosa caminhou com ela, e sentou na base dos degraus. Ela olhou para Caitlin e a observou. Ela gemeu suavemente. Caitlin chegou ao topo, uma pequena caixa, grande o suficiente para um pastor ficar de pé, e observou a madeira trabalhada, se perguntando onde ela poderia estar. Não havia nenhum sinal óbvio de nada, apenas um corrimão de madeira na altura de seu peito, construído em um formato circular. Ela sentiu a maciez da madeira, envelhecida por séculos de uso, e não viu nenhum compartimento, nenhuma gaveta, nada óbvio.

Então, ela viu.

Havia uma impressão minúscula na madeira, algo pintado. A forma de uma pequena cruz. Com quase o mesmo tamanho da cruz que ela usava. Ela raspou a impressão, e anos de tinta saíram. Lá, realmente, estava uma fechadura. Ela removeu sua gargantilha e a inseriu. Ela entrou perfeitamente. Ela a girou, e ouviu o clique suave. Ela puxou, e nada aconteceu. Ela puxou com mais força, e pôde ouvir a tinta quebrar. As dobradiças haviam sido pintadas. Ela tentou puxar com mais força e raspou a tinta. Ela enfiou os dedos dentro o suficiente para segurar a porta, e puxou com força. Ela começou a ver o contorno de um compartimento algo, longo e estreito. Ela puxou novamente. E ela abriu.

Ar velho, preso por séculos, chegou até ela, junto com uma nuvem de poeira. E quando a poeira sentou, seus olhos se arregalaram. Lá estava ela. A espada. Ela era incrível. Coberta de

ouro e joias do punho à ponta, ela já conseguia sentir o seu poder. Ela estava quase com medo de tocá-la. Ela esticou o braço e a pegou com reverência. Gentilmente, ela colocou uma mão no punho e a outra na bainha. Ela a puxou lentamente e a levantou para que Caleb pudesse vê-la. Ela pôde ver o queixo dele cair. Ela segurou a bainha e extraiu a espada, e com um tinido suave e belo, a lâmina foi revelada. Ela era feita de um metal que ela não reconhecia, e ela brilhava como nada que ela já havia visto. A energia emanando dela era esmagadora. Ela parecia eletricidade, e estava correndo pela sua mão e braço. Com esta espada, ela sentia que poderia fazer qualquer coisa.

*

Samantha parou a BMW completamente na frente da King's Chapel. Abandonando o carro no meio da rua, ela pulou para fora. Sam, seguindo-a, pulou para o outro lado. As buzinas soaram.

"Ei moça, você não pode estacionar aí!" gritou um policial, se aproximando dela.

Samantha esticou o braço e empurrou seu pulso no nariz do policial, quebrando-o e fazendo com que ele caísse de joelhos, inconsciente. Antes que ele caísse no chão, ela esticou o braço e pegou a arma do seu coldre. Sam ficou ali parado, com a boca aberta, em choque.

"Mas que m—" ele começou a dizer.

Mas antes que ele pudesse terminar, ela o agarrou pelo pescoço e o levantou do chão. Antes que ele soubesse o que estava acontecendo, ela o estava segurando no ar, carregando-o pelos degraus e até a porta da King's Chapel.

"Samantha!" ele tentou gritar. "O que você—"

Arrastando Sam, ela chutou a porta da igreja com um pé e correu para dentro.

"NÃO SE MEXA!" Samantha gritou.

Samantha parou ali, no corredor da igreja, mantendo Sam como refém com seu braço esquerdo e apontando a arma para a sua cabeça com a direita. Samantha olhou para cima e viu aquela garota — Caitlin — parada no topo do púlpito, segurando a espada. A sua

espada. A espada que ela precisava. Ao lado, ela viu aquele outro vampiro. Aquele que traiu o seu clã.

Caleb. E na frente dela, no corredor, estava um pequeno filhote de lobo rosnando.

“Largue a espada,” Samantha gritou, “ou eu matarei o seu irmão!”

Sam tentou se soltar, mas a força dele não era páreo para a dela.

“Por favor,” Sam disse, “não faça isso. Por que você está fazendo isso?” ele gemeu.

Samantha pôde ver que Caitlin parecia confusa. Sem saber o que fazer. Ela ficava olhando para Caleb, como se quisesse que ele a aconselhasse sobre o que fazer.

“Não dê a espada para ela,” Caleb disse firmemente.

“Se você não der, eu vou matá-lo!” Samantha gritou. “Eu juro!”

“Sam?” Caitlin gritou.

“Eu sinto muito, Caity,” Sam choramingou. “Por favor. Dê a espada para ela. Não a deixe me matar.”

Um silêncio tenso caiu sobre eles, enquanto Caitlin debatia consigo mesma. Rosa começou a rosnar, indo lentamente na direção de Samantha.

“Ok,” Caitlin finalmente gritou. “Se eu lhe der a espada, você o soltará?”

“Sim. Jogue-a,” Samantha ordenou. “No chão. Lentamente.”

Caitlin hesitou mais um momento. Então, de repente, ela jogou a espada. Ela caiu com um tinido no chão, no centro do corredor. Equidistante entre ela, Caleb e Samantha. Naquele momento, Rosa correu e atacou Samantha. E Samantha apontou e atirou em Rosa.

*

De repente, houve uma batida forte na porta e, em um borrão de velocidade, Kyle e Sergei invadiram o lugar. Em uma sala já caótica, esta situação inesperada pegou todos de surpresa.

Kyle se aproveitou da confusão. Antes que alguém pudesse reagir, ele correu pelo corredor e, com um golpe, conseguiu derrubar Sam e Samantha e deixá-los inconscientes. A arma dela caiu no chão. Caleb não perdeu tempo. Ele correu na direção da espada, que ainda estava no chão. Mas Kyle também a viu, e correu logo

atrás dele. Antes que Caleb pudesse alcançá-la, Kyle pulou em cima dele, golpeando-o nas costas com o cotovelo e derrubando-o no chão.

Kyle caiu em cima dele, e os dois, iguais em força, começaram a lutar, a apenas alguns centímetros de distância da espada. Sergei se aproveitou da confusão. Ele correu pelo corredor, na direção da espada. Caitlin havia ficado chocada demais com todo o caos inicialmente, mas agora, ela entrou em ação. Ela precisava salvar Caleb. Kyle estava em cima dele, em vantagem, e levantando seus dedões até os olhos dele, para arrancá-los.

Ela pulou do púlpito, voando no ar e caindo 3 metros no chão da igreja. Ela correu até Kyle, e com um golpe, o chutou com força nas costelas, fazendo-o voar para longe de Caleb, na hora exata. E então, de repente, sem nenhum aviso, Caitlin sentiu uma enorme dor. Ela gritou ao sentir o metal penetrando as suas costas, sua pele, seus intestinos, saindo pelo seu estômago, e para fora de seu corpo com a mesma rapidez. Quando ela caiu de joelhos, pôde sentir o sangue correndo pela sua garganta, sua boca, seus dentes, escorrendo do seu queixo. Em seu choque, sua agonia, ela olhou para baixo e percebeu que havia sido perfurada por trás. Pelas costas. Pela espada.

“NÃO!” soluçou Caleb, ao se virar para ela, correndo para o seu lado. Caleb estava tão distraído que não viu Sergei parado na frente deles, segurando a espada ensanguentada, rindo com um sorriso maléfico.

“Você me matou antes da minha hora,” ele rosou para Caitlin. “Agora eu lhe devolvi o favor.”

Sergei fugiu correndo, pelo corredor da igreja. Kyle se levantou rapidamente e correu atrás dele, para fora da igreja. Quando eles passaram por ela, Samantha recuperou a consciência e, em um movimento rápido, agarrou Sam, inconsciente, o colocou em seu ombro, e saiu atrás deles. A igreja estava vazia agora, com exceção de Caitlin e Caleb. E Rosa, deitada em um canto, gemendo, sangrando.

“Caitlin!” Caleb gritou enquanto a segurava pelos ombros. Ele se inclinou sobre ela, acariciando seu rosto, e pôde sentir as lágrimas

correndo de seus olhos. Ele havia se chocado demais ao vê-la machucada para pensar na espada. Ele sabia, em algum lugar de sua mente, que os outros haviam saído do prédio, estavam fugindo, que tinham a espada. A espada que ele havia jurado proteger por toda a sua vida.

Mas agora, vendo-a caída ali, sangrando, morrendo, ela era tudo o que importava. Caitlin.

Enquanto estava ali deitada no chão da igreja, Caitlin sentiu o mundo ficar tão frio. Ela sentiu uma forte dor percorrendo as suas costas e estômago, sentiu o sangue deixando o seu corpo rapidamente, e mal conseguiu sentir as mãos de Caleb no seu rosto, segurando sua cabeça. Ela olhou para cima e viu o teto da igreja. E Caleb. Ela viu seu lindo rosto, olhando para ela. Ela sabia que estava morrendo. Mas, apesar de tudo, apesar de toda a dor, ela não sentiu muita tristeza por si mesma. Em vez disso, ela sentiu tristeza pela ideia de não estar com ele.

“Caitlin,” Caleb disse, soluçando. “Por favor. Não vá. Não me deixe! ”

Ele chorava enquanto a embalava em seus braços. Caitlin olhou para os grandes olhos dele, agora um tom de preto, e tentou focar neles. Não vá. Mas ela não podia.

“Caitlin,” ele disse, entre lágrimas. “Eu quero que você saiba. Eu vejo. Eu sei quem nós éramos juntos. Em nossas vidas passadas. Agora eu vejo tudo,” ele disse.

Caitlin tentou falar, tentou encontrar as palavras, mas as suas cordas vocais estavam se fechando. A sua garganta estava tão seca, e o sangue estava distorcendo tudo. Ela tentou, mas as palavras saíram em um sussurro.

“O quê?” Caleb perguntou, se aproximando mais dela. “Diga novamente.”

Ele se inclinou totalmente para frente, colocando seu ouvido perto da boca dela.

“Me... transforme,” ela disse.

Ele olhou para ela horrorizado, sem saber se havia ouvido direito. Com a sua última gota de força, Caitlin esticou o braço e agarrou a camisa dele, puxando-o o máximo que pôde para perto dela.

“Me transforme! ” ela ordenou.

Era o último resquício de força que ela tinha. Quando seus olhos se fecharam, ela sentiu o mundo saindo debaixo dela. E a última coisa que ela viu foi Caleb, se aproximando, mais e mais, seus dois dentes caninos à mostra, cada vez mais longos, enquanto ele se inclinava sobre ela. E então, ela sentiu a fantástica dor em seu pescoço, quando seus dois dentes perfuraram a sua pele. E o seu mundo virou escuridão.

FATOS VERSUS FICÇÃO

FATO:

Em Salem, Massachusetts, em 1692, doze garotas adolescentes conhecidas como “as afligidas,” sofreram de uma doença misteriosa que as levou à histeria e a gritar que bruxas locais as estavam atormentando. Isto levou aos julgamentos de bruxaria de Salem. A doença misteriosa que atacou estas meninas nunca foi explicada até hoje.

FATO:

A obra mais famosa de Nathaniel Hawthorne, *A Letra Escarlate*, é baseada na vida de uma mulher real, Elizabeth Paine, que viveu em Salem, e que foi punida por se recusar a revelar a identidade do pai de seu bebê.

FATO:

Nathaniel Hawthorne fez mais do que escrever sobre Salem: ele foi um residente por toda a sua vida, e veio de muitas gerações de residentes de Salem. Seu bisavô foi um dos principais promotores nos julgamentos de bruxas em Salem. A casa de Hawthorne foi preservada e permanece intacta em Salem até hoje.

FATO:

Em Boston, no início do século 17, bruxas foram enforcadas no topo da colina de Beacon.

FATO:

Elizabeth Paine está enterrada no cemitério de King’s Chapel em Boston. A sua lápide está claramente visível, na primeira fileira de túmulos, ao lado da capela.

AGORA DISPONÍVEL!

TRAÍDA (Livro 3 na série Memórias de um Vampiro) “O suspense no fim de TRAÍDA vai deixar o leitor suspirando por mais, e TRAÍDA recebe um A sólido pelo seu ritmo acelerado e história criativa.”

--The Dallas Examiner Em TRAÍDA (Livro 3 na série Memórias de um Vampiro), Caitlin Paine se acorda de um coma profundo para descobrir que havia sido transformada. Agora, como uma vampira verdadeira e pura, ela fica maravilhada com seus novos poderes, incluindo a sua habilidade de voar e a sua força sobre-humana. Ela descobre que o seu verdadeiro amor, Caleb, ainda está ao seu lado, esperando pacientemente pela sua recuperação. Ela tem tudo o que sempre sonhou. Até que, de repente, tudo sai terrivelmente errado. Caitlin fica horrorizada em ver Caleb com a sua ex-mulher, Sera, e antes que Caleb tivesse uma chance para explicar, Caitlin o manda embora.

Com o coração partido e confusa, Caitlin quer desistir de tudo, tendo como único consolo a filhote de lobo, Rosa. Caitlin também encontra conforto em sua nova vizinhança. Ela descobre que foi levada para uma ilha oculta no Rio Hudson—Pollepel—com um clã de elite formado por vampiros adolescentes, garotos e garotas, totalizando 24, inclusive ela.

Ela descobre que este é um lugar para excluídos, como ela, e ela conhece sua nova melhor amiga, Polly , e começa seu treinamento em combate vampírico de elite. Ela percebe que pode ter finalmente encontrado um lar. Mas uma grande guerra de vampiros está iniciando, e o seu irmão Sam ainda está em algum lugar, raptado por Samantha. O maléfico Kyle, com posse da espada mítica, também está pronto para a guerra, e nada o fará desistir da destruição de Nova York. Caitlin, apesar do seu novo lar, e apesar de ter encontrado um novo interesse romântico no elusivo vampiro Blake, sabe que ela só ficará na ilha por algum tempo, até que seu destino a chame. Afinal, ela ainda é a Escolhida, e todos ainda esperam que ela encontre o seu pai e a outra arma que poderá salvar a todos.

Dividida entre seus novos amigos e seus sentimentos persistentes por Caleb, ela deve decidir onde a sua lealdade está, e se ela está disposta a arriscar tudo para encontrar Caleb e tê-lo em sua vida novamente...

“TRAÍDA é um ótimo volume desta série. Morgan Rice realmente tem um sucesso com esta série. O ritmo é rápido, está cheia de ação, romance, suspense e intriga. Se você ainda não leu os dois primeiros livros, leia-os e depois, coloque as mãos em TRAÍDA! ”

VampireBookSite “TRAÍDA tem um romance interessante, um enredo forte, muita ação e um ritmo muito acelerado. Morgan Rice levou a história à um nível mais alto. O livro tem tantas surpresas maravilhosas que você não vai querer parar de ler até o fim.”

--The Romance Reviews

Sobre Morgan Rice Morgan é a autora da série épica de fantasia best-seller, O ANEL DO FEITICEIRO, atualmente com dez livros. O primeiro livro da série, UMA MISSÃO DE HERÓIS, está disponível como um download GRATUITO no Amazon!

Morgan Rice é a autora do best-seller MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO, uma série infanto-juvenil com dez livros que foram traduzidos em seis idiomas, e que começa com o livro TRANSFORMADA (Livro 1) um download GRATUITO no Amazon!

Morgan também é a autora dos best-sellers ARENA UM e ARENA DOIS, os primeiros dois livros da TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um suspense de ação pós-apocalíptico que se passa no futuro.

Morgan adora ler os seus comentários, por isso sintase livre para visitar www.morganricebooks.com e entrar em contato.

Livros de Morgan Rice O ANEL DO FEITICEIRO

UMA MISSÃO DE HERÓIS (Livro 1) UMA MARCHA DE REIS (Livro 2) UM BANQUETE DE DRAGÕES (Livro 3) UM CONFLITO DE HONRA (Livro 4) UMA PROMESSA DE GLÓRIA (Livro 5) UMA TAREFA DE VALOR (Livro 6) UM RITUAL DE ESPADAS (Livro 7) UMA DOAÇÃO DE ARMAS (Livro 8) UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro 9) UM MAR DE ESCUDOS (Livro 10) A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA ARENA UM: COMERCIANTES DE

ESCRAVOS (Livro 1) ARENA DOIS (Livro 2) MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro 1) AMADA (Livro 2) TRAÍDA (Livro 3) DESTINADA (Livro 4) DESEJADA (Livro 5) PROMETIDA (Livro 6)

JURADA (Livro 7) ENCONTRADA (Livro 8) RESSUSCITADA (Livro 9)
NECESSÁRIA (Livro 10)